U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Da Escola ao Escritório: Construír sobre o construido

Daniel da Costa Ferreira

M

2022

U.PORTO

Daniel da Costa Ferreira. Da Escola Construír sobre o Construido

Da Escola ao Escritório: Construír sobre o construido

Daniel da Costa Ferreira

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2022**

DA ESCOLA AO ESCRITÓRIO CONSTRUIR SOBRE O CONSTRUÍDO

Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura

Professor Orientador: Francisco Vieira de Campos

Daniel da Costa Ferreira

2022

“A arquitetura é uma mistura de nostalgia e antecipação extrema”

Jean Baudrillard

APRESENTAÇÃO

O desejo de associar a dissertação com a experiência pré-profissional, surge da procura por uma aprendizagem [ainda mais] completa. Pretendi enquanto estudante, otimizar este tempo ao máximo, pela procura de novos métodos e formas de se pensar e fazer arquitetura, aliados a uma nova realidade que são os constrangimentos das leis e especialidades, sem as quais não existe arquitetura. Propus-me, por isso, a um salto entre experiências pessoais, a um salto entre a teoria da universidade e a prática do escritório. **A Escola e o Escritório**.

Esta ambição levou-me a um escritório de arquitetura, no qual já tinha tido a oportunidade de estagiar no verão de 2019 enquanto estudante do segundo ano - **Menos É Mais Arquitetos.** Onde o meu orientador de trabalho acaba por coincidir com o meu orientador da dissertação.

Esta experiência pré-profissional inicia-se em março de 2022 e irá durar e até ao momento da apresentação da prova.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecer ao Arquiteto Francisco Vieira de Campos, por aceitar ser meu orientador e por aceitar o desafio proposto de integrar a equipa da Menos é Mais Arquitetos durante o desenvolvimento desta dissertação. Agradecer ainda por toda a orientação proporcionada na mesma.

Em segundo lugar, agradecer a toda a equipa da Menos é Mais Arquitetos, pela integração, pela paciência, pelos ensinamentos e pelas partilhas que muito ofereceram para o meu desenvolvimento pessoal e para a dissertação.

Por último, agradecer aos meus pais, à minha irmã e à Carol por todo o apoio proporcionado durante a realização desta dissertação e por estarem sempre presentes.

Obrigado!

RESUMO

Esta dissertação corresponde a uma síntese entre um percurso académico e uma experiência pré-profissional: **a Escola e o Escritório.**

A investigação da dissertação, mais que simplesmente mostrar uma panóplia de projetos, quer sintetizar as abordagens ao projeto. Pretende começar por demonstrar aquelas que são as metodologias de trabalho do escritório, para posteriormente, usá-las como método de comparação à minha abordagem pessoal. Procurando perceber como este influenciou o meu discurso ou a minha forma de pensar. Estas abordagens, dado o trabalho desenvolvido no escritório e o exercício académico de projeto, incidem sobre o tema do **Construir sobre o Construído.**

O primeiro momento da dissertação corresponderá a uma introdução teórico-prática das abordagens projetuais do escritório. A escolha de cinco palavras-chaves que sintetizam o exercício projetual do escritório vão sendo acompanhadas de demonstrações que as ilustram. O segundo momento aproveita a introdução feita no capítulo anterior e faz uma ponte entre a abordagem teórico-prática e a prática projetual do escritório. Aqui invocam-se dois projetos na qual participei enquanto colaborador, tendo um contacto direto com o método de trabalho no exercício de reabilitação. **[O Escritório]**

O terceiro e último momento pretende sintetizar aquele que foi o meu percurso enquanto estudante, enquanto aprendiz. Este momento, corresponderá a um ponto de situação no processo de desenvolvimento pessoal. Para satisfazer este propósito, proponho um regresso ao exercício desenvolvido em âmbito académico para projeto IV no ano 2020/2021, a Reabilitação e Ampliação da Quinta das Lamas, no qual sob um olhar mais maduro se irá procurar demostrar as abordagens e métodos pessoais usados. O discurso espera-se reinventado, decorrente do desenvolvimento pessoal com as abordagens projetuais do escritório. A escolha deste exercício de projeto prende-se pelo tema de reabilitação e pela disciplina de projeto quarto ser o ano em que o aluno tem máxima liberdade, máxima responsabilidade, onde o seu desenvolvimento enquanto aprendiz é maior, com métodos de trabalho mais vincados. **[A Escola]**

ABSTRACT

This dissertation corresponds to a synthesis between an academic path and a pre-professional experience: **the School and the practice**.

The dissertation research, more than simply showing a panoply of projects, wants to synthesize the project approaches. It intends to begin by demonstrating the office's working methodologies, and then use them as a method of comparison with my personal approach. Trying to understand how this influenced my speech or my way of thinking. These approaches, given the work developed in the office and the academic project exercise, focus on the theme of **Building over the Built**.

The first moment of the dissertation will correspond to a theoretical and practical introduction of the office's design approaches. The choice of five key-words that synthesize the office's design exercise will be accompanied by demonstrations that illustrate them. The second moment builds on the introduction made in the previous chapter and bridges the gap between the theoretical-practical approach and the office's design practice. Here we refer to two projects in which I participated as a collaborator, having direct contact with the working method in the rehabilitation exercise. **[The Practice]**

The third and last moment intends to synthesize what was my journey as a student, as an apprentice. This moment will correspond to a point of situation in the process of personal development. To satisfy this purpose, I propose a return to the project developed in the academic field for project IV in the year 2020/2021, the Rehabilitation and Expansion of Quinta das Lamas, in which, under a more mature look, I will try to demonstrate the approaches and personal methods used. The discourse is expected to be reinvented, resulting from personal development with the office's design approaches. The choice of this project exercise is due to the theme of rehabilitation and because the fourth year is the year in which the student has maximum freedom, maximum responsibility, where his development as a learner is greater, with stronger working methods. **[The School]**

INDÍCE

Apresentação		V
Agradecimentos		VII
Resumo		VIII
Abstract		IX
Índice		1
Índice de imagens		2
Lista de Acrónimos		7
Notas Introdutórias		8
Método		10
I.	**O Escritório**	**12**
	A ideia	14
	As regras	21
	A subversão da regra	25
	A forma	28
	O material	35
II.	**Obras relacionadas**	**42**
	Loft das Sobreiras	43
	Casa da Marechal Saldanha	48
III.	**A Escola**	**76**
	Projeto de um E-learning e um fitness para as Quinta das Lamas, Porto, 2021/2022	77
IV.	**Considerações finais**	**104**
Bibliografia		108
V.	**Anexos**	**110**

INDÍCE DE IMAGENS

I. ESCRITÓRIO

Fig. 1 - *"A materialização da ideia."*
Relações entre a ideia e a sua materialização.
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 2 - *"Retrocesso contemporâneo"*
Cobertura existente e ideia de retrocesso contemporâneo do desenho original.
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 3 - *"Desenho das infraestruturas"*
O desenho das infraestruturas para resolver o projeto.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 4 - *"O existente como gerador de regras."*
Relações entre a pré-existencia e o volume novo.
Fonte: João Mendes Ribeiro, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 5 - *1 "Compreender o existente"*
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 6 - *2 "Regra da ampliação"*
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 7 - *3 "Regras dos cheios e vazios"*
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 8 - *4 "Regras para resolver o lugar"*
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 9 - *5 "Regra da infraestrutura"*
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 10 - *6 "Oásis do vinho"*
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 11 - *"A fachada Sudoeste da Quinta do Lago."*
Exceção de reforço à regra.
Fonte: TRIGUEIROS, Luiz. Eduardo Souto de Moura. Blau, 2000; pág. 17;

Fig. 12 - *"A mesa."*
Relações entre a regra e a contra-Regra.
Fonte: Jornal dos Arquitetos, Nº225, Outubro-Dezembro de 2006, pág. 61;

Fig. 13- *"Subversão em Miragaia."*
Esquiço de FVC enquanto explicava a subversão em Miragaia.
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 14- *"Interior do lote."*
Maquete de trabalho.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 15- *"3 lotes ou 4?"*
Maqute de trabalho.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 16 - *"A forma do cheio e do vazio."*
Jorge Yazpik. Esculturas em betão
Fonte: https://arquitecturaenred06.blogspot.com/2012/03/esculturas-en-concreto.html acedido a 20/09/2022;

Fig. 17 - *"A pré-existencia e a forma do novo."*
Relações entre a pré-existencia e o novo.
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos.

Fig. 18 - *"Volumetrias"*
Relação volumétrica entre o novo e o pré-existente.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos.

Fig. 19 e 20 - *"Permanência."*
A casa em Folgosa.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 21 e 22 - *"Leveza."*
A casa em Aramalto.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 23 - *"Desmaterialização do pavilhão de Barcelona."*
Exposição *"Mies Missing Materiality"*
Fonte: Adrià Goula, in Anna e Eugeni Bach Website, consultado a 18.08.2022.
Disponível em: *https://annaeugenibach.com/2018/04/12/mies-missing-materiality/*

Fig. 24 - *"Desmaterialização do pavilhão de Barcelona."*
Exposição *"Mies Missing Materiality"*
Fonte: Adrià Goula, in Anna e Eugeni Bach Website, consultado a 18.08.2022.
Disponível em: *https://annaeugenibach.com/2018/04/12/mies-missing-materiality/*

Fig. 25, 26 e 27 - *"O desejo da desmaterialização."*
Centro interpretativo do Mosteiro da Batalha, Adega dos frades.
Fonte: Luís Ferreira Alves, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 28 e 29 - *"A nova materialidade."*
Mudança na materialização das fachadas. A proposta inicial e a proposta final.
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 30 - *"As derivações da pedra Basáltica."*
Betão pigmentado com inertes de basalto; o basalto que caracteriza a construção franca do existente; o pavimento;
Fonte: José Campos, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

II. OBRAS RELACIONADAS

LOFT DAS SOBREIRAS

Fig. 31 - *"A procura pelo tema."*
A pesquisa da solução para o núcleo do loft.
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 32 - *"O loft das Sobreiras."*
Maquete à escala 1:50.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 33, 34 e 35 - *"Os diferentes pisos."*
Maquete à escala 1:50.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

CASA DA MARECHAL SALDANHA

Fig. 36 - *"A Casa da Marechal."*
Os materiais e o vão horizonatal.
Fonte: Ana Pinheiro, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 37 - *"A Casa da Marechal."*
Alçado Oeste.
Fonte: FVC, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 38 – *"COBERTURA"*
Projeto de Execução.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 39, 40 e 41 - *"ALÇADOS"*
A. Oeste, A. Este e A. Sul. Projeto de Execução.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 42 - *"PLANTA: P -1"*
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 43 - *"PLANTA: P 0"*
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 44 - *"PLANTA: P 1"*
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 45 e 46 - *"CORTES: 11' AA'"*
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 47 - *"A Obra."*
Processo de construção da Casa Marechal.
Fonte: autor;

Fig. 48 - *"A imagem que acompanha o processo."*
Casa Laax, Arq. Valerio Olgiati.
Fonte: Casa em Laax / Valerio Olgiati in Archdaily, consultado a 15.09.2022. Disponível em *https://www.archdaily.com.br/br/796226/casa-em-laax-valerio-olgiati/57e8ae0fe58ece7686000002-house-in-laax-valerio-olgiati-photo*

Fig. 49 e 50 - *"O vão da cozinha, closet e hall de entrada."*
Corte.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 51 - *"O desenho que representa uma vontade."*
X, X+Y, X+Y, X
Fonte: Francisco Vieira de Campos, Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 52 e 53 - *"O caixilho de correr."*
Corte.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 54 e 55 - *"Portas."*
Planta.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 56 e 57 - *"Portas."*
Corte.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

III. A ESCOLA

Fig. 58 - *1 "O existente"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 59 - *2 "Os limites"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 60 - *3 "Os Amarelos"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 61 - *4 "O muro habitado"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 62 - *5 "A expansão a Norte"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 63 - *6 "A Quinta das Lamas"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 64 - *"O sítio."*
Fonte: Sobreposição entre imagem aéria fornecida pelos docententes de projeto 4 e a proposta.

Fig. 65 - *"PLANTA: COBERTURA"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 66 - *"Casa das Históriоas, Souto de Moura."*
Referências para a piscina.
Fonte: Vitor Gabriel, Casa das Histórias Paula Rego by Eduardo Souto de Moura in Metalocus, consultado a 05.10.2022. Disponível em: https://www.metalocus.es/en/news/casa-das-historias-paula-rego-eduardo-souto-de-moura

Fig. 67 - *"Fábrica dos Chapéus, Erich Mendelson."*
Referências para a piscina.
Fonte: Friedrich Steinberg, Herrmann&Co in Hidden Architecture, consultado a 05.10.2022. Disponível em: http://hiddenarchitecture.net/friedrich-steinberg-herrmann-hat-factory/

Fig. 68 - *"PLANTA: P 0"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 69 - *"PLANTA: P 1"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 70, 71, 72 e 73 - *"CORTES: C 1, C 2, C 3, C 4"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 74, 75, 76 e 77 - *"CORTES: C 5, C 6, C 7, C 8"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 78 - *"AXONOMETRIA"*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 79 - *"Maquete"*
Escala 1:500 entrega natal;
Fonte: Fotografia do autor;

Fig. 80 - *"Maquete"*
Escala 1:200 entrega final
Fonte: Fotografia do autor;

Fig. 81 - *"A imagem que acompanha o processo."*
Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, José Paulo dos Santos.
Fonte: Arménio Teixeira, consultado a 05.10.2022. Disponível em: *https://www.armenioteixeira.com/#/jos-paulo-dos-santos-1/*

Fig. 82 - *"A imagem que acompanha o processo."*
Câmara Municipal de Trofa, NOARQ.
Fonte: RAIAT TROFA TOWN HALL, in NOARQ website, consultado a 05/10/2022. Disponível em: https://www.noarq.com/raiat

Fig. 83 - *"Corte pela Casa."*
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 84 - *"A imagem que acompanha o processo."*
Private house in Kensington, David Chipperfield.
Fonte: Private house in Kensington, London, 2008-2012in David Chipperfield Architects website, consultado a 05/10/2022. Disponível em: https://davidchipperfield.com/project/private_house_kensington

Fig. 85 - *"A imagem que acompanha o processo."*
Kindergarten Riehen, Miller e Maranta.
Fonte: miller & maranta kindergarten. riehen in AFASIA, consultado a 05/10/2022. Disponível em: https://afasiaarchzine.com/2020/11/miller-maranta-kindergarten-riehen/miller-maranta-kindergarten-riehen-4/

Fig. 86, 87, 88 e 89 - *"Piscina."*
Planta e alçados interiores;
Fonte: Desenho do autor;

V. ANEXOS

Fig. 90 - *"No caminho para o escritório."*
Casa na Foz Velha, Siza Vieira;
Fonte: Fotografia do autor;

Fig. 91 - *"A foz Velha."*
Linguagem da Foz.
Fonte: Fotografia do autor;

Fig. 92 - *"Caderno."*
Apontamentos sobre a conferência.

Fig. 93, 94, 95 e 96 - *"Casa da Marechal Saldanha."*
Vermelhos e amarelos - Plantas.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 97, 98 e 99 - *"Casa da Marechal Saldanha."*
Vermelhos e amarelos - Alçados.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 100 e 101 - *"Casa da Marechal Saldanha."*
Vermelhos e amarelos - Alçados.
Fonte: Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitetos;

Fig. 96, 97 e 98 - *"Reabilitação E Ampliação da Quinta das Lamas."*
Vermelhos e Amarelos - Plantas.
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 97, 98 e 99 - *"Reabilitação E Ampliação da Quinta das Lamas."*
Vermelhos e Amarelos - Cortes.
Fonte: Desenho do autor;

Fig. 105-113 - *"Reabilitação E Ampliação da Quinta das Lamas."*
Vermelhos e Amarelos - Cortes.
Fonte: Desenho do autor;

LISTA DE ACRÓNIMOS

MeM - Menos é Mais Arquitetos;

FVC - Francisco Vieira de Campos;

CG - Crisitina Guedes;

ESM - Eduardo Souto de Moura;

ACAC - Arquipélago - Centro de Arte Contemporâneas.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Primeiro, é necessário entender a motivação na escolha desta modalidade de dissertação. Esta modalidade surge pela procura pessoal, de durante o tempo da universidade, maximizar as áreas do saber, aprofundando a relação entre a teoria e a prática projetual, entre a experiência académica e a prática do escritório. Continuar a desenvolver a minha abordagem projetual, apreendendo com quem já desenvolveu a sua.

Existe uma consciência da mudança do paradigma no ensino da arquitetura, onde formar rápido superou o formar bem, onde a economia foi colocada acima da qualidade do ensino. Com a regularização do ensino pela europa, foi criada uma espécie de *tábua rasa*[1], na qual todos os países membros passam a ter uma uniformização de tempos de estudos. Neste processo é desconsiderado o tempo que leva ao aluno a captação das diferentes temáticas, assim como o tempo para o seu desenvolvimento pessoal. *"Diz-se por vezes que a ciência de hoje é subserviente aos imperativos do lucro, mas isso não é nada de novo. O que é novo é a forma como a economia chegou para declarar guerra aberta à humanidade, (...)".*[2]

Isto prejudicou nefastamente o ensino e o desenvolvimento dos estudantes por toda a Europa. Na arquitetura, o ensino passou a cinco anos, onde existiram temáticas que inevitavelmente foram deixadas para trás, e onde o desenvolvimento do aluno é prejudicado por um ensino à pressão, onde ao invés de bem, forma-se rápido e muito. *"Pela primeira vez na história, gerações de arquitetos estão a sair de universidades europeias pior preparados do que os seus antepassados... Paradoxalmente, ao tentar criar arquitetos mais competitivos, só estão a ser produzidos arquitetos menos competentes."*[3]

O tema do construir no construído é um tema de interesse pessoal desde o início do meu desenvolvimento enquanto estudante de arquitetura. O primeiro contacto com o mesmo foi através da disciplina de Construção I, no segundo ano, onde fizemos o levantamento de uma habitação plurifamiliar dos anos 50, explorando aqueles que haviam sido os seus pormenores construtivos. A reabilitação e expansão do solar na cidade do Porto, no âmbito da Unidade Curricular Projeto IV, foi uma novidade que permitiu a exploração e entusiasmo em relação ao tema. Esta foi, talvez, uma das formas do exercício

[1] termo arquitetónico para um novo começo comum sem vernáculos, iniciado do zero, como proposto por Le Corbusier na *Ville Radiouse* em 1930.

[2] *"It is sometimes said that science today is subservient to the imperatives of profit, but that is nothing new. What is new is the way the economy has now come to declare open war on humanity, (...)"* DEBORD, Guy. *Commentaires sur la société du spectacle.* In FRAMPTON, Kenneth. Studies in tectonic culture. 1985. Pág. 377.

[3] *"For the first time in history generations of architects are coming out of European universities that are worse prepared than their forebears. . . . Paradoxically, by trying to create more competitive architects, only less competent ones are being produced"* FRAMPTON, Kenneth. *Studies in tectonic culture.* 1985. Pág. 379.

académico se adaptar ao paradigma da arquitetura portuguesa. A introdução excecional desta temática da reabilitação não interferiu com o desenvolvimento natural das abordagens do projeto, objetivo associado a esta unidade curricular.

O construir no construído em Portugal é um tema antigo que sempre fez sentido face à condição económica e territorial do país. Um país empobrecido onde é necessário trabalhar com o que existe para avançar. No entanto, esta falta de recursos económicos em nada interfere com o valor da arquitetura portuguesa. *"Eu utilizei muitas vezes pedra e quando mostrei as minhas obras a Jacques Herzog, ficou surpreendido: «Não me digas que Portugal é um país pobre, fazes tudo em Pedra! E pedra de grande dimensão.» Eu queria fazer o mercado em betão, mas era mais caro, porque o sítio do projeto tinha uns muros, e podia utilizar a pedra desses muros para fazer o mercado."*[4]

Para além da condição económica, existe a condição territorial. Num período recente não tivemos uma catástrofe ou uma guerra que dizimasse as cidades portuguesas como acontecera em algumas cidades da europa na primeira e na segunda guerra mundial. Estes acontecimentos permitiram a *tábua rasa* tão desejada pelo moderno, uma oportunidade de reiniciar as cidades segundo as ideias modernas. Surgiram então cidades novas, nascidas das cinzas da destruição massiva dos períodos pós-guerra. Em Portugal, talvez, o terramoto de 1755 tenha sido o último evento que permitiu este efeito de *tábua rasa*. Esta catástrofe permitiu a reconstrução e reorganização integra de toda a baixa, agora conhecida como a *'baixa pombalina'*, com a atualização dos estandartes das infraestruturas, o que tornou a cidade mais salubre e com a introdução das estruturas *'gaiola'* em madeira pensadas para resistirem a futuros eventos semelhantes. Em suma, a não existência destes acontecimentos num passado próximo, aliados com o fator económico leva à atualização do território através das construções existentes ao longo do tempo.

Por estas razões, é um tema que, aliado ao estudo dos métodos projetuais, faz sentido. Francisco Vieira de Campos, enquanto orientador comum da dissertação e da experiência pré-profissional percebeu o interesse neste tema e o rumo que a dissertação exigiria. O trabalho no escritório é organizado em torno desta premissa e deste momento que é o desenvolvimento da dissertação.

[4] *"Yo utilicé muchas veces piedra y cuando después mostré mis obras a Jacques Herzog, éste se soprendió: «No me digas que Portugal es un país pobre, ¡haces todo en piedra! ¡Y piedra de gran espesor!». Yo hubiera querido hacer el mercado en hormigón, pero era más caro, porque la finca del proyecto tenía unos muros, y podía utilizar la piedra de esos muros para hacer los del mercado."* FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis. *Una conversación biográfica*. 2018. Pág. 6.

MÉTODO

Ao contrário duma dissertação tradicional, esta vertente quer ser uma fusão entre um relatório de estágio e uma dissertação. Não pretende, por isso, retratar a obra, e muito menos expressar uma crítica sobre mesma. Ao invés, pretende-se focar na exposição do método e no processo de trabalho, desde o momento inicial do pensamento do projeto até à sua execução em obra. Compreendendo as várias etapas do projeto, desde o estudo prévio até ao acompanhamento de obra, não só ao nível da abordagem arquitetónica, como também em termos burocráticos e da coordenação de todas as especialidades.

Esta modalidade exige uma atitude que terá de ser pragmática, onde não existirá tempo livre para divagar ou duvidar sobre o caminho da dissertação. Terei de ser eficaz, aproveitando a oportunidade singular em que me encontro para desenvolver algo único.

A estratégia da dissertação já estava definida, [**entre a escola e o escritório]**. O tema também, no entanto, o seu desenvolvimento dependeria do trabalho que me fosse entregue. Com esta modalidade de experiência pré-profissional e dissertação unidos, tal como na arquitetura onde o tempo é necessário para estabilizar as ideias, também nesta modalidade a quarta dimensão desenrolou um papel essencial, pois muitas vezes só ele nos ofereceu pistas sobre o que escrever ou como se ia desenvolver o trabalho. Não esquecendo que inerente ao trabalho de escritório está um enorme trabalho em equipa, que implica um constante salto entre projetos, pois as prioridades da equipa levam a colocar o nosso trabalho em pausa.

Comecei, muito brevemente, por trabalhar no projeto de execução para uma reabilitação na Rua das Sobreiras, e, de seguida, foi me atribuído outra reabilitação, desta vez em fase de acompanhamento de obra, a casa na avenida Marechal Saldanha. Com estes dois projetos e através da conversa com o meu Orientador tornou-se clara a direção que a dissertação tomaria. Formalizando o subtema pretendido do **[Construir sobre o construído]**, frequentemente trabalhado no escritório e elemento de ligação com o exercício académico.

A estrutura do trabalho é lógica e é dividida em três momentos:

A *primeira parte,* será uma introdução teórico-prática ao escritório e aos seus métodos. Existirá um processo de leitura de diferentes autores sobre a arquitetura

praticada pelo escritório, uma visão exterior, assim como a leitura atenta de textos internos, ao qual com o decorrer do tempo juntarei a minha experiência pessoal enquanto colaborador. Este capítulo pretende fornecer ao leitor um enquadramento ao método projetual do escritório, através de cinco pontos: **A ideia; A regra; A subversão da regra; A forma; O material.** Que serão demonstrados através de obras que se desenvolvem sob a temática da reabilitação como: o Arquipélago- Centro de Artes Contemporâneas dos Açores; o Centro interpretativo do Mosteiro da Batalha; e obras não construídas como: O concurso Château de Beaucastel. Esta introdução ao escritório tem a particularidade de funcionar como uma 'opera aperta', um texto aberto ao qual ao longo do tempo vai se acrescentando, retirando ou alterando partes, motivadas pelo exercício diário da prática projetual no escritório, e pelas constantes leituras dos diferentes temas que acompanharam o desenvolvimento do trabalho. É, por isso, o primeiro a ser começado e o último a ser acabado, ou interrompido para o momento de entrega, porque em rigor poder-se-ia desenvolvendo ao longo do tempo.

A *segunda parte* corresponde a um salto da introdução teórico-prática do escritório à prática projetual do mesmo. Aqui invocarei duas obras, o Loft das Sobreiras, no Porto e a casa na rua Marechal Saldanha, no Porto. Ambas com objetivos diferentes. A primeira corresponde ao meu primeiro contacto com o escritório e com o tema, num estágio de verão que decorreu no verão de 2019, no segundo ano da universidade. Tendo esta obra correspondido a uma das maquetes que desenvolvi. Foi intenção do FVC que o início desta experiência começasse onde tinha sido interrompida, com este pequeno Loft em fase de execução. Infelizmente, foi colocado em pausa pouco tempo depois. A segunda obra corresponde ao projeto que estou a acompanhar no escritório, a Casa na rua Marechal Saldanha, elemento que se focará mais incisivamente esta segunda parte da dissertação, dado o longo tempo dedicado diariamente nela.

A *terceira parte* corresponde a um regresso à Escola, mais concretamente ao projeto IV, que representa a minha primeira experiência projetual sob o tema do construir no construído. Este regresso pretende ser usado para sintetizar aquelas que foram as abordagens pessoais no seu desenvolvimento sob um olhar mais maduro, após o conhecimento adquirido no escritório. As *notas finais* pretendem mostrar de que forma o meu discurso evoluiu, e fazer um ponto final neste trabalho.

I. ESCRITÓRIO

Menos é Mais Arquitetos

00. INTRODUÇÃO AO ESCRITÓRIO

É necessário uma breve nota inicial para contextualizar o escritório em que estou a desenvolver esta experiência pré-profissional, para no decorrer do trabalho, percebermos melhor o enquadramento que antevê algumas abordagens.

O escritório Menos é Mais Arquitetos é fundado em 1994 pelo arquiteto Francisco Vieira de Campos e pela arquiteta Cristina Guedes. Ambos formados sob o ensino da Escola do Porto, onde foram alunos de Souto de Moura no quarto ano.

Posteriormente, FVC estagia e aprende com o Arquiteto Eduardo Souto de Moura, já a Arquiteta CG estagia e aprende com o Arquiteto Álvaro Siza. É neles que se começam a identificar com um certo método de projetar. Inspiram-se pela forma como estes encaram o exercício do projeto; a forma pragmática como se relacionam com a realidade concreta da construção; e o uso do desenho como instrumento de rigor e medida, como meio para alcançar a clarificação e a síntese. Como Siza diz *creio que os arquitetos devem pensar pelo desenho e aprender a ver a realidade para ser capaz de a transformar.*

A arquitetura da MeM começa quando conseguem ler os sinais do contexto e dar sentido ao que existe. Alguns dos temas explorados nas suas obras são recorrentes, e correspondem à dicotomia entre construção leve e construção pesada. O nome do escritório já nos oferece pistas daqueles que são referências intemporais, como Mies Van Der Rohe ou Souto de Moura, e temas que percorrem a sua obra: com menos fazer mais. Com uma exploração constante de, com uma economia de meios, produzir riquezas espaciais, materiais e que envolvam emocionalmente o habitante no espaço. Sobre o trabalho da MeM, Nuno Grande, no texto para a revista TC construciones, remata com *"o 'menos' aqui não é apenas 'mais'- é TUDO"* [5].

A sua arquitetura não é indiferente a uma sociedade que se caracteriza pela constante mudança. Tudo encaminha para uma sensação de efemeridade, do descartável e do instável. Neste campo os arquitetos devem ser capazes de desenhar em direção ao futuro. Assumindo a sua incerteza. Desenhar o amanhã, é desenhar o incerto, com um olhar crítico do hoje. A obra é procurada deixar como uma *'opera aperta'*, para que uma forma possa receber múltiplos programas. Neste futuro incerto, as únicas certezas acabam por ser as infraestruturas. Tem de se desenhar essa certeza, onde o pragmatismo das infraestruturas que é transformado na beleza da arquitetura.

[5] *"(...) the "less" here is not only "more" - it is "everything"*. GRANDE, Nuno. *Ingenuity*. in TC Cuadernos: Menos é Mais Arquitetos. 2013. Pág. 6.

01. A IDEIA

Uma arquitetura que é pensada do geral para o particular. Começamos com uma panóplia imensa de fatores: o lugar; o programa; o orçamento; a legislação; a intuição; o reportório; etc; e sob um processo de decantação, aspiramos chegar ao essencial, à ideia.

"A ideia inicial permanece a chave de cada projeto. Uma ideia forte que permite elaborar um conceito onde se sintetize, desde início, todo o projeto."[6]

O momento inicial do projeto, pode parecer vago, onde se aparenta começar com uma folha em branco, no entanto, essa folha branca nunca está vazia- pois na cabeça de quem a pensa está um programa, um sítio e um enorme reportório.[7] Reportório este cheio de vivências e experiências, cheio de imagens vívidas e turvas de espaços, de matéria e tempo onde é impossível desassociar a vida, da arquitetura, onde todos se fundem e penetram no nosso subconsciente. Imagens ou experiências que todos os dias carregamos inconscientemente connosco desde a infância. Este é um espaço onde o arquiteto é livre de vaguear e procurar por sensações ou experiências, que ajudem a espelhar o essencial e o útil para o seu projeto. Quando o encontra é livre para se apropriar dessas vagas imagens e sensações e projetar sobre as mesmas, consolidando os seus princípios e solidificando a sua ideia.[8] Tornando a turva imagem em algo sólido e exequível. A presença deste reportório pessoal no exercício da procura da ideia é o que deduz a impossibilidade de desassociar o arquiteto da obra.[9] Toda a obra parte e desenvolve-se com um carácter autobiográfico, numa espécie de limbo entre a vontade do arquiteto, a vontade do cliente e a vontade do lugar.

A procura do conceito é a procura de um tema de investigação para o projeto. Todos os projetos têm um tema de investigação, e é isso que desenvolve o entusiasmo do arquiteto perante a obra, o desafio perante o novo. Quando o tema começa a ser repetitivo, o percetor já sabe o seu resultado antes de ter visto ou estudado a obra, criando voluntaria ou involuntariamente uma forma de fazer, ou se quisermos ser mais audazes uma *'imagem de marca'*.

A ideia é um instrumento que nos permite uma observação mental do objeto, não enquanto objeto final, mas como algo que o quer ser. A ideia não é operativa. Torna-se operativa quando estabiliza e dá lugar às regras, quando a estratégia adotada

[6] BAPTISTA, Luís Santiago; GADANHO, Pedro. *Médiations Technologiques*. In Arq./a #70. 2009

[7] *"Problema do desenho não existe; existe o problema do redesenho. Desenhar deve ser um fenómeno de inteligência, e desenhar do zero é um fenómeno de estupidez, porque é perder um legado de informação disponível."* MOURA, Souto de. *A ambição da obra anónima, uma conversa com Eduardo Souto de Moura.* In TRIGUEIROS, Luiz. *Eduardo Souto de Moura*. 2000. Pág. 32;

[8] ZUMTHOR, Peter. *Pensar a Arquitetura*. 2005. Pág. 43

[9] *"Quando olho para trás desta maneira, já não se deixam separar a arquitetura da vida, a situação espacial do que vivi dentro dela. Também quando me concentro exclusivamente na arquitetura, quando tento perceber o que vi, o vivido toma parte e dá cor ao visto. E introduzem-se memórias de experiências semelhantes. As imagens de situações arquitetónicas aparentadas sobrepõem-se e condensam-se mutuamente." Ibidem*. Pág. 48

resolve o lugar. É neste sentido que a ideia é o motor de tudo, esta tem de ser de tal maneira eficaz que tem de suportar todas as contrapartidas que surgem durante o desenvolvimento do projeto, e manter-se firme à sua pureza inicial. [10]

É desta pureza da ideia inicial e da vontade de a levar ao limite, que resulta a simplicidade do seu trabalho. Ainda que por trás desta simplicidade exista um processo complexo, trabalhoso e demorado; onde o tempo é uma ferramenta importante para o amadurecimento do projeto, ainda que na vida do escritório exista tudo menos tempo. Este processo de trabalho pode ser equiparado à composição de textos de poesia. O resultado final tão harmonioso e limpo, aparentemente simples, onde com pouco se passam tantas e tão fortes mensagens, escondem um processo extremamente demorado e trabalhoso, com milhares de horas e folhas de papel rasgadas.

Esta abordagem ao projeto por parte do escritório surge desde cedo com a aprendizagem que retiraram de ESM. Este insistia que cada projeto deveria ter um conceito eficaz e facilmente percetível, ao que chamava *'ideia força'*. No presente, é FVC a ensinar esta abordagem projetual aos seus alunos, que, tal como em ESM não passa da sua própria abordagem ao projeto. Como diz José Paulo dos Santos, *somos o que fazemos, ensinamos o que somos.*

Tenho a oportunidade única de estar presente no escritório enquanto o FVC desenvolve a sua tese de doutoramento. Enquanto o faz partilha connosco inquietações e certezas, que geram debates internos. Num desses debates que teve connosco explicou o quão fundamentais a ideia e o conceito são para o escritório, mas que existia um terceiro fator que era tão importante como os dois referidos: a estratégia de projeto.

A estratégia de projeto é algo que não cabe nos livros teóricos da arquitetura. É o momento em que o projeto se torna híbrido e procura manter os seus princípios adaptando-se a constrangimentos que surgem, como por exemplo, exigências de baixar custos por parte do cliente. FVC tem uma posição muito vincada sobre este tema, pois ele prefere ter uma boa obra construída ao invés de ter um projeto ótimo na gaveta. São necessárias estratégias fortes de projeto que permitam que o projeto reaja rapidamente a contrapartidas orçamentais, legais ou de outro carácter.

[10] *"A ideia tem de ser de tal modo eficaz que permite ser modificada naquilo que é permitido modificar sem perder a sua natureza e identidade original. Essa é sempre a nossa grande batalha…"* FONSECA, João Carlos. *Entrevista: Francisco Vieira de Campos | Cristina Guedes.* In ArchiNews 46: Menos É Mais. 2019. Pág. 43.

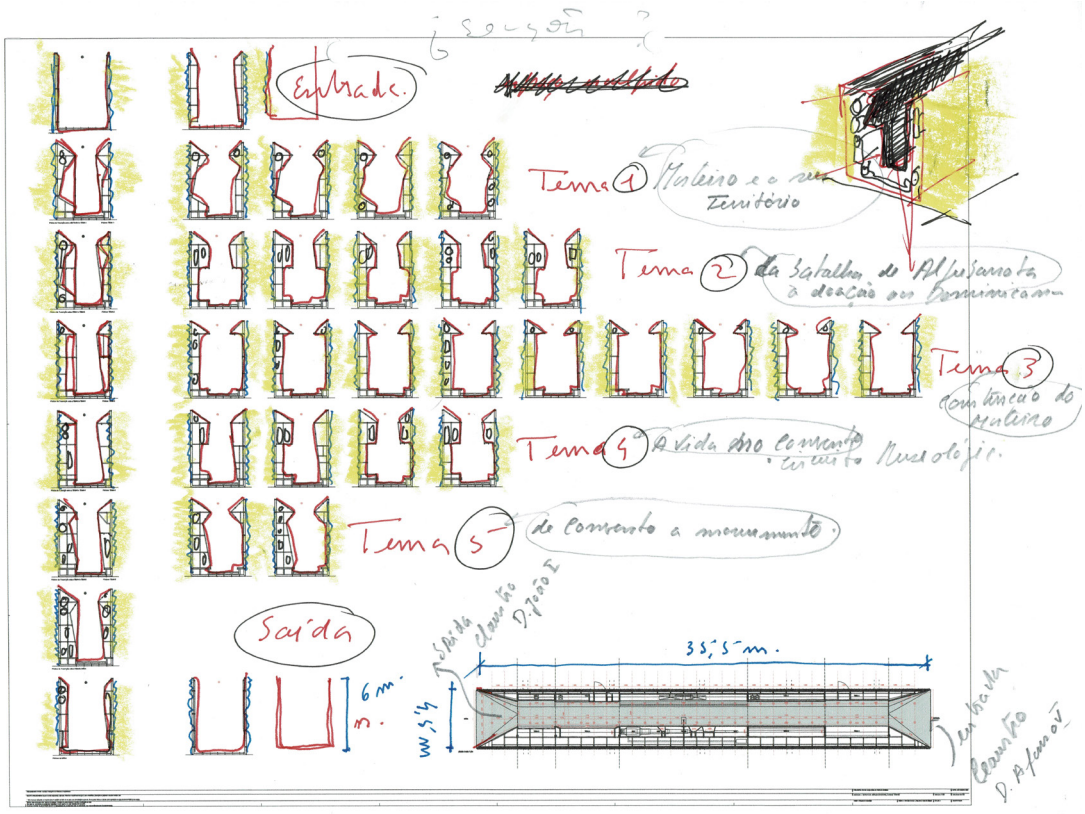


Fig. 1- ***"A materialização da ideia."***
Relações entre a ideia e a sua materialização

DEMONSTRAÇÃO 1 - Centro interpretativo do Mosteiro da Batalha- Adega dos frades. Batalha, Portugal.

A intervenção no mosteiro da batalha, é a intervenção na longa narrativa da história portuguesa. O concurso visava a construção de uma instalação para um centro interpretativo e um núcleo expositivo de cariz museológico, localizado no Mosteiro da Batalha, mais precisamente, na Adega dos Frades.

A adega do Frades, no percurso do visitante pelo monumento, não era ponto de partida ou ponto de chegada, era sim um ponto de transição, com carácter deambulatório. O objetivo seria neste espaço criar um lugar que conduzisse à reflexão. Uma passagem que informe e implante a curiosidade do que fora o mosteiro, as suas memórias, a sua história, contudo não se pretendia apenas retratar o passado, mas apontar um futuro.

O centro interpretativo, foi desenvolvido com a consciência do seu carácter efémero. Dado o seu tempo limitado, a proposta de intervenção permite uma atitude de rotura com o existente, não tem necessariamente de procurar a continuidade, como se faz no ACAC, ou nos Aliados, pois não é algo que vai procurar a eternidade. Este carácter de rotura com o pré-existente é um tema que o escritório explora em obras efémeras, como na proposta para a Recuperação na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz em Cascais.

A ideia de projeto é um *bastidor*. O carácter temporário da instalação estimula temas que são paralelos às várias intervenções no construído, como a reversibilidade da arquitetura e o toque mínimo na pré-existência. A proposta passa por uma estrutura autónoma e flexível, elevada do pavimento, apoiada sobre um canal infraestrutural. A rotura não quer dizer construir sem respeitar o existente, ou como se não existisse nada. A proposta procura a relação com o mosteiro através da sua escala ‘gigante’, esta invoca a memória passada da Adega dos Frades que outrora tinham sido dois pisos.

Várias obras que foram construídas sabendo que iam ser efémeras, como os bares de gaia, e se tornaram perenes. Esta não foi uma delas e foi desmontada. A ideia da reversão da arquitetura foi levada ao limite, e a pré-existência voltou ao que fora, sem marcas físicas da intervenção. As marcas agora estão nos livros e na memória dos que por lá passaram.

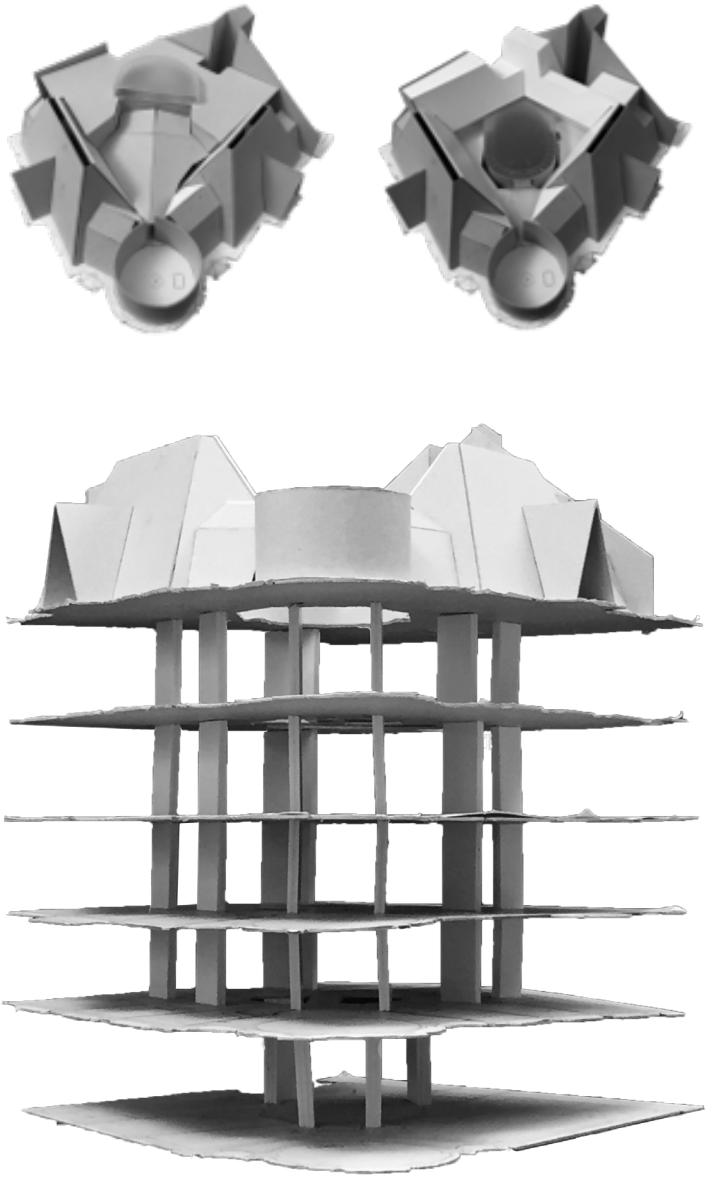


Fig. 2- ***"Retrocesso contemporâneo"***
Cobertura existente e ideia de retrocesso contemporâneo do desenho original.

Fig. 3- ***"Desenho das infraestruturas"***
O desenho das infraestruturas para resolver o projeto.

DEMONSTRAÇÃO 2 - Edifício “A Nacional” - Avenida dos Aliados.

O edifício que pertencia à companhia de seguros “A Nacional”, é da autoria do arquiteto Marques da Silva e havia sido construído em 1919. Com o decorrer do tempo, foi sofrendo alterações que desvirtuam completamente a qualidade do projeto inicial. Por exemplo, em 1966 no piso da cobertura, o famoso lanternim que iluminava o vão de escadas e do elevador foi desmontado e foi construído uma estrutura nova em betão que recebeu um ginásio e escritórios. As caixilharias nestes pisos foram substituídas por caixilharias de alumínio. A ideia da intervenção passa por identificar os diferentes tempos presentes no edifício com o objetivo de existir um retrocesso contemporâneo ao desenho inicial de Marques da Silva.

Nesta intervenção, ao contrário da anterior (demonstração 1- Centro interpretativo do Mosteiro da Batalha), o seu carácter perene leva ao tema da continuidade e complementaridade com o existente. O mesmo é explorado no ACAC ou na recuperação do corpo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição velha, onde se tem a consciência que o projeto procura a permanência no tempo e, como tal, a continuidade com a pré-existência. Sendo a intervenção apenas mais uma camada no tempo de vida do edifício.

O tema da continuidade na intervenção tem interiorizado a sociedade em que vivemos, onde a constante transformação funcional do edifício é confrontada com a estabilidade intemporal da forma. É o que acontece nos Aliados, onde o edifício sofre uma mudança programática, passa de um edifício de escritórios com habitação na cobertura para todo ele habitação. Esta atualização compreende a incerteza do amanhã, e mostra as suas certezas, a infraestrutura. A ideia passa por resolver o projeto através da atualização dos seus usos pela infraestrutura. A intervenção pretende ser cirúrgica na colocação e otimização dos canais infraestruturais, a sua posição estratégica resolve o projeto do presente e antecipa novas funções que o projeto possa receber. A consciência da reversibilidade programática.

A par da reversibilidade, também o toque mínimo é um tema recorrente como resposta à constante metamorfose programática. Os escritórios sendo grandes para habitação são divididos. Para cada fração é proposto um módulo, este aparenta pousar delicadamente no pavimento, e é repetido em todos as frações, respeitando a lógica repetitiva do edifício. Estes núcleos desenvolvem-se em torno dos ductos verticais, carregados de infraestruturas.



Fig. 4- ***"O existente como gerador de regras."***
Relações entre a pré-existencia e o volume novo.

02. A REGRA

Quando a ideia se torna operativa dá lugar à regra, esta oferece as bases e as certezas para o projeto começar. A regra é uma matriz invisível, de carácter métrico, que procura nas entrelinhas do lugar uma base ordenada que o resolva.

"Aquela minha obcecação sobre a procura da regra, a procura da ordem, a procura do racional, é um pressuposto teórico para poder trabalhar, mas não tem um objetivo final."[11]

Todo o projeto começa com um caderno de capa preta, um nome, um número e a data do início. Neste caderno estão compreendidos o programa e as suas respetivas áreas. Este exercício, em simultâneo com visitas ao local e conversas com o cliente, começa a expor as diferentes necessidades a que o projeto tem de responder. Estes diferentes constrangimentos do lugar levam a que desde cedo exista a criação de uma malha de relações que visa resolver o lugar.[12] Esta malha não passa da operacionalização da ideia.

Dado o carácter operativo da regra, inevitavelmente a associamos a dimensões, falamos sempre de dimensões. No projeto representamos através de linhas as diferentes dimensões dos materiais, dos diferentes espaços. Naturalmente que a regra tem de ser métrica, é um elemento funcional para projetar. Uma base do projeto.

É neste conjunto rígido de regras que a arquitetura da MeM assenta e se desenvolve. As regras servem de *conforto* e ajudam à resolução direta dos problemas inerentes ao projeto, levando a uma economia de meios e tempo, não permitindo a divagação.[13] As regras são sistematizações criadas para resolver o projeto. Com elas pretende-se perceber a estratégia que irá guiar o projeto durante todas as fases. É importante perceber que as regras surgem das diferentes circunstâncias do lugar, é este que ditará as suas necessidades. A regra não é tratada como uma verdade universal, o que é regra numa circunstância pode ser a sua antítese noutra.

Desengane-se quem pense que estas regras são limitadoras ou opressivas para o exercício projetual, ou que inevitavelmente encaminharão à monotonia. Podemos comparar com o jogo de xadrez onde numa estrutura rígida e limitada, o jogador tem uma possibilidade quase infinita de movimentações, e quanto melhor o jogador mais e melhores movimentações é capaz de fazer. [14]

[11] *Eduardo Souto de Moura*. 2000. Pág. 33.
[12] *"A regra é determinada pela malha de relações que se estabelecem no início."* COSTA, Alexandre Alves. *Textos datados.* 2007. Pág. 90.
[13] ADRIÃO, José; CARVALHO, Ricardo. *Eduardo Souto de Moura*. In Jornal dos Arquitetos. Nº225. 2006. Pág. 56.
[14] HERTZBERGER, Herman. *Lessons for students in architecture*. 1991. Pág. 93.

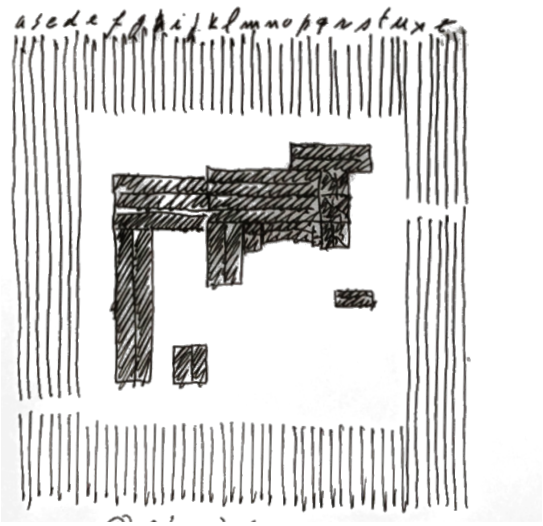


Fig. 5- 1 *"Compreender o existente"*

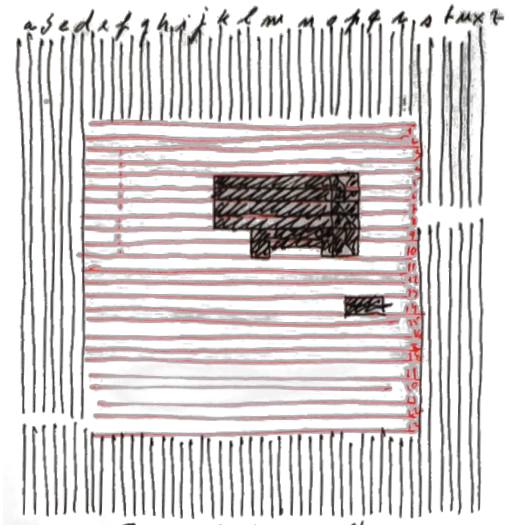


Fig. 6- 2 *"Regra da ampliação"*

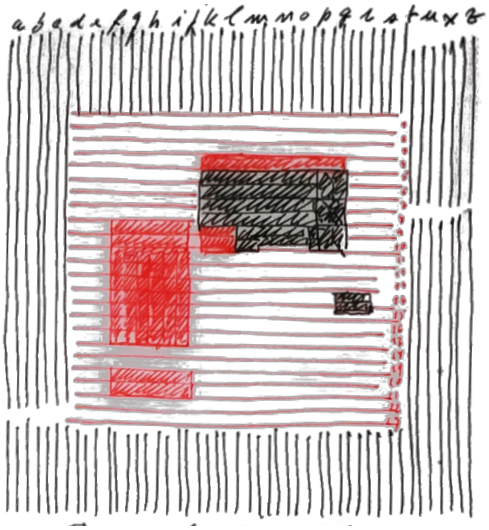


Fig. 7- 3 *"Regras dos cheios e vazios"*

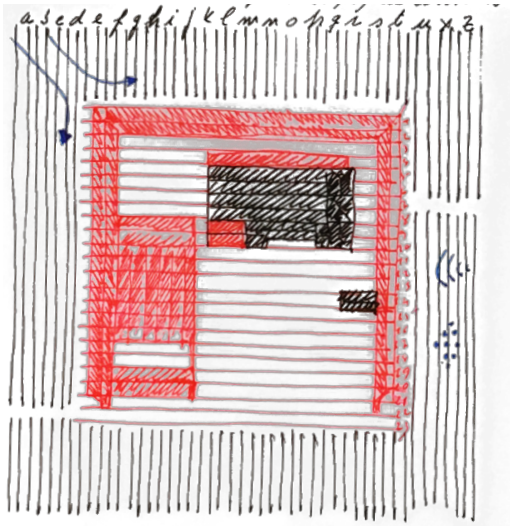


Fig. 8- 4 *"Regras para resolver o lugar"*

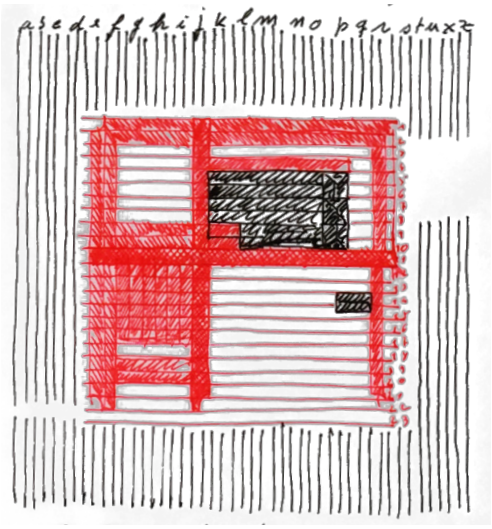


Fig. 9- 5 *"Regra da infraestrutura"*

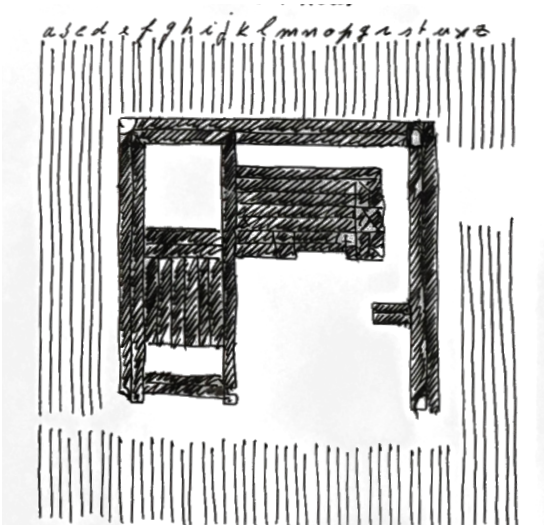


Fig. 10- 6 *"Oásis do vinho"*

DEMONSTRAÇÃO 3 - Concurso para uma adega para o Château de Beaucastel. França.

O concurso para o Château de Beaucastel, é um bom exemplo da malha de relações que se cria no início com o objetivo de resolver as necessidades do projeto.

O mote do concurso seria a adaptação das infraestruturas existentes à crescente procura do produto no mercado. Existiam dois objetivos destintos à qual a proposta teria de responder: o primeiro a ampliação e reorganização do complexo com uma atualização das infraestruturas da adega segundo os estandartes atuais, para uma maior produção e rentabilização do seu produto; e um segundo objetivo ligado com a potencialização do enoturismo, pretendiam trazer o público a conhecer como o icónico vinho Château de Beaucastel é produzido, assim como a sua história.

Trabalhar no construído significa ir às pré-existências procurar o mote, a regra e a proporção para a nova construção. É a pré-existência que oferece certezas, é no lugar que está a resposta ao projeto, apenas temos de o saber ver. É na proporção que está a beleza, conseguir comunicar entre o novo e o existente.

1- Existe uma primeira fase de procurar compreender o existente, as suas regras, as suas sobreposições temporais, o lugar. É um lugar isolado, um oásis do vinho. Da construção dos armazéns existentes chegaram a uma métrica de 10 metros, correspondente à dimensão de uma asna.

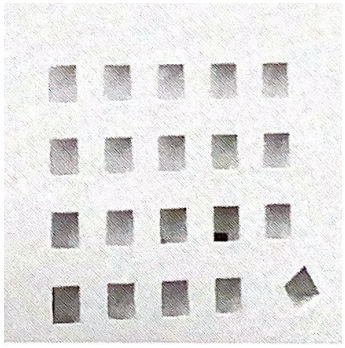
2- Uma segunda fase pretende estipular a regra da ampliação, nesta não é pretendida a rotura com o passado, mas sim a sua continuidade.

3- A terceira etapa passa pela procura da regra nos cheios e nos vazios, para encontrar a estratégia que o novo complexo irá seguir. Compreendendo nela todos os novos objetivos que a proposta pretende, como a uniformização do complexo e a clarificação de princípios.

4- A quarta etapa pretende resolver os problemas do lugar: a temperatura, o ruído, a vista e os ventos. Dada a proximidade com a autoestrada a Norte, o complexo pretende-se abrir a sul, criando um muro habitado em forma de U em toda a sua volta. No interior deste U a pré-existência já mostrava a importância de espaços sombrios, protegidos do vento e espaços ensolarados, de forma a combater o clima severo.

5- De seguida existe a vontade que a infraestrutura organize as diferentes funções, aspirando à unificação das mesmas. Com o objetivo de criar uma hierarquização dos acessos, entre visitantes e trabalhadores, surgem a criação de dois eixos. O eixo Norte-Sul para a produção. O eixo Este-Oeste para visitar e descobrir a propriedade.

6- Por último, tem-se o Oásis do Vinho.



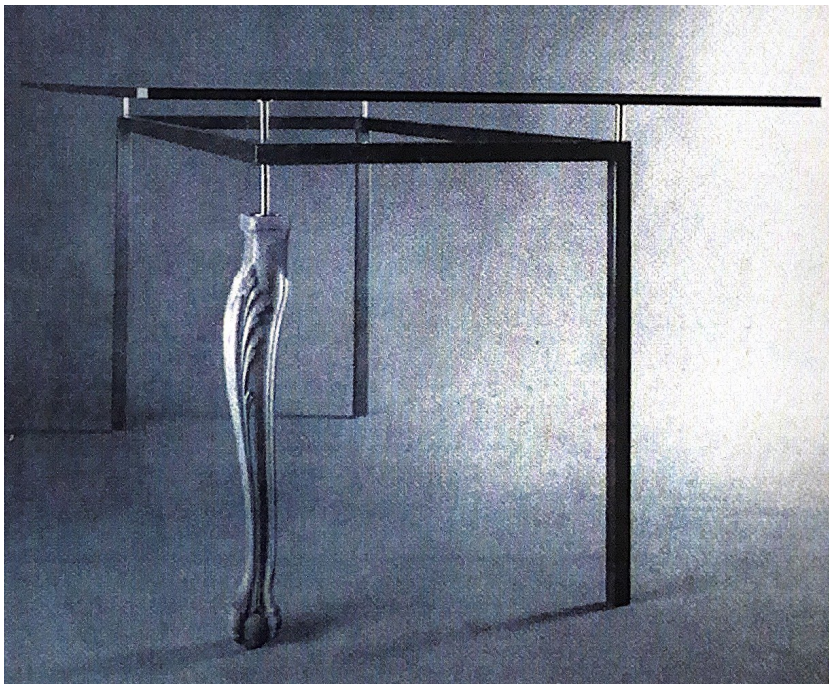


Fig. 11- ***"A fachada Sudoeste da Quinta do Lago."***
Exceção de reforço à regra

Fig. 12- ***"A mesa."***
Relações entre a regra e a contra-Regra.

03. A SUBVERSÃO DA REGRA

A subversão da regra são momentos. Momentos que destabilizam a regra. Para percebermos o tema da subversão, é importante percebermos a regra. *"(...) à medida que as regras se vão consolidando, vai crescendo o espaço para a subversão."*[15] Estes momentos não passam disso mesmo ou teríamos o caos, uma confusão de conceitos, onde já não seriamos capazes de identificar nem regra nem a sua subversão. Usando a famosa frase de Gregotti, q*uando falta a regra não existe exceção,* também não pode existir a subversão da regra sem a regra. A ordem torna-se ainda mais notória quando está presente a desordem. A subversão da regra serve para a valorização da regra, serve para a sua ordenação.

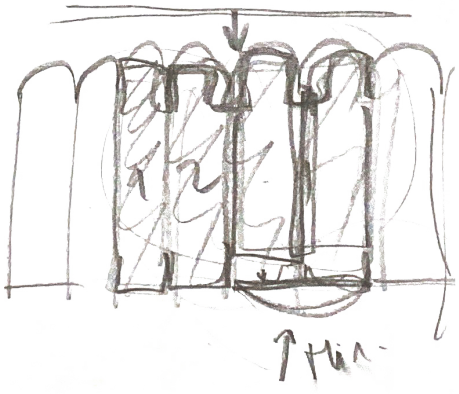
A subversão surge na arquitetura da MeM quando a regra métrica entra em conflito com as necessidades espaciais ou com o sistema construtivo. Quando isto acontece podemos redimensionar a regra, ou, naturalmente, subverter. A subversão é onde se perde tempo, é um problema no conceito. A subversão associa-se a uma aproximação à execução. É um elemento físico. Ao contrário de FVC, ESM não subverte apenas por necessidade, mas também por ironia.

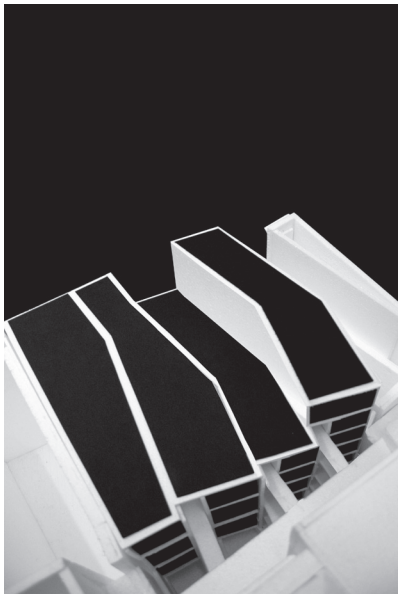
"Quando consigo uma certa ordem, uma regra de construção, ou um módulo base, parece que tudo vai bem mas é quando surgem os acidentes, e se eles não aparecem, então invento eu."[16]

A mesa que Souto de Moura desenha com uma perna barroca pretende evidenciar a ironia da oposição entre regra e contrarregra. As três pernas esbeltas em aço estão reduzidas ao essencial, a regra; a perna barroca funciona como um elemento dissonante, a contrarregra. A fachada Sudoeste da Quinta do Lago no Algarve tem um vão que pertence a uma grelha de vãos quadrados que esta rodado 45º, usa-o para evidenciar a regra e destabilizar a ordem. [17] Compara a arquitetura com as vacinas, onde para nos protegermos do vírus temos de tomar o próprio vírus em pequenas quantidades, o mesmo aqui, para sentirmos a ordem, temos de sentir a desordem em pequenas quantidades. [18]

Esta subversão só é percetível pois existe um contacto com o desenvolvimento do projeto, na prática a subversão desaparece com a obra concluída. É importante perceber que a subversão estará sempre associada à vontade de clarificar a ideia do projeto, de legitimar o todo. A regra e a subversão têm o pressuposto de uma ideia unitária.

[15] JORDÃO, Pedro; FARIA, Susana. *Subversão e Regra*, in revista nu #06 imagem, Dezembro 2002.
[16] *Eduardo Souto de Moura*. 2000. Pág. 33.
[17] *"aquilo é exceção de reforço à regra" Ibidem.*
[18] *"As vacinas são o injetar do próprio elemento de destruição para reforçar os anticorpos, para afirmar aquilo que se pretende. Quer a perna, (...), são vacinas para estados doentios." Ibidem.*





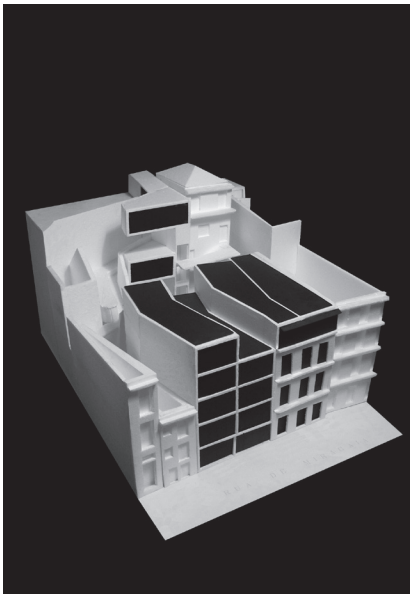


Fig. 13- ***"Subversão em Miragaia."***
Esquiço de FVC enquanto explicava a subversão em Miragaia.

Fig. 14- ***"Interior do lote."***
Maquete de trabalho.

Fig. 15- ***"3 lotes ou 4?"***
Maqute de trabalho.

DEMONSTRAÇÃO 4 - Miragaia, Porto.

Para a demonstração da subversão trago a obra construída em Miragaia. Uma intervenção na estrutura densa e compacta do Porto. Um lugar com uma elevada carga histórica.

Intervir nestes terrenos, singularmente, apresenta desafios, na atualização do existente às necessidades contemporâneas do habitar. Surgem questões como a necessidade de novos estacionamentos ou a dificuldade do uso diferentes de tipologias nos estreitos lotes. Este é um projeto que surge de uma oportunidade única, onde um promotor adquiriu vários lotes em simultâneo e, com isso, viabilizou uma intervenção que possibilita suprimir alguns dos problemas descritos acima.

O terreno era constituído por um lote desocupado e um lote que possuia um edifício em ruínas, neste apenas se recuperou a fachada do séc. XVIII. Procurou-se no seu contexto, na sua malha urbana as regras que oferecessem bases sólidas para avançar. Os edifícios novos procuram então comunicar com o contexto através do seu parcelamento em lotes estreitos e compridos. No desenho das fachadas procurou-se um gesto neutro e abstrato, que pretendia valorizar os edifícios pré-existentes e os seus delicados trabalhos de cantarias.

Esta simples regra dos lotes compridos e estreitos entra em conflito com o lugar quando se tenta integrar com a fachada pré-existente. Neste momento, FVC subverte a regra e, como vemos nas imagens ao lado (fig. 14 e 15), o aparente parcelamento em 4 lotes, são na verdade 3 como mostra a sua fachada para a Rua de Miragaia. A cobertura, assim como o seu alçado tardóz, aparentam ocupar dois lotes, quando na verdade são apenas um lote, com um apartamento por piso.

Esta subversão surge da necessidade de resolver o conflito entre a regra e o lugar. Regra e subversão pretendem clarificar a ideia unitária do projeto. Esta estratégia de invocar o contexto, é também utilizada na estação alta do teleférico de Gaia, onde através dos recortes do edifício se procura uma invocação do lote característico do Porto.

Sendo a subversão apenas percetível quando se trabalha no projeto, este necessariamente foi um tema aberto por FVC numa das discussões sobre a dissertação. De outra maneira o desenvolvimento da demonstração relativa à subversão da regra estaria em risco. A subversão é para o autor e só se mostra com o contacto com o desenvolvimento do projeto.

04. A FORMA

"Mas, por que os volumes são envolvidos por superfícies, estas são geradas por linhas e estas ainda por pontos pode concluir-se, generalizando o que foi dito, que os volumes, as superfícies e as linhas constituem, tanto como os pontos, acontecimentos da organização do espaço, aos quais se dá o nome geral de formas."[19]

Os dados objetivos para se começar um projeto são o programa e o lugar. É necessário perceber e interpretar ambos. Através da síntese, da redução, é produzida uma ideia com carácter, com uma forma, com uma materialidade e com possibilidades de uso para o projeto. Criamos ou reinventamos as formas para organizar o espaço, o programa e o lugar.[20]

O que leva à singularidade do projeto, da sua forma, vem da sua relação com o contexto. Cada projeto é pensado para captar o que é único e intransferível em cada episódio arquitetónico. Tem por isso a capacidade de ser uma ferramenta de leitura e reavaliação do território.

"A forma só não tem existência anterior porque são únicas e irrepetíveis as condições que a geraram, (...)"[21]

A relação conceptual entre a função e a forma muda. No formalismo a razão prevalece sobre o sentimento. Existia quase uma fórmula para se atingir um bom projeto, onde do programa resultaria numa planta, que quando bem resolvida daria lugar a um bom alçado e, consequentemente, a um bom projeto. *"Form follows function"* frase expressa por Louis Henry Sullivan deixa de fazer sentido.[22] A forma não decorre somente do programa, não decorre somente do lugar, não decorre somente da intuição. É um trabalho simultâneo entre as diferentes matérias, onde todas se contaminam e nos levem ao seu carácter, à sua clareza, à sua individualidade. A forma é o que transmite os ritmos, as perceções, as proporções, a harmonia, o equilíbrio.[23]

A compreensão da forma é feita no primeiro contacto entre o habitante do espaço e o objeto arquitetónico, sendo capaz de variar conforme o percetor. A forma do lugar. A forma do construído. A forma dos cheios. A forma dos vazios. A forma dos espaços. A forma assume um carácter tão importante que acaba por atribuir as características ao edifício, assim como o próprio adjetivo do projeto.[24]

[19] TÁVORA, Fernando. *Da organização do espaço*. 1999. Pág. 12.
[20] *Ibidem.*
[21] *Textos datados.* 2007. Pág. 90.
[22] LLORENS, Vicente; MAZA, Ricardo Meri de la. *Materia y forma*. 2003. Pág. 18.
[23] COSTA, Nuno Brandão. *Fragmentos de uma forma contínua*. 2013. Pág. 74.
[24] *"(...) o protagonismo da forma verifica-se quando atribuímos à própria forma o adjetivo do projeto: simples, complicado, complexo, linear, tectónico, plástico, abstrato, pesado, leve." Ibidem.*

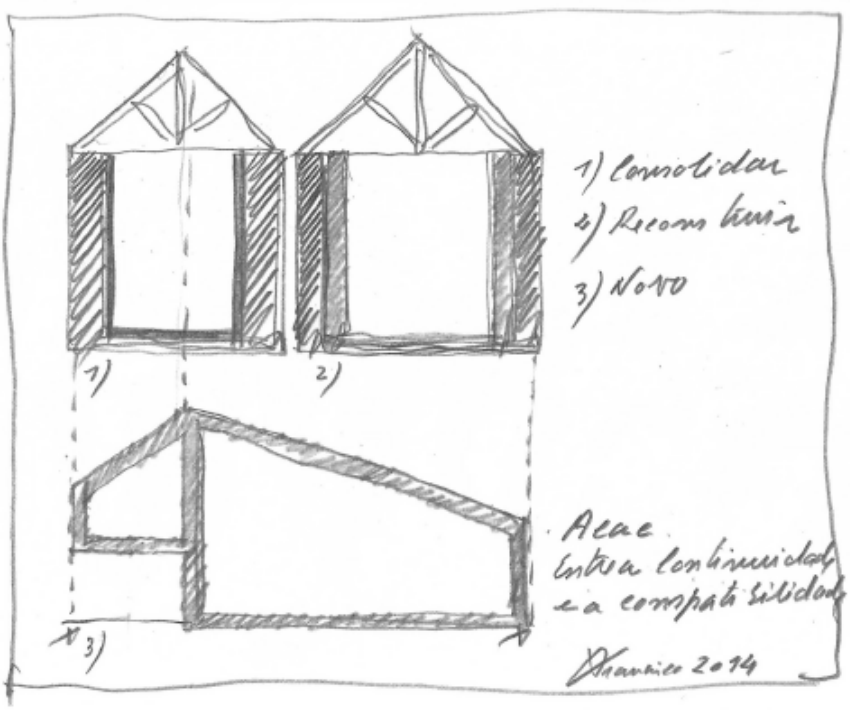
"A boa arquitetura oferece formas e superfícies moldadas para o toque prazeroso dos olhos." [25]

Vivemos numa sociedade onde as funções estão constantemente a mudar, mas a forma mantém-se. O exercício de projeto já incorpora esse pensamento, a forma é pensada para um futuro aberto, onde não seja condicionada pela sua função. Num tempo em que a *tábua rasa* do moderno não está mais em discussão, a reabilitação é o caminho mais lógico para combater o património abandonado. Reabilitação essa onde a forma se mantém e a função muda. Acontece por exemplo no ACAC, a pré-existência começou por ser uma fábrica de álcool, foi transformada numa fábrica de tabaco, e agora é uma fábrica de cultura. Outro exemplo será o abordado anteriormente na demonstração 2, o edifício da "Nacional", na Avenida dos Aliados, onde a forma se mantém, mas a função muda, passa de um edifício de escritórios para um edifício de habitação.



Fig. 16- ***"A forma do cheio e do vazio."***
Jorge Yazpik. Esculturas em betão

[25] PALLASMAA, Juhani. *The eyes of the skin: Architecture and the senses*. 2012. Pág. 36.



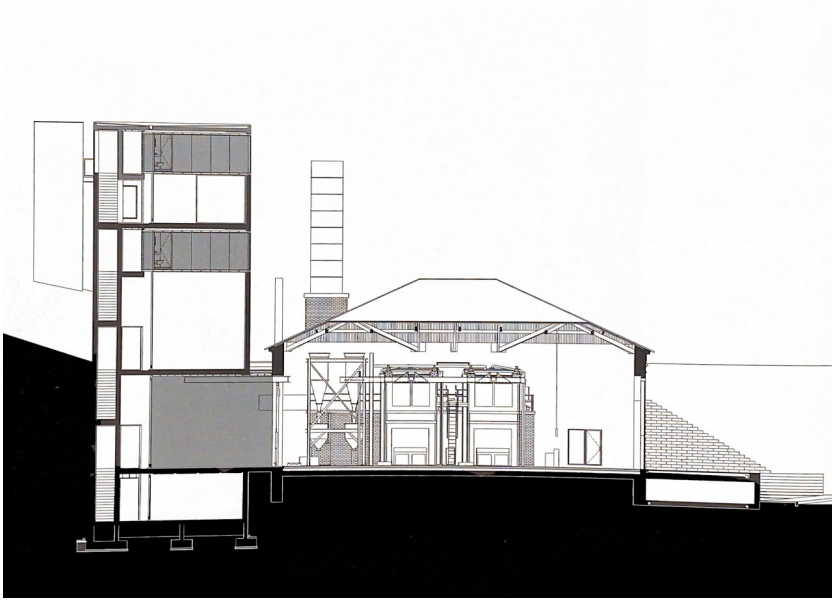


Fig. 17- ***"A pré-existência e a forma do novo."***
Relações entre a pré-existência e o novo.

Fig. 18- ***"As Volumetrias."***
Corte entre o novo e o pré-existente

DEMONSTRAÇÃO 5 - Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas dos Açores

O Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas dos Açores é um projeto onde o novo programa reinventa as antigas fábricas e procura fazer cidade. Os diferentes tempos e diferentes escalas são unidos através da manipulação pictórica da forma e a materialidade dos edifícios. Onde existe um claro diálogo de continuidade entre a construção existente e a nova construção.

A nova construção é caracterizada por volumes onde existe uma procura pela abstração na sua forma, aparentemente sem referência ou alusão a linguagens. Já a construção existente, ao contrário, é marcada por volumes fabris com grandes e repetidas naves com telhados de duas águas e com grandes pés direitos. Este carácter industrial é algo que interessava ao projeto, como meio para potencializar a produção artística.

O novo neste projeto tem a função de disciplinar a pré-existência. Existe, por consequência, um abundante jogo entre os cheios e os vazios, vários momentos de tensão entre a massa do edifício face ao vazio dos pátios, entre o novo e o existente. A essência do projeto está na tranquila variação entre os diferentes tempos do lugar.

DEMONSTRAÇÃO 6 - Reconversão e Ampliação da Casa das caldeiras, Coimbra

A forma abstrata do novo expressa a vontade de continuidade da pré-existência, clarificando-a, disciplinando-a e valorizando-a. Esta é uma vontade transversal a várias intervenções que fizeram no construído. Tal como no ACAC, a pré-existência é pensada com o princípio do toque mínimo, clarificando-a formal e funcionalmente, valorizando-a, e eliminando as impurezas acrescentadas ao longo do tempo que desvirtuavam a pureza inicial. A forma do novo volume pretende clarificar a posição da pré-existência no tecido urbano, colocando a comunicar com a cidade, neste caso, o novo volume independente e alto funciona como elemento que liga a cota baixa da cidade à cota alta. A sua deliberada materialidade neutra tem como objetivo a valorização do existente.

DEMONSTRAÇÃO/INQUIETAÇÃO 7 - Folgosa E Aramalto.

Esta aparente clareza no tratamento da forma leva-me a uma inquetação em dois projeto de FVC. Trago para a discussão dois projetos que se encontram lado a lado no douro vinhateiro, ambos na Freguesia de Folgosa. Ambos se encontram em posições sobranceiras sobre o rio douro, ambos têm de responder aos mesmos constrangimentos, ambos são desenvolvidos como armazéns de apoio agrícola (casa do agricultores) cujo a área máxima de impermeabilização é 200 m2.

No primeiro caso, Folgosa, a estratégia de projeto passa por um volume retangular com 20x10m com dois pisos, que invoca a tradição dos armazéns agrícolas. O volume tem uma relação de massa com o terreno, está semi-encastrado nos muros de contenção de xisto, e é este material que dá materialidade às fachadas da proposta. Procura a fusão com o lugar, uma espécie de mimeses com os muros de xisto dos socalcos vinhateiros do Douro. A cobertura é um volume de duas águas revestido a telha canudo. O seu interior contempla espaços de pé direito duplo, que dizem ser, para facilitar a movimentação das máquinas no seu interior. Também a materialização do interior vai ao encontro do armazém agrícola, onde o piso é em betonilha, e as paredes rebocadas. “O projeto pretende adquirir sobriedade que será transmitida pela simplicidade formal e unicidade material.” [26] O projeto é um armazém agrícola habitável.

No segundo caso, Aramalto , um volume também ele retangular de 20x7,5m que aparenta estar suportada entre duas paredes vigas que saem da montanha e suportam toda a casa. Uma relação de leveza com o terreno. A proposta tal como a anterior desenvolve-se em dois pisos. Toda a materialidade da proposta é betão, com os muros de contenção em pedra. A casa sofre uma rotação em relação ao terreno para olhar sobre o rio. Nesta proposta já não existe a vontade de invocar o armazém agrícola, mas sim desenhar a casa de um agricultor moderno.

Apesar do programa e do lugar serem semelhantes, a estratégia do arquiteto em ambos é diferente. Porquê? Porque dois lugares tão semelhantes recebem temas opostos? Nestes dois exemplos várias são as ilações que podemos tirar. A primeira e mais importante é a relação entre o programa e a forma. O programa não dita a forma, mas influencia-a. No primeiro caso existia uma intenção de desenhar um armazém de fabrico de azeite, que no futuro poderia mudar de função para uma casa, e dai surge o armazém agrícola habitável. No segundo caso é assumida desde início a vontade de ser feita uma segunda habitação,

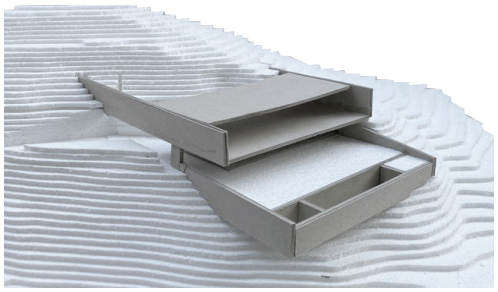
ou uma casa de férias. Podemos ainda retirar a *consciência* dos dois sistemas que qualquer edifício tem em relação ao lugar, a permanêcia, explicita no primeiro caso através da relação de massa/peso, e a leveza, demonstrada no segundo caso através da aparente levitação do volume.

Souto de Moura, em 2020, numa conferência que fez para os alunos de quarto ano da FAUP explica em relação ao projeto para a casa dos trabalhadores da Quinta da Caída, que em toda a sua carreira de arquiteto nunca tinha feito um telhado de duas águas, fora as reabilitações, e questionou-se se devia ou não desenvolver aquele projeto em telhado de duas águas. A vontade de experimentar e a procura de algo, que não sabia bem o que, levou-o a fazer. "Cada projeto é um exercício de laboratório para procurar/consolidar um programa, uma linguagem, um sistema construtivo." [27]

[26] DE CAMPOS, Francisco Vieira. Memória Descritiva do projeto de execução da Folgosa. 2022.
[27] MOURA, Eduardo Souto de. *Últimos Projectos*. In Aula aberta da U.C. de Projeto IV. 12 de janeiro de 2021.







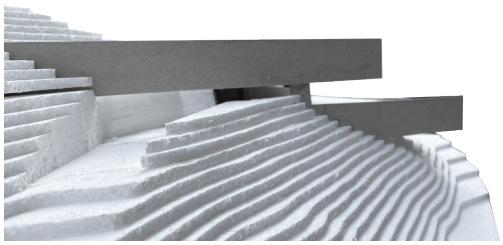


Fig. 19 e 20- *"Permanência."*
A casa em Folgosa.

Fig. 21 e 22- *"Leveza."*
A casa em Aramalto.



Fig. 23- *"Desmaterialização do pavilhão de Barcelona."*
Exposição "Mies Missing Materiality"

05. O MATERIAL

"Os materiais não têm limites; pegue numa pedra; pode vê-la, afiá-la, perfurá-la, dividi-la, poli-la, e em cada uma teremos uma solução diferente. Depois pegue nessa mesma pedra em porções minúsculas ou em grandes proporções, ela será novamente diferente. Depois coloque-a à luz e verá que é diferente. O mesmo material tem milhares de possibilidades."[28]

A arquitetura começa com uma ideia imaterial, sem especificidades e esquemática. E avança para a definição material, articulação e detalhe. O objetivo é a materialização das ideias. Muitas vezes, no escritório, a materialização da ideia é levada ao limite da possibilidade. Isto leva à experimentação, ao erro, FVC diz ser o preço da investigação.

"A materialidade é o que define os limites da arquitetura" [29]

A materialização da arquitetura transforma conceitos, em espaços com matéria, com significado, com tempo, que comunicam mensagens. Cabe ao recetor, enquanto habitante momentâneo do espaço, interpretar o espaço- a sua forma, proporções, materialidade, textura, peso, densidade e luz- usando os seus diferentes sentidos.[30] Se a forma é o primeiro contacto entre o arquiteto e o visitante, a materialidade é o arquiteto a deixar-se conhecer.[31] A materialidade ajuda a expressar a vontade, ajuda a exprimir os desejos, é através dela que reconhecemos as qualidades sensoriais da forma e do espaço.[32]

A melhor forma de falar deste tema, é fazendo o exercício contrário. O pavilhão de Barcelona, projetado pelo arquiteto Mies Van der Rohe inaugurado inicialmente em 1929 e reconstruído em 1980 por Ignasis Solà-Morales, em 2017 recebeu uma exposição, *"Mies Missing Materiality"*, cujos coradores foram os arquitetos Anna e Eugenie Bach. A exposição consistia em durante onze dias cobrir todo o pavilhão com um vinil branco, uniforme e opaco transformando-o numa espécie de maquete branca à escala real. Resulta um pavilhão pobre, que não comunica, que não tem peso, que não tem textura, que não tem brilho, que não tem reflexo, que não tem cor, que não tem carácter. O branco, segundo Corbusier era suposto revelar a verdade, no

[28] ZUMTHOR, Peter. *Atmosferas*. 2006. Pág. 23.
[29] *ArchiNews 46: Menos É Mais*. 2019. Pág. 42.
[30] *The eyes of the skin: Architecture and the senses.* 2012. Pág. 36.
[31] *"À medida que a obra interage com o corpo do observador, a experiencia reflete nas sensações corporais do projetista." Ibidem.* Pág.34.
[32] *ArchiNews 46: Menos É Mais.* 2019. Pág 42.



Fig. 24- *"Desmaterialização do pavilhão de Barcelona."*
Exposição "Mies Missing Materiality"

entanto, o branco transporta o edifício para uma fase anterior, para uma fase conceptual. Este exercício permite-nos múltiplas interpretações, desde o valor da superfície branca, à importância da materialidade na perceção do espaço.

Existe uma vontade nos dias de hoje em transformar a arquitetura em objetos atemporais, através do uso dos novos materiais, Pallasmma associa o medo do desgaste e a perceção do envelhecimento dos edifícios a uma fobia comum a toda a sociedade: o envelhecimento do nosso ser, a nossa morte.[33] Na arquitetura da MeM, a par da Escola do Porto, a ideia de permanência no tempo não deve tentar ser contrariada, ao invés, é tema de projeto, uma constante investigação, que deve ser respeitado e valorizado.

Existe um respeito muito grande pelos materiais, uma procura sempre pelo essencial como resposta à síntese projetual. A arquitetura da MeM não se restringe única e exclusivamente aos mecanismos de visão, a uma arquitetura de imagens. A visão é apenas um recetor usado para percebermos o que nos rodeia, existe também a vontade que o percetor experiencie o espaço, o ouça, o sinta, que este lhes transmita as relações com o contexto, que se ligue com a essência do lugar.

"(...) ao contrário das outras artes plásticas, a arquitetura nem sequer pode ser nominalmente representada por uma única imagem fotográfica, embora este seja frequentemente o modo de divulgação para profissionais e colocar o público de igual modo. Visto neste edifício leve, parece ser imagístico e perspetival em vez de táctil e espacial." [34]

A materialização é algo indispensável à passagem da ideia para a construção. No método de trabalhar do escritório, o material anda de mãos dadas com a ideia, e consequentemente, com o método construtivo. Estes três são trabalhados como um todo. A materialidade é um reforço da ideia, uma forma necessária de a expressar. Quando, por exemplo, por razões económicas é necessário alterar a materialidade, ou o método construtivo tudo é colocado em causa. É nestes momentos que a estratégia do projeto mostra a sua hibridez, e capacidade de resiliência e adaptação.

[33] *The eyes of the skin: Architecture and the senses.* 2012. Pág. 32.

[34] *"(...) unlike the other plastic arts, architecture cannot even be nominally represented by a single photographic image, although this is often the mode in which it is disseminated for professional and lay public alike. Seen in this light building appears to be imagistic and perspectival rather than tactile and spatial." Studies in tectonic culture.* 1985. Pág. 377.

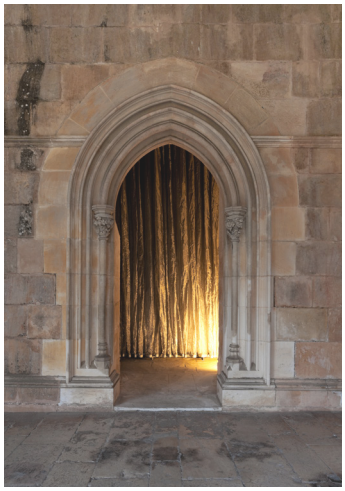






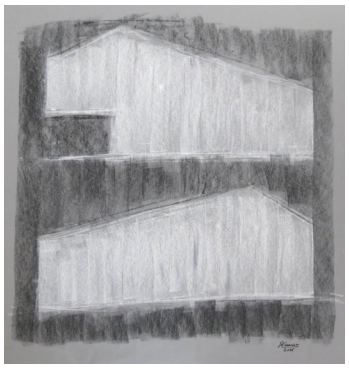
Fig. 25, 26 e 27 - *"O desejo da desmaterialização."*
Centro interpretativo do Mosteiro da Batalha, Adega dos frades.

DEMONSTRAÇÃO 8 - Centro interpretativo do Mosteiro da Batalha- Adega dos frades. Batalha, Portugal.

Construir no património. Construir dentro da pré-existência. Os mosteiros são estruturas que prosperam a eternidade, por consequência a intervenção nesta estrutura deve ter compreendido que o protagonismo está no existente, a proposta tem de ser serena e silenciosa, para que não disturbe e não altere o carácter do sítio. O material é o elemento da intervenção que tem a responsabilidade de fazer o encontro entre o novo e o velho, que eleva a ideia à construção, através da materialização dos eixos, dos alinhamentos e dos princípios.

Recorreram a uma estratégia de desmaterialização do volume e de invisibilidade. Na qual usam uma cortina com vários véus em rede maleável. A luz quente usada enfatiza o efeito cénico, tornando o volume num grande túmulo intemporal, com toda a informação no seu interior, disponível através do seu atravessamento. A cortina é por isso um elemento de abstração formal, que convida à curiosidade e consequentemente à exploração do seu interior.

O seu interior é marcado pela interdisciplinaridade que existe no exercício de arquitetura. Colaborando a arquitetura com museografia, design gráfico, de equipamento, iluminação e sonoplastia, de forma a garantir que centro interpretativo garanta uma clara perceção dos conteúdos expostos e do espaço arquitetónico que o enquadra. Um espaço que pretende abstrair o visitante, levando-o à reflexão, à imaginação do que fora a história daquele lugar, a relação com o território, a sua fundação e construção, até à ordem que nele habitou. Também no interior existe uma afirmada procura pela desmaterialização do espaço, através da cor preta, para que o utilizador se abstraia de tudo e foque na exposição, na absorção de conhecimento, desenvolvido em diferentes planos que jogam com diferentes reflexões, opacidades, transparências e luminosidades. Resulta no verdadeiro “teatro da memória”.



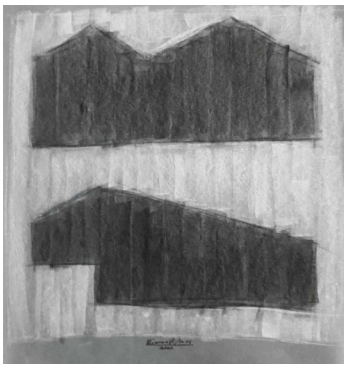




Fig. 28 e 29 - ***"A nova materialidade."***
Mudança na materialização das fachadas. A proposta inicial e a proposta final.

Fig. 30 - ***"As derivações da pedra Basáltica."***
Betão pigmentado com inertes de basalto; o basalto que caracteriza a construção franca do existente; o pavimento.

DEMONSTRAÇÃO 9 - Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas dos Açores

O projeto está dividido em dois momentos, a fábrica original em basalto e a nova construção em betão.

Inicialmente os novos volumes tinham sido propostos ser pintados a cal branca. O objetivo seria demarcar os novos volumes da pré-existência através da cor e da matéria. Um contraste entre o escuro da pedra basáltica da pré-existência e os novos volumes rebocados a cal branca. Uma continuidade de sistemas construtivos ancestrais dos Açores, a construção franca em basalto e o uso do branco caiado.

Esta solução acabou por não avançar a pedido do cliente, o governo regional dos Açores, onde afirmavam que o branco dado a proximidade com o mar e as características da zona iria envelhecer mal. Surge então a dúvida de como pode o projeto absorver este pedido, mantendo-se fiel à sua ideia.

A ideia era de continuidade com as fábricas originais, e não de rotura. O basalto que dá materialidade ao existente reinventa-se para dar materialidade também ao novo. A textura do novo contrasta com o carácter grosseiro do aparelho de pedra existente. Esta escolha pelo betão pigmentado com inertes de basalto mostra a vontade de levar a ideia ao limite. A materialização da ideia. Esta materialização está associada a um grau de experimentação elevado, onde se tiveram de correr riscos, assumidos por todas as partes envolvidas no projeto, desde a equipa de projeto ao cliente. A textura do betão desativado com pigmento de basalto foi uma primeira vez até para a equipa de construção.

Estes dois momentos, o existente e o novo, são unidos através dos vãos. Foi criado um perfil metálico em latão e estandardizado para todos os vão. A caixilharia liga: o interior e o exterior; o betão e a pedra; o novo e o existente.

A materialização deste projeto liga-o verdadeiramente ao lugar, transformou a ideia num espaço com matéria, que comunica com o existente e faz parte dele. Os novos volumes parecem sair diretamente do interior da ilha, sob a forma de grandes blocos de pedra basáltica escavados e moldados. Passam a pertencer ao território como se dele tivessem feito sempre parte. Oferece ainda uma perspetiva muito experimental do escritório em relação às materializações da ideia, e ao quão longe estão dispostos a ir, assumindo o erro como elemento natural do percurso.

II. OBRAS RELACIONADAS

LOFT DAS SOBREIRAS

"É necessário mudar para que tudo fique na mesma;
mudar para que o essencial permaneça."

Lampedusa (O leopardo)

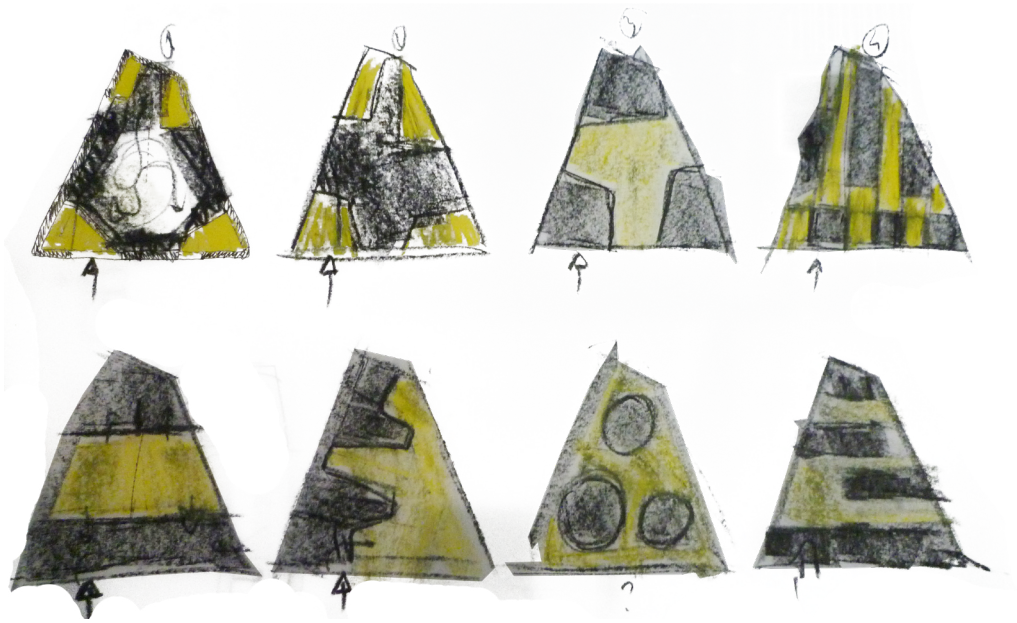


Fig. 31 - *"A procura pelo tema."*
A pesquisa da solução para o núcleo do loft.

00. LOFT DAS SOBREIRAS

Este é um projeto impactante, pois marca realmente o primeiro contacto com o tema do construir sobre construído, e com as metodologias de trabalho do escritório. Em 2019, após o segundo ano de faculdade, fui estagiar no escritório da MeM. Entre as visitas às obras que FVC nos proporcionou e as inúmeras maquetes que fizemos nesse verão, esta casa foi uma delas. Na altura em fase de estudo prévio/ licenciamento. Marcou-me a escala com que já se trabalhava, 1:50, que correspondeu à escala da maquete que fizemos.

FVC queria que esta experiência pré-profissional começasse onde tinha sido parada no últmo estágio, neste pequeno Loft. Trabalhei pouco tempo no seu projeto de execução, que infelizmente acabou por ser colocado em pausa.

O projeto em si corresponde a uma alteração e recuperação de uma pré-existência na rua das Sobreiras, no Porto. Um edifício cujo o programa era uma pequena oficina, mudaria a sua função para receber um Loft. Devido a estar numa zona de interesse Urbano e arquitetónico, o projeto tem de conservar todos os elementos arquitetónicos e construtivos que contribuem para a caracterização urbana desta zona, ou seja, a fachada.

A ideia passa por no terreno com a forma invulgar de um triângulo, criar um núcleo sem repartições de habitação no seu interior. Dada a obrigação de manter a fachada a casa é *'obrigada'* a crescer um piso para poder olhar o rio. No interior do lote é colocado um núcleo sem interferir com as paredes pré-existentes, quase como uma caixa de betão que encaixa subtilmente na pré-existência. Na frente e no tardoz criam-se dois pátios: um no interstício entre a fachada pré-existente e o novo núcleo, um momento que assinala a passagem entre o público e o privado, entre o exterior e o interior; e o pátio no tardoz, que visa a entrada de luz, assim como a salubridade da casa, permitindo a ventilação cruzada.

A organização interna do núcleo de habitação desenvolve-se em dois pisos, no piso de baixo uma área mais social, com sala e cozinha, no piso superior uma área mais íntima com o quarto e a casa de banho. Existe uma clara vontade da experimentação plástica do betão, através da curva, que aspira a espaços mais fluídos, que caracterizam a atmosfera da casa. Na maquete já existiu o desejo de experimentar estes espaços, inclusive através do uso do gesso para simular o betão. Para FVC a maquete representa o que a casa quer ser.



Fig. 32 - *"O loft das Sobreiras."*
Maquete à escala 1:50.



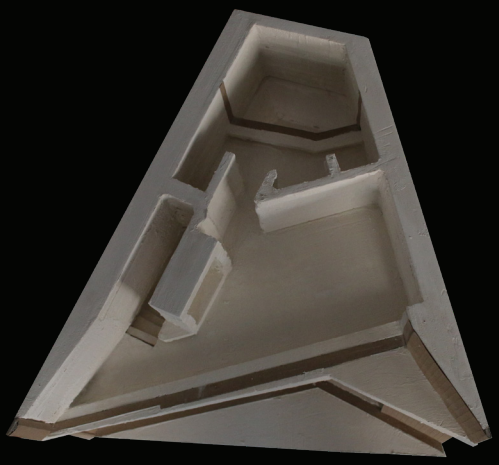




Fig. 33, 34 e 35 - ***"Os diferentes pisos."***
Maquete à escala 1:50.

II. OBRAS RELACIONADAS

CASA MARECHAL SALDANHA

"Restaurar um edificio não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo num estado de plenitude que pode nunca ter existido"

Viollet-Le-Duc



Fig. 36 - ***"A Casa da Marechal."***
Os materiais e o vão horizonatal.

00. CONTEXTO

O projeto da casa da Marechal já decorria desde 2019 com o estudo prévio e licenciamento. O projeto de execução também já havia sido feito em 2021. Quando entrei encontrava-se em início de acompanhamento de obra, uma fase avançada do exercício de projeto. Entrei talvez na parte mais interessante e desafiante do projeto, onde o que tínhamos de resolver eram adversidades que iam surgindo em obra. Tratando-se de uma reabilitação os contratempos eram constantes, sempre que se descascava uma parede nunca se tinha a certeza do que se iria encontrar. Existiu um contacto muito próximo com a obra e com todas as entidades participantes, percebendo as suas necessidades e tentando que as suas dúvidas fossem esclarecidas o mais rápido possível.

A entrada num projeto numa fase tão avançada é desafiante, temos de fazer um exercício reforçado e rápido de estudar a pré-existência e perceber as estratégias do projeto. Esta adaptação foi demorada, especialmente com os projetos de especialidades, que fora a primeira vez que estava em contacto com eles. Quando estes dois exercícios foram completos senti que tinha mais argumentos perante o projeto, já o percebia, já percebia as decisões e esse foi um ponto de charneira para o controlar, possuir o controlo que o FVC tinha sobre ele desde o início.

Foi um projeto que teve a particularidade de ter sido feito o projeto de execução, num periodo com muito trabalho no escritório, o que levou para obra alguma indefinição. Foi, e é, um verdadeiro contrarrelógio constante para enviar informação para a obra, sem que esta parasse ou atrasasse devido a arquitetura. Existe uma constante adrenalina, sentimos nos como atletas de alta competição, constantemente em sprints.

O acompanhamento de obra trouxe me um contacto semanal com o espaço físico da obra. Aí tive a oportunidade de assistir às reuniões semanais, com a Fiscalização, o Encarregado de obra, o Coordenador de projeto (FVC), e o Dono de Obra. Para além destas reuniões semanais o contacto com as especialidades era regular. Em suma, este exercício permitiu uma ponte entre o escritório e a obra.

01. O SÍTIO/ A CONSTRUÇÃO DO SÍTIO

O projeto para a Marechal é para uma casa de primeira habitação. O terreno encontra-se numa rua com cerca de 1,5 Quilómetros, e é uma paralela à marginal na foz, com orientação Norte-Sul. A tranquila rua é marcada por um traçado amplo de sentido único, em ambos os lados da via desenvolvem-se estacionamentos em paralelo, com árvores de dois em dois. A grande densidade de verde torna-a sombria e fresca no verão, pelo contrário, no Inverno, como são árvores de folha caduca permitem a penetração dos raios de sol, aquecendo a rua. É uma zona maioritariamente de habitação, organizada por habitação plurifamiliar de um lado da estrada e unifamiliar do outro.

A casa encontra-se localizada numa área geográfica, que apresenta condicionantes à sua intervenção. Segundo a carta de património do PDM do Porto, é caracterizada como sendo um imóvel de interesse patrimonial_ N17. Esta caracterização impedia que a intervenção desvirtuasse as características arquitetónicas e volumétricas do existente. Na carta de condicionantes está ainda identificado a proximidade a um antigo leito de ribeira, que passa encanado pelo terreno e pela própria casa.

"(...) Porque casas antigas são perfeitamente adaptáveis à vida moderna, sendo mudanças na convenção que faz com que as "modernizemos" sobretudo nas partes do programa que hoje têm diferentes requisitos, normalmente zonas de água, i.e., cozinhas e casas de banho- reajustando funções e programas." [35]

A posição do FVC, como tem demonstrado ao longo da sua obra de reabilitação, excluindo contextos de obra efémera, não é uma posição de rotura com a arquitetura, com a história, mas sim de continuidade. A intervenção procura valorizar e consolidar o existente.

O projeto começa e acaba no sítio. É com o sítio que surge a ideia e é nele que se fixam as regras. A ideia forte do projeto é o toque mínimo, tentar com um gesto único unificar e valorizar todo o projeto. A regra do projeto passa por uma ideia de redução que aspira o inalcançável, uma sistematização extrema onde, no limite, um pormenor resolve tudo. Para isso é sob um olhar atento que se identificam as diferentes camadas temporais, os princípios fortes e através de um pensamento do hoje procura-se retornar ao desenho contemporâneo do inicial.

[35] FURTADO, Isabel; SERÔDIO, João pedro. *Habitar*. 2006. Pág. 13.

As regras, enquanto malha de relações lançadas no início mostram-se facilmente identificáveis com o exercício de projeto: o grande vão no alçado da rua, que está em balanço e passa por diferentes divisões, criando um anonimato em relação à compartimentação do interior, é o mote para o desenvolvimento do novo alçado interior; as duas lâminas que ligam a rua ao interior do lote, Alçado Norte e Sul, são cegos; a forma como o piso um pousa sobre laminas no piso zero; O verde do interior do quarteirão.

A subversão da regra dá-se quando nas lâminas laterias a Sul, são rasgados dois vãos. A subversão neste caso está associada à necessidade básica de luz[36] naqueles espaços, como tal, o conforto e a qualidade do espaço sobrepõe-se à razão e à regra, e a mesma é subvertida, para suprimir uma necessidade básica. Ainda nestes vãos FVC acha necessário a introdução de um pequeno postigo, que ajudaria a ventilar. A regra, enquanto gesto único não o permite. A pré-existência solicita uma sistematização utópica dos vãos.

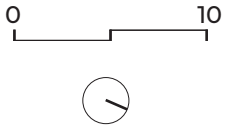
[36] *"O espaço ganha existência e presença pela luz natural, esta energia que lhe dá vida como diria Kahn." Textos datados.* 2007. Pág. 142.

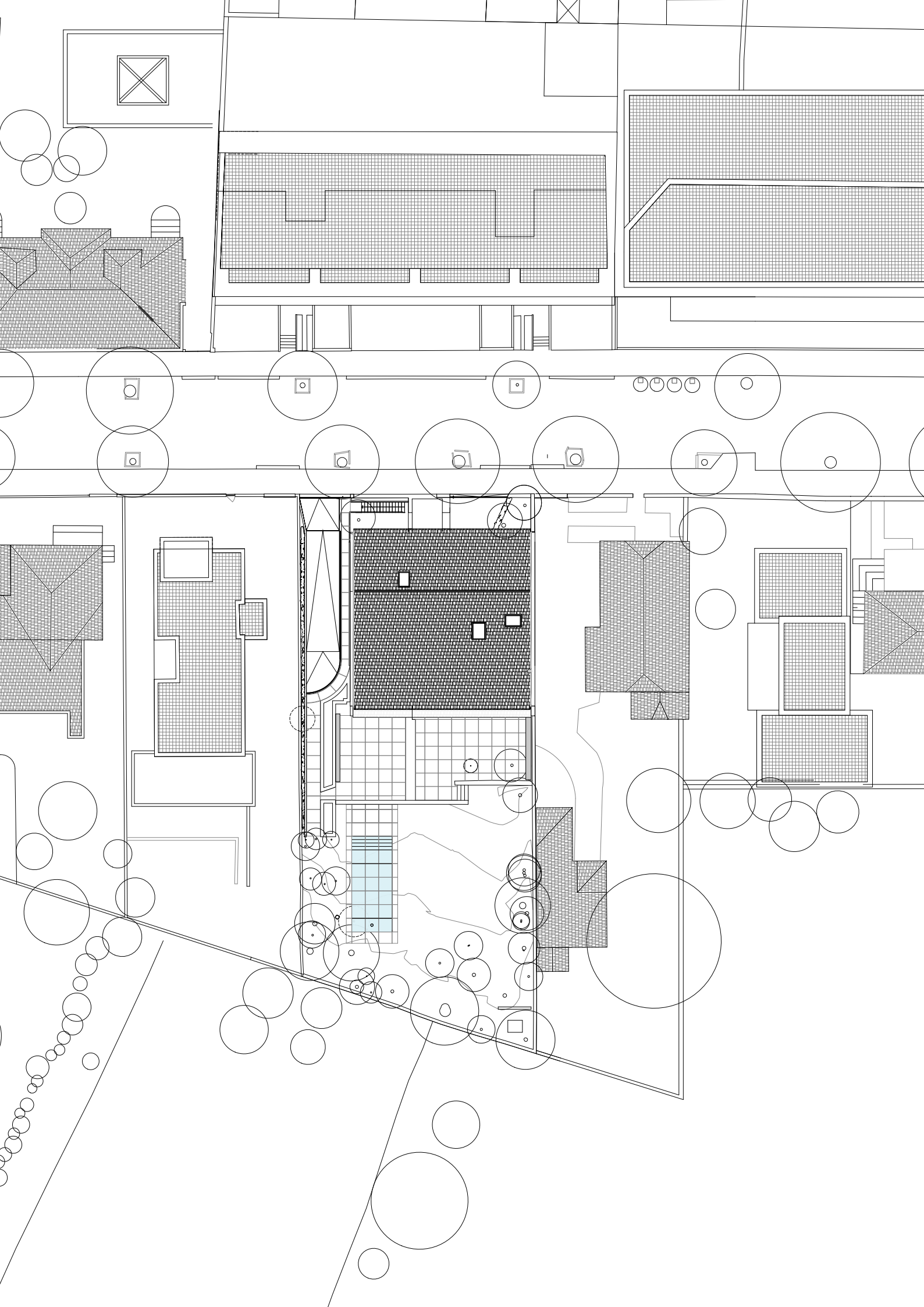


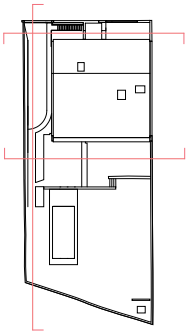
Fig. 37 - *"A Casa da Marechal."*
Alçado frontal.

PLANTA: **COBERTURA**

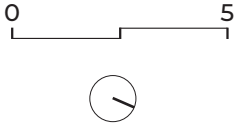
Fig. 38

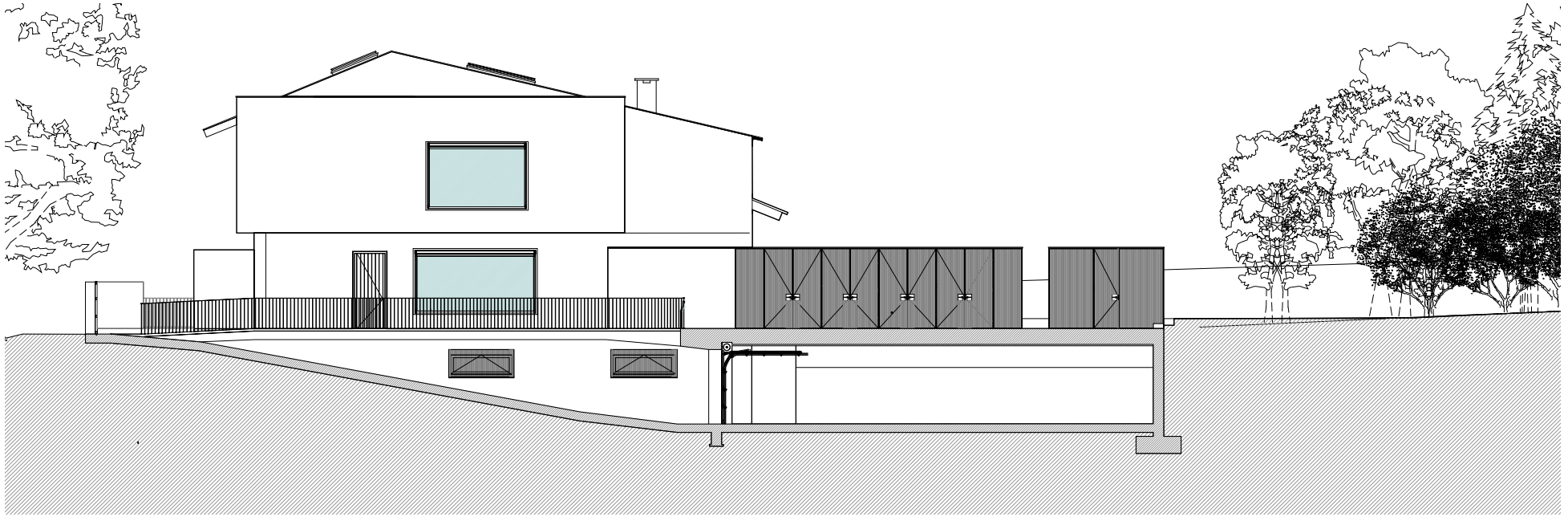


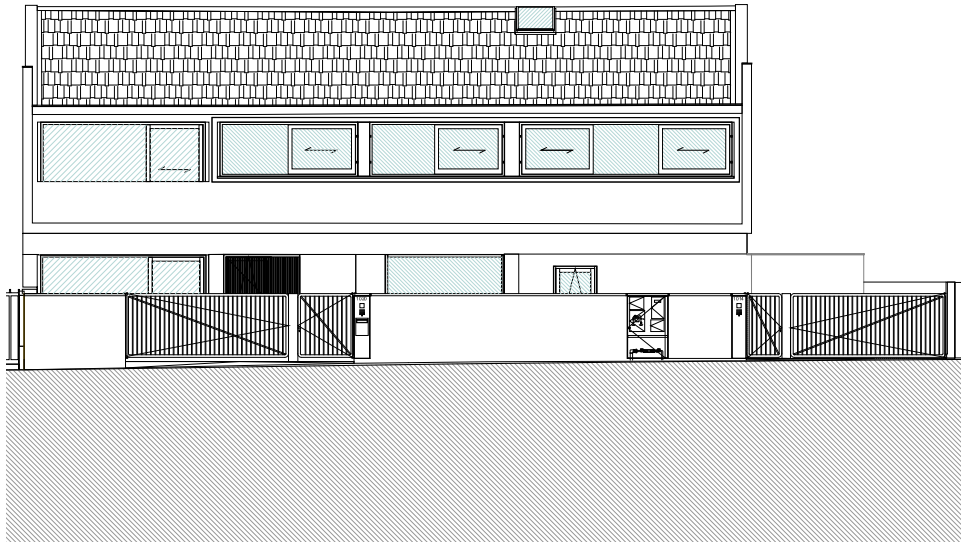


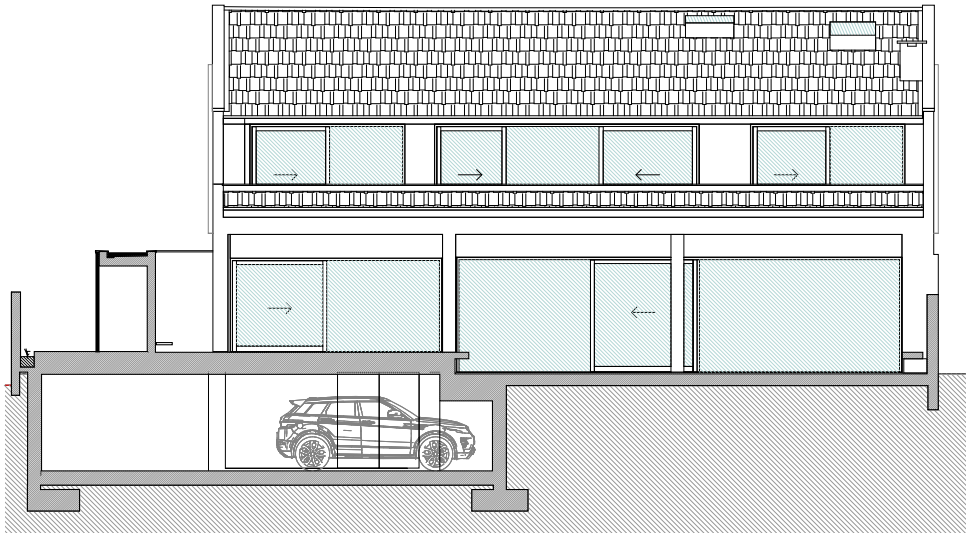


ALÇADOS: **SUL, ESTE, OESTE;**
Fig. 39, 40 e 41
1- A. Sul
2- A. Este
3- A. Oeste









02. O PROGRAMA

Desenhar casas deixa um sentimento ambíguo nos arquitetos, ESM diz que é exaustivo pelo detalhe em que se entra, e pela figura do arquiteto estar constantemente no limbo entre as vontade de um e a vontade do outro.[37] Já para Manuel Mateus desenhar casas é o melhor desafio que ele tem, pois ao contrário de um edifício público, que contacta com o cliente três ou quatro vezes, neste existe um maior contacto e mais debate.[38]

Esta é uma casa para uma família, onde o senhor vê a casa como uma obra de arte, para contemplar e usufruir, já a senhora vê a casa num sentido prático, para ser funcional ao dia a dia. Não cabe ao arquiteto resolver cada desejo momentâneo de cada indivíduo, a sua função é pensar sobre as questões e o resultado será como diz Siza, *"o resultado do seu trabalho será uma síntese de todos os contributos, depois de escrupulosamente discutida e verificada a justeza de cada um."*[39]

A intervenção passa pela recuperação do existente, reorganizando os espaços interiores. Prevê-se ainda a ampliação da área habitável do piso superior, através da alteração da inclinação da água nascente do telhado, para o interior do lote. Não esquecer que era fundamental que a altura da cércea se mantivesse, assim como a necessidade de impacto nulo no alçado para a rua, respeitando assim diretrizes do património. Esta alteração visa a que a habitação comporte as exigências tipológicas que o cliente pretendia, todos os quartos com casa de banho e uma sala de estudo no piso um. Esta reorganização do piso mais íntimo procurou que o mesmo conquistasse a privacidade e o verde do interior do lote.

A casa é divida em três momentos a zona de dormir, a zona de estar e a zona técnica, divididos pelos três pisos da casa. A zona de dormir corresponde à zona mais íntima da casa, e está toda ela no primeiro piso. Este é um piso

[37] *"(...) construir uma casa dá muito trabalho, tem de se entrar em muitos detalhes. E é também influenciado pelo tipo de clientes, que discutem muito, porque se constrói uma casa quer quando se casa quer após muitos anos de casamento, ou seja, constrói-se uma casa numa idade crítica de casamento, e no final o projecto acaba por ser muito discutido: se a cozinha é demasiado cara, se a garagem vai ser grande, se se vai construir uma piscina, etc. E é muito difícil estar lá, porque existe uma relação muito próxima com o cliente". Av Monografías: Souto de Moura 2012-2018.* 2018. Pág. 8.
[38] *"Gosto de trabalhar para famílias, fazer casas, trabalhamos muito perto das pessoas, e o que há mais de único são as pessoas. (...) A vida partilha-se e o projeto de uma casa descobre-se em conjunto"*. MENDONÇA, Bernardo; MATEUS, Manuel Aires. *A beleza das pequenas coisas.* In entrevista para o Expresso. 2022.
[39] SIZA, Álvaro. *Textos 01*. 2006. Pág. 16.

para o núcleo íntimo da família. A zona social desenvolve-se no piso zero. O piso com acessos aos espaços exteriores, onde através dos grandes vãos o exterior se apropria do interior e passa a fazer parte dele. A zona técnica desenvolve-se no piso -1, com a garagem, zonas das máquinas e zonas de arrumação. Neste piso foi introduzido ainda um quarto para as crianças brincarem e um quarto de visitas com casa de banho completa, que será também usado como lugar para os filhos guardarem os equipamentos de surf e as pranchas.

O processo de conceção do espaço é já pensado com o desenho da mobília, enquanto elemento que define e organiza a apropriação e transições entre espaços. Por vezes, nos desenhos surgiam quadrados, retângulos ou outras formas geométricas que não se sabia o que eram. FVC explicava que aquilo correspondia a elementos que o espaço precisava para se definir, mas que ainda não sabia o que eram ou como se caracterizavam.

"Ao visitar casas, o arquiteto torna-se usuário, passa a olhar através dos olhos do habitante, e assim adota uma atitude mais próxima à de uma pessoa qualquer, perdendo essa couraça que o domínio de uma disciplina cria, vencido pela força mesma da experiência real da casa, de domesticidade e da vida que ela contém."[40]

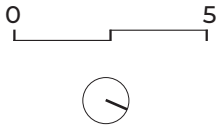
Durante este processo de defenição do espaço, existe uma preocupação de não fazer uma casa qualquer, mas uma casa que se adapte àquela família em específico. Para isso efetuámos visitas à casa onde a família vive atualmente, nela percebemos as suas necessidades e problemas que queriam ver resolvidos. Foi uma visita em que olhámos, medimos, mas acima de tudo interiorizámos. Interiorizámos como habitavam a casa, como se apropriaram do espaço. Deste exercício surgiram alterações mínimas, mas fundamentais na organização do espaço. É importante que a família transporte consigo a sua identidade, a sua forma de habitar.

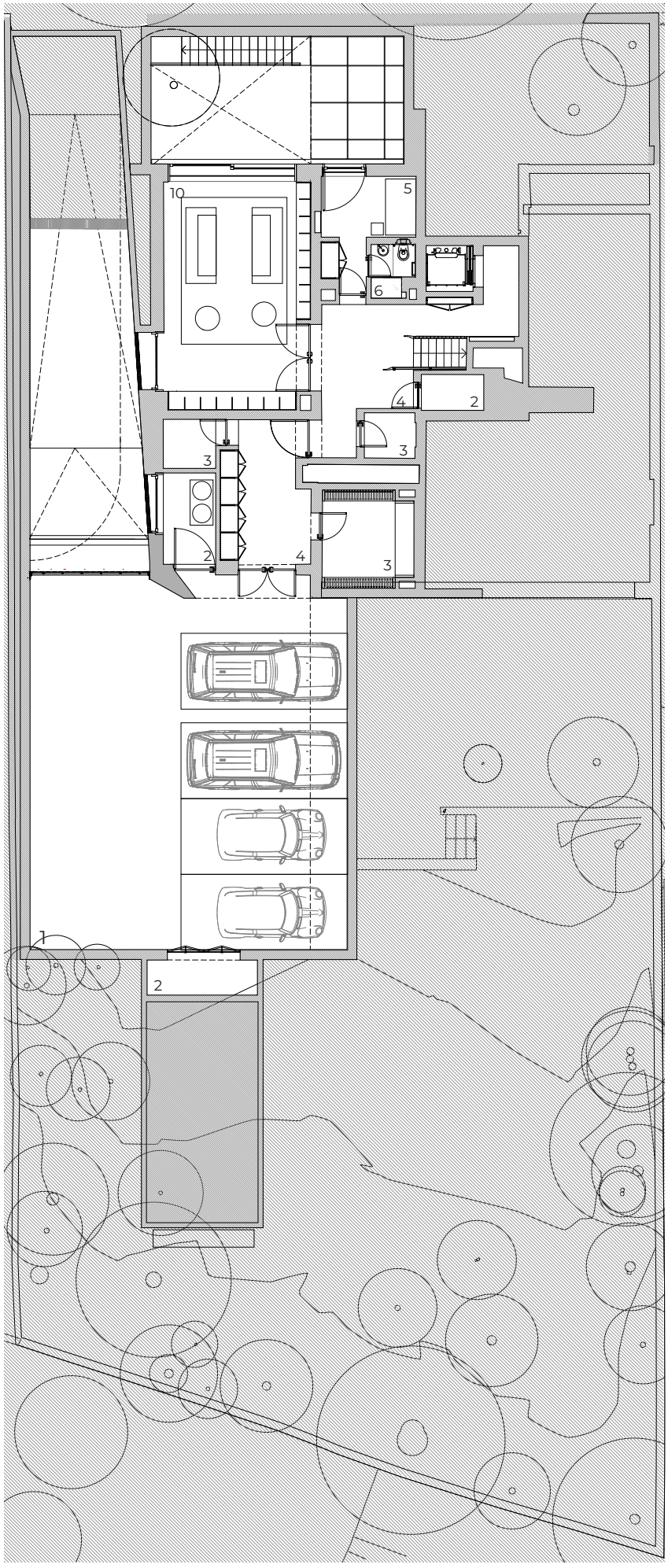
[40] ÁBALOS, Iñaki. *Boa-vida-casas da modernindade*. 2003. Pág. 9.

PLANTA: **P -1**
Fig. 42

LEGENDA:

1. Garagem
2. Área técnica
3. Arrumos
4. Distribuição
5. Quarto
6. Instalação sanitária
7. Lavandaria
8. Cozinha
9. Sala de Jantar
10. Sala de Estar
11. Escritório
12. Piscina
13. Closet

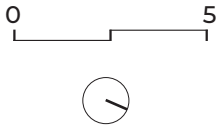


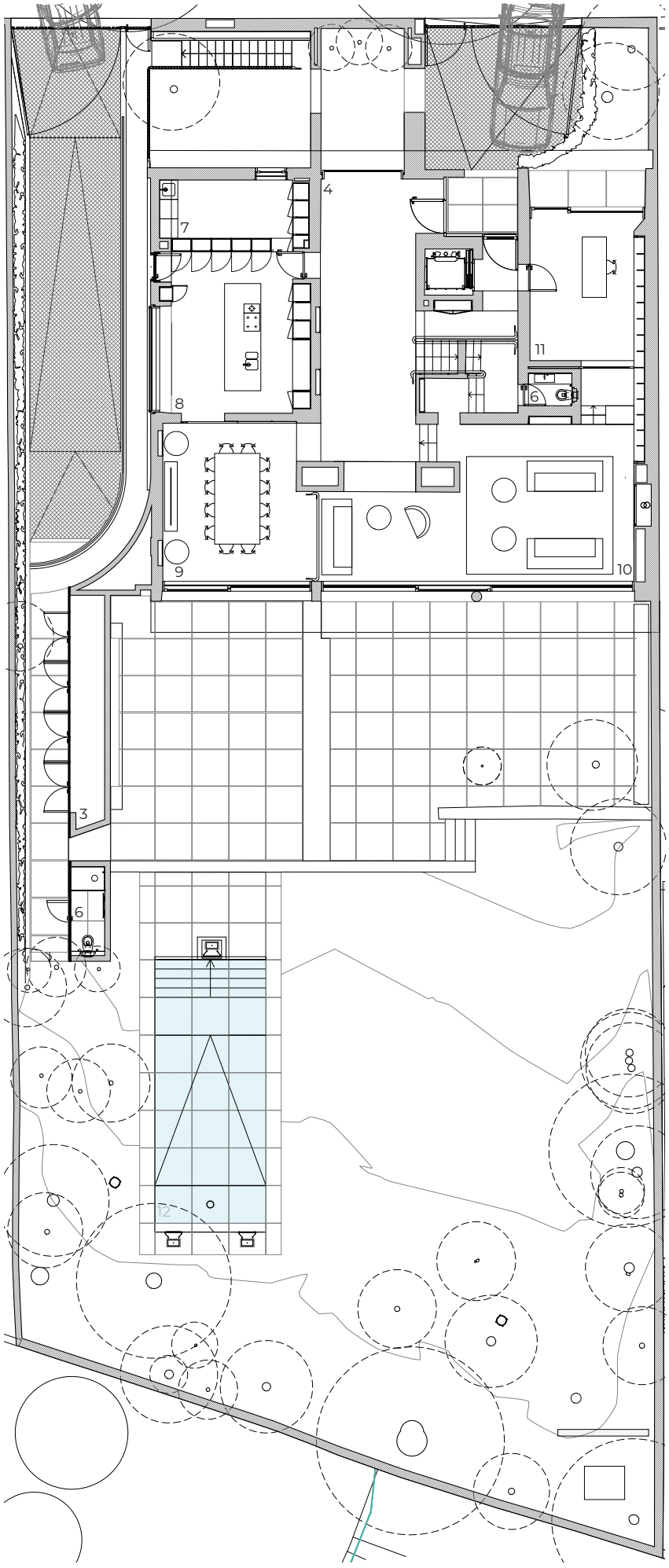

10
5
6
4
2
3
3
3
2
4
3
1
2

PLANTA: **P 0**
Fig. 43

LEGENDA:

1. Garagem
2. Área técnica
3. Arrumos
4. Distribuição
5. Quarto
6. Instalação sanitária
7. Lavandaria
8. Cozinha
9. Sala de Jantar
10. Sala de Estar
11. Escritório
12. Piscina
13. Closet

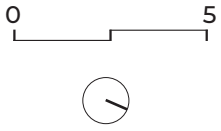


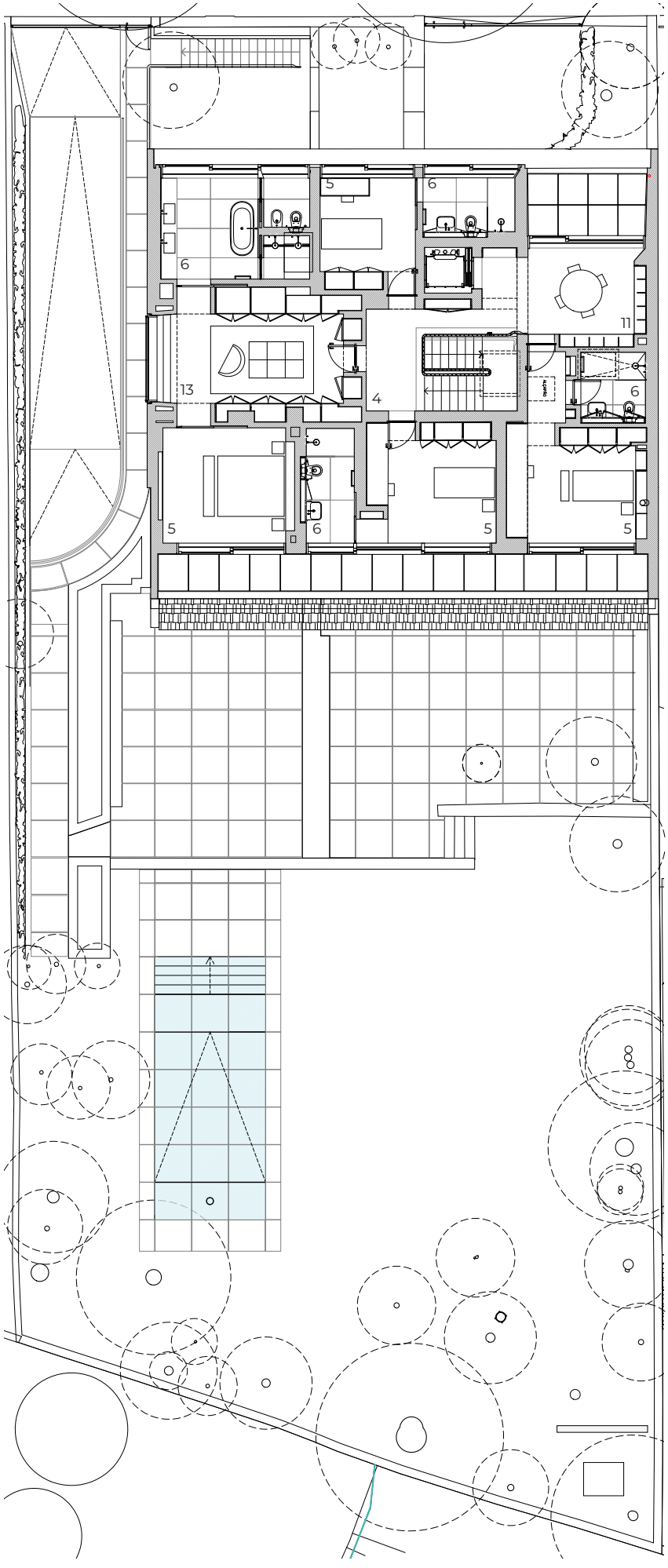

4
7
8
9
10
11
6
3
6
12

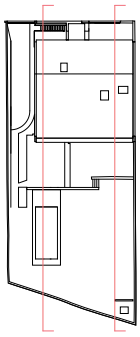
PLANTA: **P 0**
Fig. 44

LEGENDA:

1. Garagem
2. Área técnica
3. Arrumos
4. Distribuição
5. Quarto
6. Instalação sanitária
7. Lavandaria
8. Cozinha
9. Sala de Jantar
10. Sala de Estar
11. Escritório
12. Piscina
13. Closet



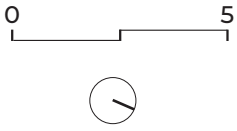

5
6
6
11
13
4
6
5
6
5
5

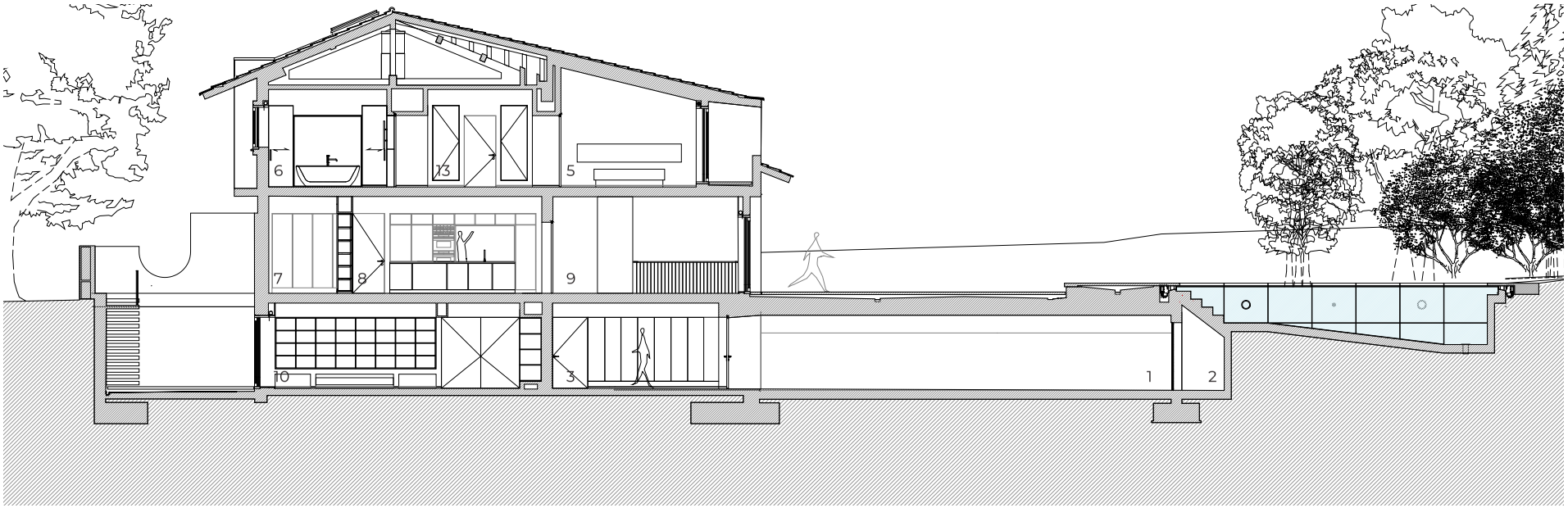


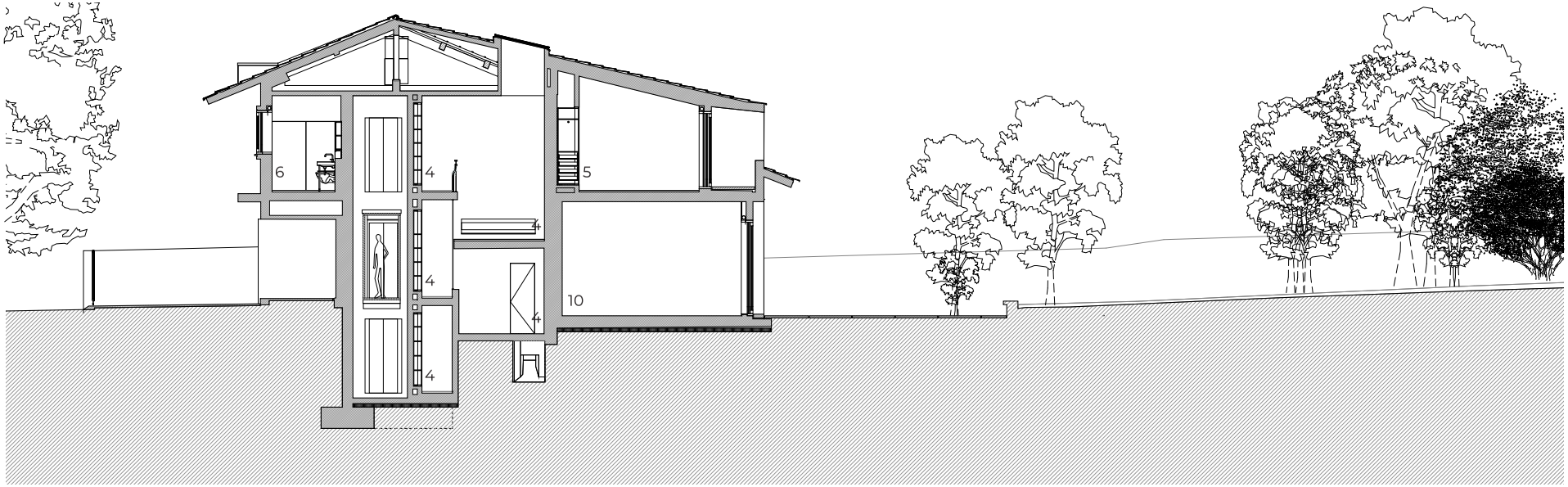
CORTES: 11’ AA’
Fig. 45 e 46

LEGENDA:

1. Garagem
2. Área técnica
3. Arrumos
4. Distribuição
5. Quarto
6. Instalação sanitária
7. Lavandaria
8. Cozinha
9. Sala de Jantar
10. Sala de Estar
11. Escritório
12. Piscina
13. Closet




6
13
5
7
8
9
10
3
1
2


6
4
5
4
4
10
4
4

03. A CONSTRUÇÃO

"A construção é a condição da arquitetura."[41]

A ideia é levada ao limite das possibilidades. A arquitetura, que procura ser algo aparentemente simples, esconde nas suas entranhas os complexos sistemas construtivos que as possibilitam. Para isto, existe um assumido compromisso entre a verdade construtiva e o artifício. A verdade é o que se vê, a verdade é o arquiteto quer. O artificio é uma ferramenta usada para reforçar a ideia.

Fazer arquitetura é fazer síntese. Neste projeto o pretendido é sintetizar as diferentes camadas existentes. Neste, como em todos os projetos, existe a vontade que um sistema resolva o projeto, ainda que para isso tenham de existir pequenas variações. Este exercício aparentemente fácil de teorizar tem uma prática complexa, pois a pré-existência desde a sua construção foi criando várias camadas, com diferentes tempos. Inúmeras vezes ao longo do acompanhamento de obra se fizerem estes momentos de síntese. Conversas longas que geravam pontos de situação, onde nestes momentos era o projeto que comunicava. Comunicava as suas certezas e as suas contradições. São nestes momentos que FVC voltava a possuir o controlo total do projeto.

O projeto prevê a manutenção e recuperação da linguagem e elementos existentes. O material da fachada, um reboco areado que lembra os edifícios modernos italianos, será retirado e refeito. Um processo construtivo que não evoluiu e que carece de um cuidado especial na sua aplicação para que não fique irregular. A decisão de manter o reboco areado e as volumetrias exteriores, levou o isolamento para o interior da habitação, e obrigou ao uso de paredes em gesso cartonado no interior, de forma a existir a correção térmica e o consequente ajuste aos estandartes de conforto atuais.

A caixilharia é um tema de projeto para FVC. Na sua arquitetura a resolução deste tema dá pistas sobre como se resolvem as promenorizações dos interiores. Portanto, quando o desenho do caixilho é colocado em causa, em todo o projeto paira um sentimento de dúvida. O desenho dos caixilhos divide-se em dois momentos, um primeiro que visa a atitude pragmática de um sistema que resolva todos, a regra; e um segundo momento, que é aplicado nos rasgos feitos nas lateriais, a subversão da regra. O primeiro momento funciona com um aro a toda a volta e o vão de correr no exterior.

[41] *Materia y forma*. 2003. Pág. 15.

Os fixos, correspondentes ao momento dois, formam negativos entre eles e a parede exterior, e foram acompanhados durante todo o seu desenvolvimento pela imagem da Casa Laax do arquiteto Valerio Olgiati. Este tema é um exemplo prático da presença de uma imagem que demonstra uma vontade durante todo o processo de desenvolvimento do caixilho. Os caixilhos serão em madeira, pintados a branco, à semelhança do que existiria.

A escolha dos acabamentos dos diferentes pisos assume uma atitude pragmática de adequar os usos das diferentes zonas às suas necessidades e vivências. A casa desenvolve-se em três pisos, a cave, um piso mais técnico onde o material para o chão é uma betonilha, pronta para o desgaste inerente de um piso técnico. O piso zero, mais social desenvolve-se em taco de madeira em espinha, conforme o que existia, dando ao habitante e ao visitante o acolhimento e a quente através da madeira. O piso dos quartos, um piso mais privado, mais íntimo desenvolve-se em alcatifa.

"O projeto não acaba no estirador, é no estaleiro que as obras se personificam." [42]

A construção é o momento de validação de toda a abordagem projetual do arquiteto. O estaleiro é o nosso segundo lugar de trabalho, o último momento antes de execução.



Fig. 47 - *"A Obra."*
Processo de construção da Casa Marechal.

[42] DE CAMPOS, Francisco Vieira. *Relatório de estágio*. 1992. Pág. 40.

Caixilharias da cozinha, closet e hall de entrada.

- Caixilharia fixa, com rolo solar-screen no exterior

- Exemplo do pormenor que decorre de uma referência. Casa Laax, Arq. Valério Olgiati.

- Corresponde ao momento da subversão.

- A chapa quinada é um elemento importante que protege o solar-screen das intempéries.

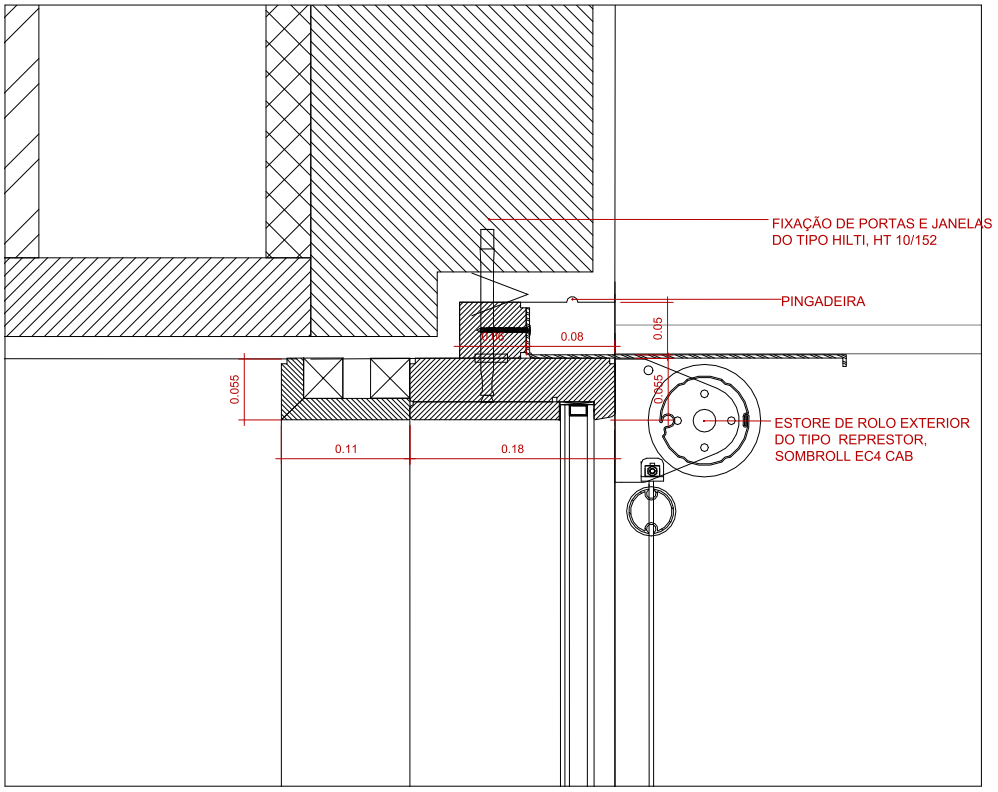
-A profundidade do negativo é importante que tenha, pelo menos, o mesmo que a distância entre a parede e o caixilho. Neste caso conseguimos que fosse mais, o que provoca um efeito acentuado do negativo. O que FVC procurou.

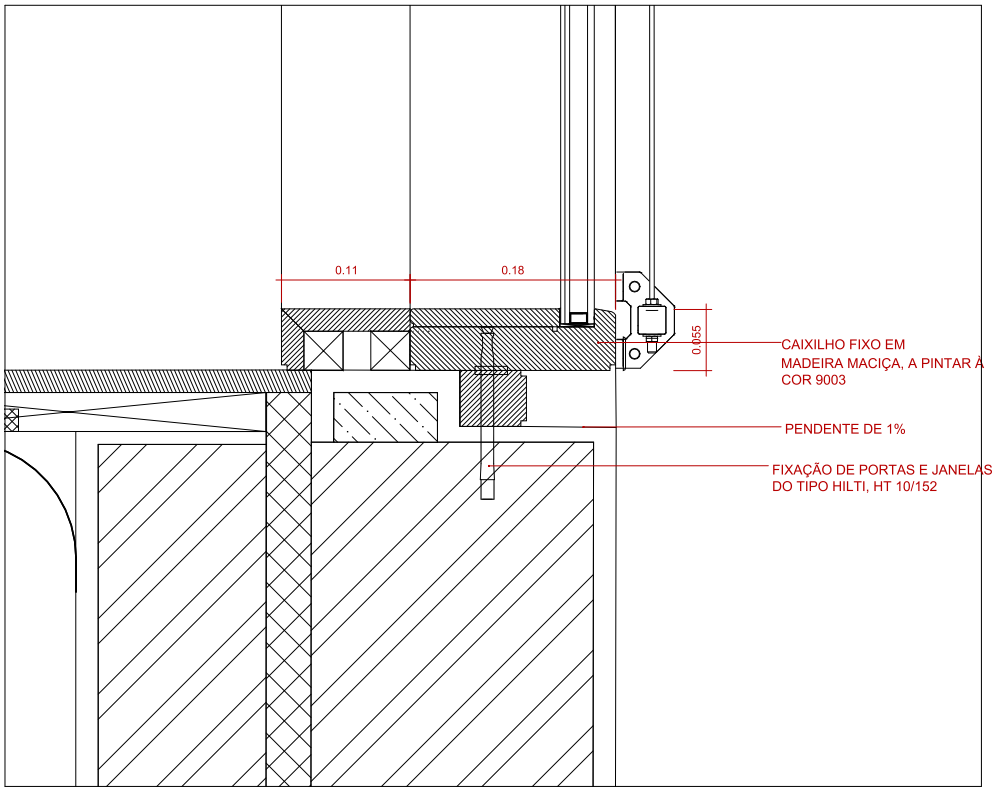
-A posição e a forma do bite permite que a fixação do caixilho à parede seja feita e depois coberta por ele, ocultando a fixação. O objetivo de ter um resultado, aparentemente, simples.



Fig. 48 - ***"A imagem que acompanha o processo."***
Casa Laax, Arq. Valerio Olgiati.

Fig. 49 e 50 - ***"O vão da cozinha, closet e hall de entrada."***
Corte.


FIXAÇÃO DE PORTAS E JANELAS
DO TIPO HILTI, HT 10/152
PINGADEIRA
0.08
0.05
0.055
0.055
ESTORE DE ROLO EXTERIOR
DO TIPO REPRESTOR,
SOMBROLL EC4 CAB
0.11
0.18


0.11
0.18
0.055
CAIXILHO FIXO EM
MADEIRA MACIÇA, A PINTAR À
COR 9003
PENDENTE DE 1%
FIXAÇÃO DE PORTAS E JANELAS
DO TIPO HILTI, HT 10/152

Caixilharias de correr

-Composto por caixilho fixo mais corredora elevadora.

-O objetivo seria no exterior o aro do vão e o aro da janela se vissem de forma continua, sem prumos ao meio. Para isso o caixilho de correr tem de estar no exterior, e o caixilho fixo tem de ser embutido na espessura do aro (55mm).

-Uniformização dos pormenores. Com o mesmo detalhe resolver diversos momentos da casa.

- Este, em particular, pertence ao caixilho do alçado da frente, que esta em balanço e passa por várias divisões. Uma reinterpretação da pré-existência.

-No betão é feita uma reentrância de 2 cm para receber o caixilho, o objetivo é nesse sítio levar o fio de mástique, de forma a que o mesmo não se veja.

-O resultado simples que esconde processos complexos. O rolo do black-out é escondido, e resulta apenas um pequeno rasgo na padieira por onde desce o black-out. É importante que facilmente se possa retirar a padieira para que possa ser feita a manutenção do equipamento do black-out, se necessário.

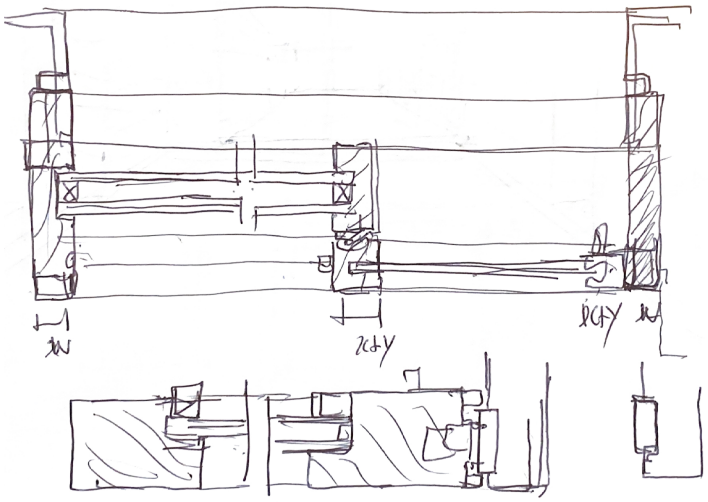
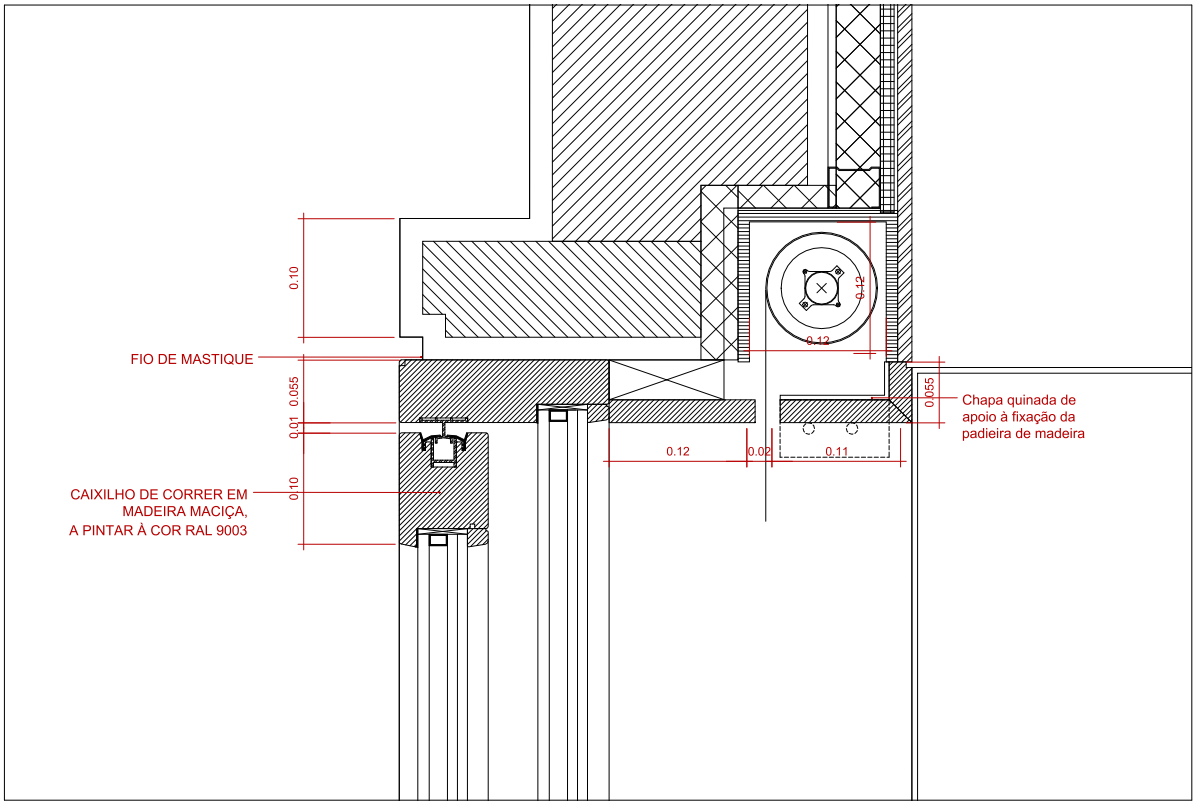
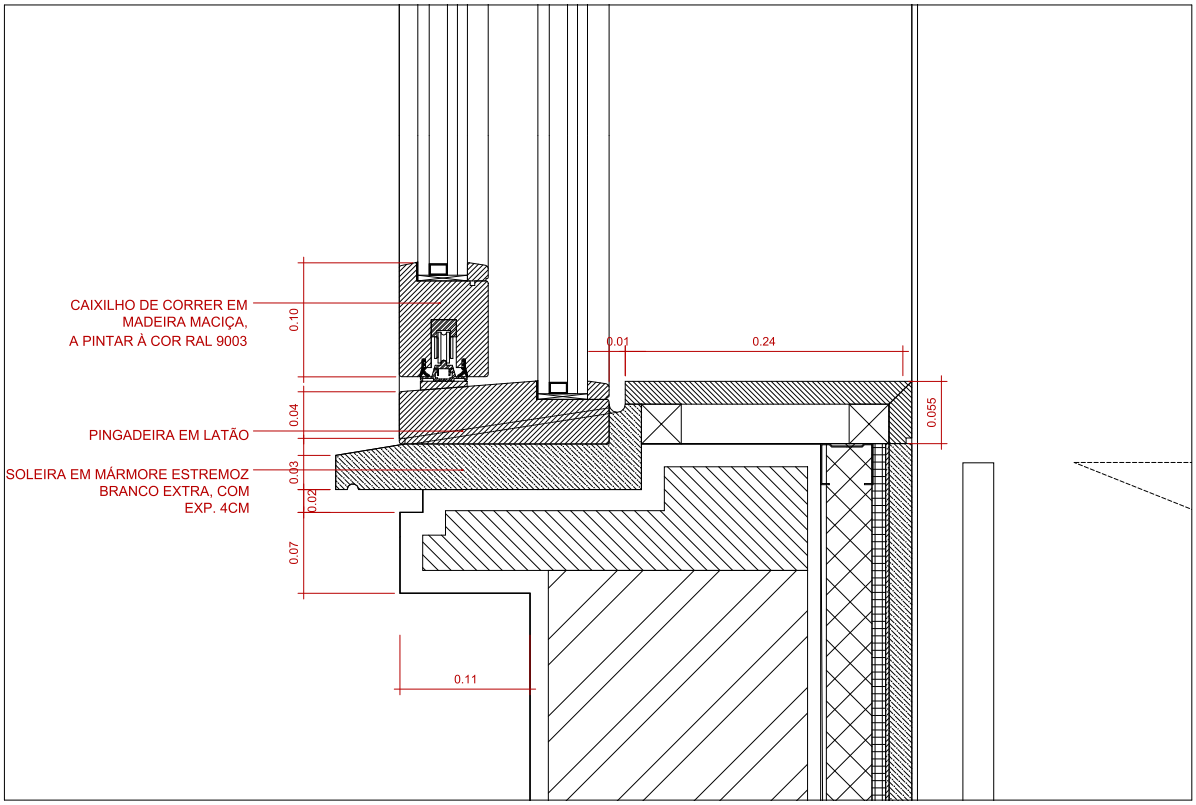


Fig. 51 - ***"O desenho que representa uma vontade."***
X, X+Y, X+Y, X.

Fig. 52 e 53 - ***"O caixilho de correr."***
Corte.


FIO DE MASTIQUE
CAIXILHO DE CORRER EM MADEIRA MACIÇA, A PINTAR À COR RAL 9003
Chapa quinada de apoio à fixação da padieira de madeira
0.10
0.055
0.01
0.10
0.12
0.02
0.11
0.055
0.12
0.12


CAIXILHO DE CORRER EM MADEIRA MACIÇA, A PINTAR À COR RAL 9003
PINGADEIRA EM LATÃO
SOLEIRA EM MÁRMORE ESTREMOZ BRANCO EXTRA, COM EXP. 4CM
0.10
0.04
0.03
0.02
0.07
0.01
0.24
0.055
0.11

Portas

- Aros embutidos

- Importante o detalhe de dois materiais nunca se encontrarem faceados. Existe sempre uma alheta de 5mm que separa ambos.

- Dobradiças ocultas.

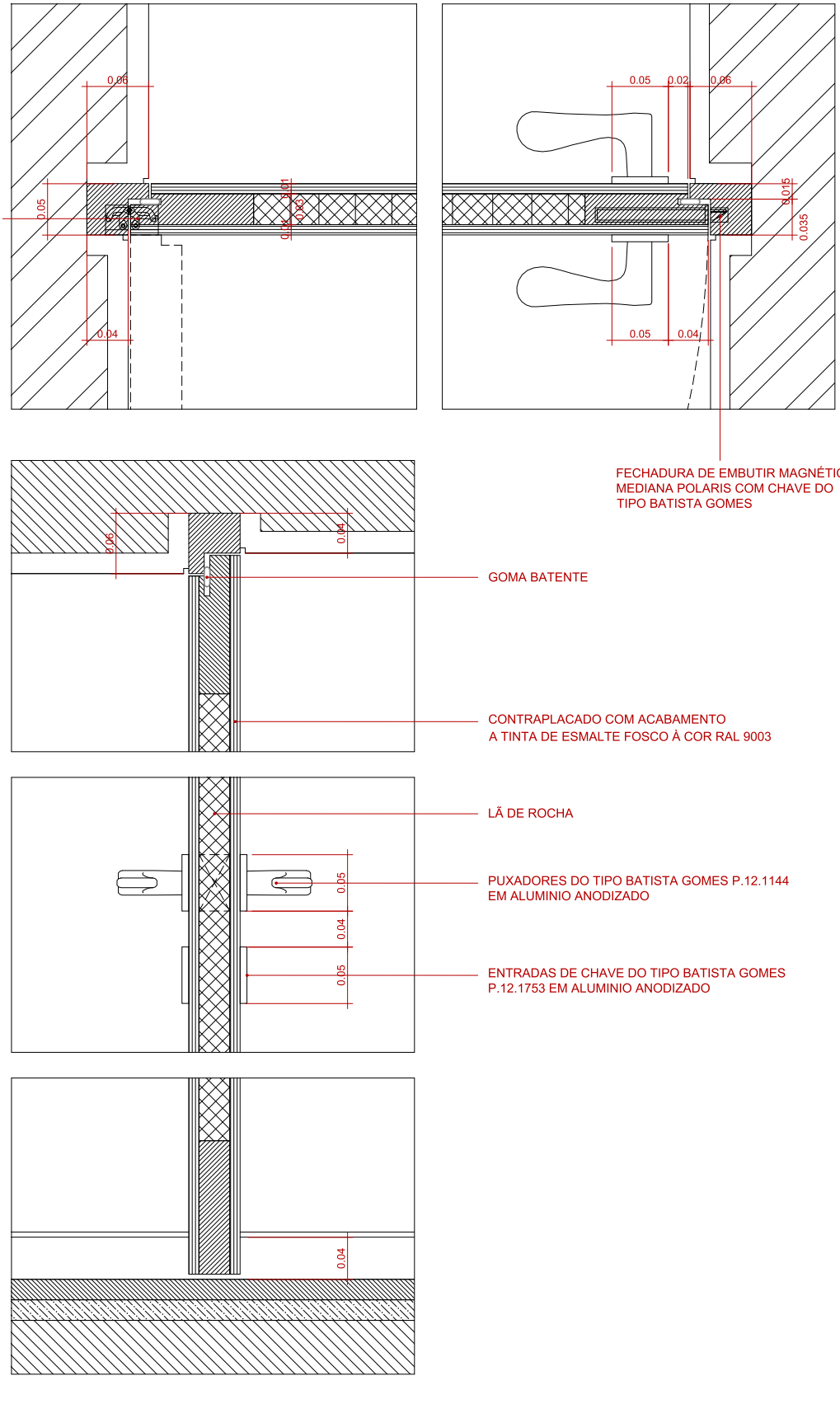
- Os rebocos escondem os aros da porta. Um lado fica com mais 4cm de largura e 2cm de altura.

- O tema do aro embutido influência o desenho dos armários, e da lógica dos interiores. No caso dos armários, os aros são tambem embutidos, ficando a porta faceada. Os rodapés são também eles embutidos.

- Uma ideia unitária que acompanha o desenho de todas as pormenorizações do projeto.

Fig. 54 e 55 - *"Portas."*
Planta.

Fig. 56 e 57 - *"Portas."*
Corte.


0.06
0.05
0.04
0.01
0.03
0.04
0.05
0.02
0.06
0.015
0.035
0.05
0.04
FECHADURA DE EMBUTIR MAGNÉTICA
MEDIANA POLARIS COM CHAVE DO
TIPO BATISTA GOMES
0.06
0.04
GOMA BATENTE
CONTRAPLACADO COM ACABAMENTO
A TINTA DE ESMALTE FOSCO À COR RAL 9003
LÃ DE ROCHA
0.05
0.04
0.05
PUXADORES DO TIPO BATISTA GOMES P.12.1144
EM ALUMINIO ANODIZADO
ENTRADAS DE CHAVE DO TIPO BATISTA GOMES
P.12.1753 EM ALUMINIO ANODIZADO
0.04

III. ESCOLA

REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DA QUINTA DAS LAMAS.
E-LEARNING E FITNESS, 4º Ano, 2020
Prof. José Paulo dos Santos

00. INTRODUÇÃO À ESCOLA.

Este é o momento final. O tempo de confrontar os diversos momentos da aprendizagem: a escola e o escritório. Neste capítulo existirá um regresso a projeto quatro, o último em âmbito académico na FAUP. Um revisitar após dois anos, sobre um olhar mais maduro.

Para este regresso é fundamental aquele que foi o afastamento às abordagens projetuais pessoais e um abrir de horizontes a novas práticas. O trabalho enquanto colaborador equivale a trabalhar com as ideias do outro, em projetos que somos responsáveis por executar e resolver problemas. Este distanciamento cria o ambiente ideal para uma introspeção do método pessoal. Procurando ver como este contacto com a abordagem de FVC reformulou, ou não, o meu discurso.

A escola possui uma estratégia para o estudante. Começa no desenvolvimento do cubo e de uma casa, um exercício mais abstrato ou mais conceptual. Aqui o aluno é livre de divagar e explorar o espaço, as suas ligações, sem nenhum constrangimento. E vai caminhando em direção ao concreto, sob uma ideia de aprende-se a projetar projetando.[43] O ensino de projeto assenta na descoberta e aprofundamento das abordagens ao projeto.

No segundo ano introduz-se timidamente a construção, no terceiro ano é o ano da revolução digital, com o salto do papel para o computador. O quarto ano é o ano que já possuímos as ferramentas todas, é o ano do equipamento. Com estas bases, que se prossupõem adquiridas complexifica-se o problema, com a introdução de sistemas estruturais e infraestruturas, como o pensamento de todo o sistema de AVAC's. Inversamente à evolução do aluno, os professores vão tendo uma menor influência nos projetos, passando a ter um olhar mais crítico e fomentando a criação de bases projetuais sólidas que sustentem todo o exercício de projeto. É no quarto ano que o aluno possui máxima liberdade, máxima responsabilidade.

[43] *"Aprendia-se a projetar projetando e construindo, e ainda hoje, no fundo é assim."* O construído não é incluído no texto pois no exercício académico está subentendido a não construção do objeto arquitetonico. *Textos Datados*. 1985. Pág. 89.

"Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo."

Peter Zumthor. Pensar a Arquitetura. 2005 .Pág.17

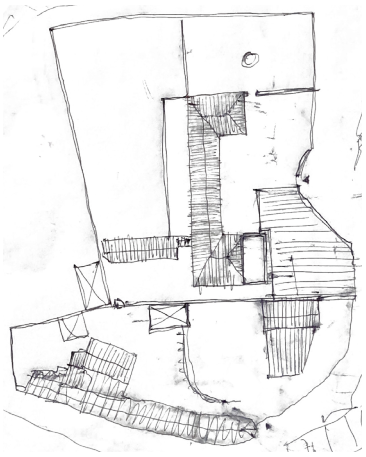


Fig. 58- 1 *"O existente"*

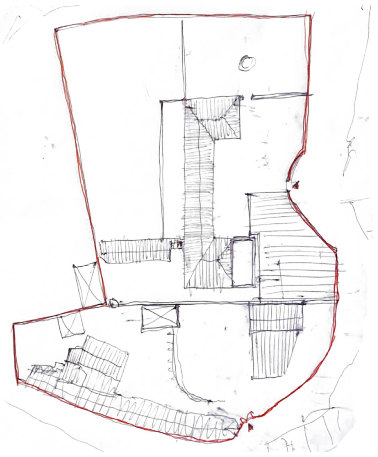


Fig. 59- 2 *"Os limites"*

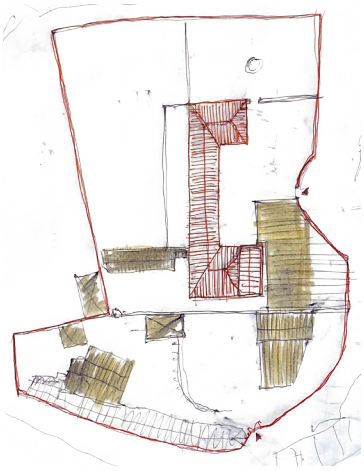


Fig. 60- 3 *"Os Amarelos"*

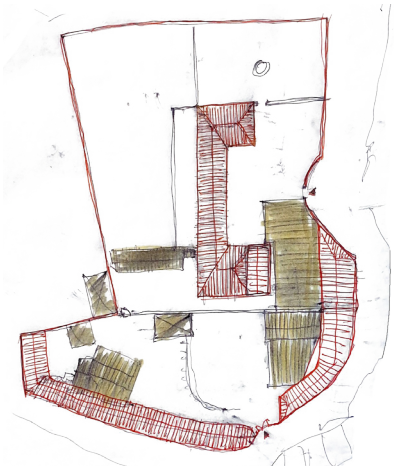


Fig. 61- 4 *"O muro habitado"*

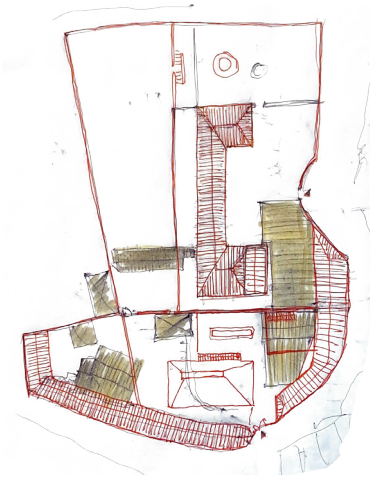


Fig. 62- 5 *"A expansão a Norte"*

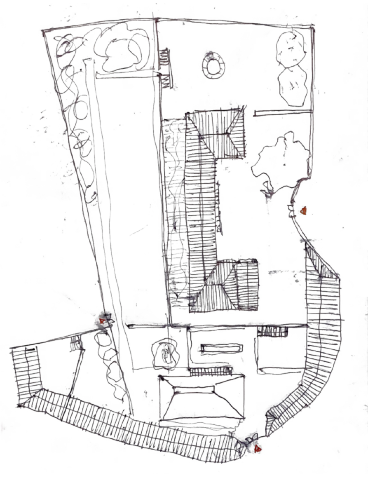


Fig. 63- 6 *"A Quinta das Lamas"*

01. O SÍTIO

A Quinta das Lamas está localizada no Porto, no Polo Universitário da Asprela entre a Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Economia. Um lugar cheio de vida e movimento, marcado pelo ponto de entrada e saída da cidade, é uma zona extremamente infraestruturada, com metro, autoestrada, estrada da circunvalação, habitação, parques verdes, etc. A Quinta das Lamas, no meio desta agitação urbana, encontra-se como um lugar parado no tempo. Um núcleo de características rurais abandonado, à espera de que algum programa ou uso a revitalize. Neste contexto é imperial que o projeto perceba o lugar onde se encontra, assim como as diferentes escalas da cidade e projete a partir dai.

A ideia não é operativa, torna-se operativa quando se formaliza nas regras. Estas são uma malha de relações criadas que procuram resolver o lugar, e estão presentes desde o início. É a regra que oferece as bases e as certezas para que se comece o exercicio do projeto.

A Quinta era constituída por um limite murado, uma emblemática entrada desenhada pelo arquiteto Nicolau Nasoni, uma casa senhorial e várias construções anexas a Norte. Nessa panóplia, aparentemente, desordenada de anexos, está incluída a casa do caseiro, que foi um tema controverso entre se faria sentido manter ou não, tendo sido deixado ao critério do estudante. O programa passava por tornar a quinta numa área que servisse a cidade, com uma zona de E-learning para os estudantes e um programa de Fitness com balneários, ginásio e piscina.

Desde o início do desenvolvimento que os limites da quinta, ou seja, os muros eram vistos como um elemento fundamental que definia e caracterizava o lugar. Foi intenção mantê-los, cingindo toda a construção aos seus limites, respeitando-os. Dentro dos muros existiam duas abordagens que o projeto tinha de oferecer, perante a casa senhorial: eliminar as diferentes camadas temporais que desvirtuavam a pureza e simplicidade do projeto inicial e um retrocesso contemporâneo ao desenho inicial. A atitude oposta é usada na zona Norte que com a presença de todos os anexos se encontrava confusa e descaracterizada, o novo programa é utilizado para resolver esta zona, de modo a clarificá-la, respeitando o muro e a cota alta da eira.

Claramente, em ambos os momentos existe uma estratégia de valorização e continuidade com o existente.

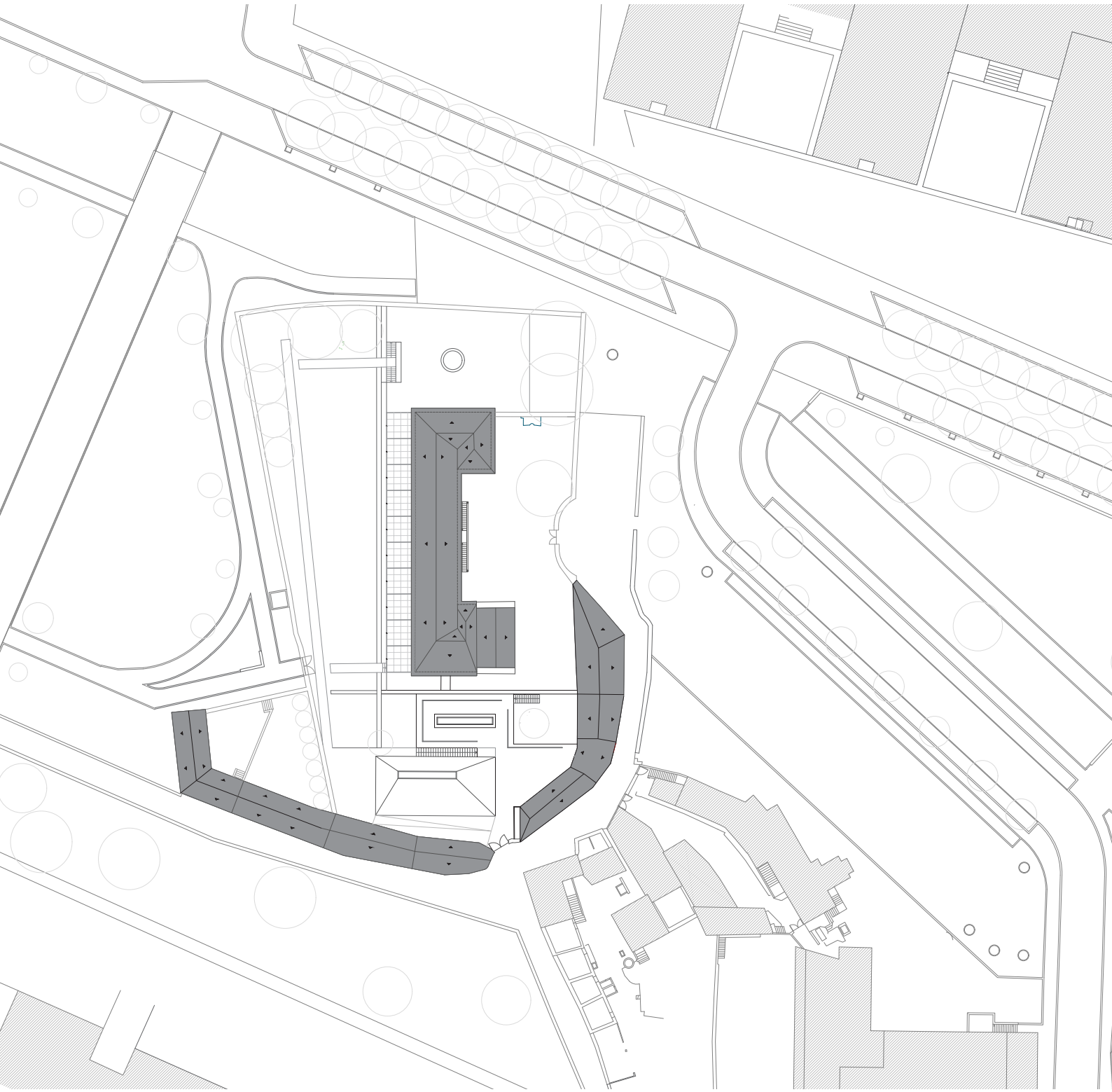


64 VISTA AÉRIA: **O SÍTIO**

65 PLANTA: **COBERTURA**







02. O PROGRAMA

"Projetar significa, em grande parte, compreender e ordenar."[44]

O E-learning era um programa que se adaptava à pré-existência, por facilmente se adaptar às dimensões da casa senhorial e, principalmente, pela carga infraestrutural necessária ser consideravelmente menor. Permitia também aproveitar algumas das compartimentações existentes, oferecendo a possibilidade da subdivisão do programa em diferentes espaços. A intervenção neste corpo compreendeu temas de investigação no projeto como a reversibilidade da arquitetura e o toque mínimo nas pré--existências. Podemos dizer que ambos aspiram o objetivo maior, que se algum dia o programa mudar não seria necessária uma intervenção profunda para se reverter ou alterar as funções. As casas de banho, são o exemplo máximo desta atitude da intervenção mínima, funcionam como caixas que pousam delicadamente no chão. Foi um tema muito trabalhado e enfatizado a sua importância pelo professor. A consciência da reversibilidade da arquitetura e da forma perene em programas efémeros no contexto da sociedade contemporânea.

O programa Fitness é composto por balneários, piscina e ginásio, ou seja, espaços com uma grande carga infraestrutural. Sendo um programa mais rígido e com necessidades de grandes áreas livres, foi pensado para resolver a desorganização da zona Norte. Do estudo feito ao existente, retiram-se princípios fortes que se tornam regras da nova intervenção. São elas os muros habitados e a cota alta da eira na zona Norte. Os muros habitados surgem da leitura das construções anexas, que, maioritariamente, se acoplavam aos muros.

O respeito pela eira e o tema dos muros habitados leva a uma resolução pragmática da zona Norte. Onde o programa é dividido entre abaixo da cota da eira e acima. Na cota inferior surgem os balneários que fluem para a piscina e para o ginásio. Na cota superior onde é explorado o tema do muro habitado, coloca-se todo o programa de refeição, parte do ginásio direcionado a aulas de grupo, que podiam ser subdivididos em espaços menores, casa das máquinas e casa do caseiro.

Ambos os programas e-learning e o fitness foram pensados para ter apenas uma entrada comum. Pela simples razão, da não duplicação dos serviços, de não ter dois seguranças- a consciência do contexto económico português. Pelo que a entrada se passou a fazer, ao invés do ponto óbvio a eixo da casa, pelo corpo da igreja, ponto central da proposta que distribuía para o e-learning na casa, ou para o fitness na zona Norte.

Procurava algo que quebrasse a monotonia das regras que propusera. Convenci-me que os baixos pés direitos da piscina, 2,8m não eram suficientes face à luz que entrava no espaço. Tinha de criar uma forma que permitisse ganhar pé direito no seu interior, criando uma espacialidade interessante. Percebo agora que talvez não tivesse existido uma razão técnica para a exploração deste volume, senão a minha própria vontade de quebrar a monotonia que se estava a tornar o projeto. Este talvez tenha sido um acidente criado por mim. Lembrando a frase que usei nos textos da subversão da regra, ESM sobre este tema diz "*quando consigo uma certa ordem, uma regra de construção, ou um módulo base, parece que tudo vai bem, mas é quando surgem os acidentes, e se eles não aparecem, então invento eu.*"[45] Talvez esta tenha sido a subversão da regra que deu uma identidade ao projeto.[46]

Surge um volume que procura reinterpretar a forma dos telhados de águas existentes. Inspirado em volumetrias como o que Erich Mendelsohn projeta para uma fábrica de chapéus em Luckenwalde, Alemanha; Miller e Maranta num projeto de um jardim de infância em Flums no Lichenstein; ou mesmo de Souto de Moura na Casa das histórias em Cascais, Portugal. Ergue-se um volume em forma de pirâmide alongada, com uma clarabóia na sua cobertura.



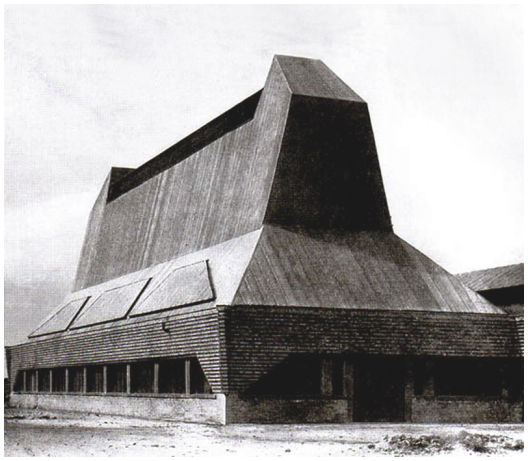


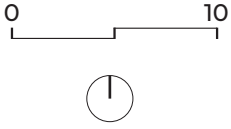
Fig. 66 - *"Casa das Históriоas, Souto de Moura."*
Fig. 67 - *"Fábrica dos Chapéus, Erich Mendelson."*
Referencias para a piscina.

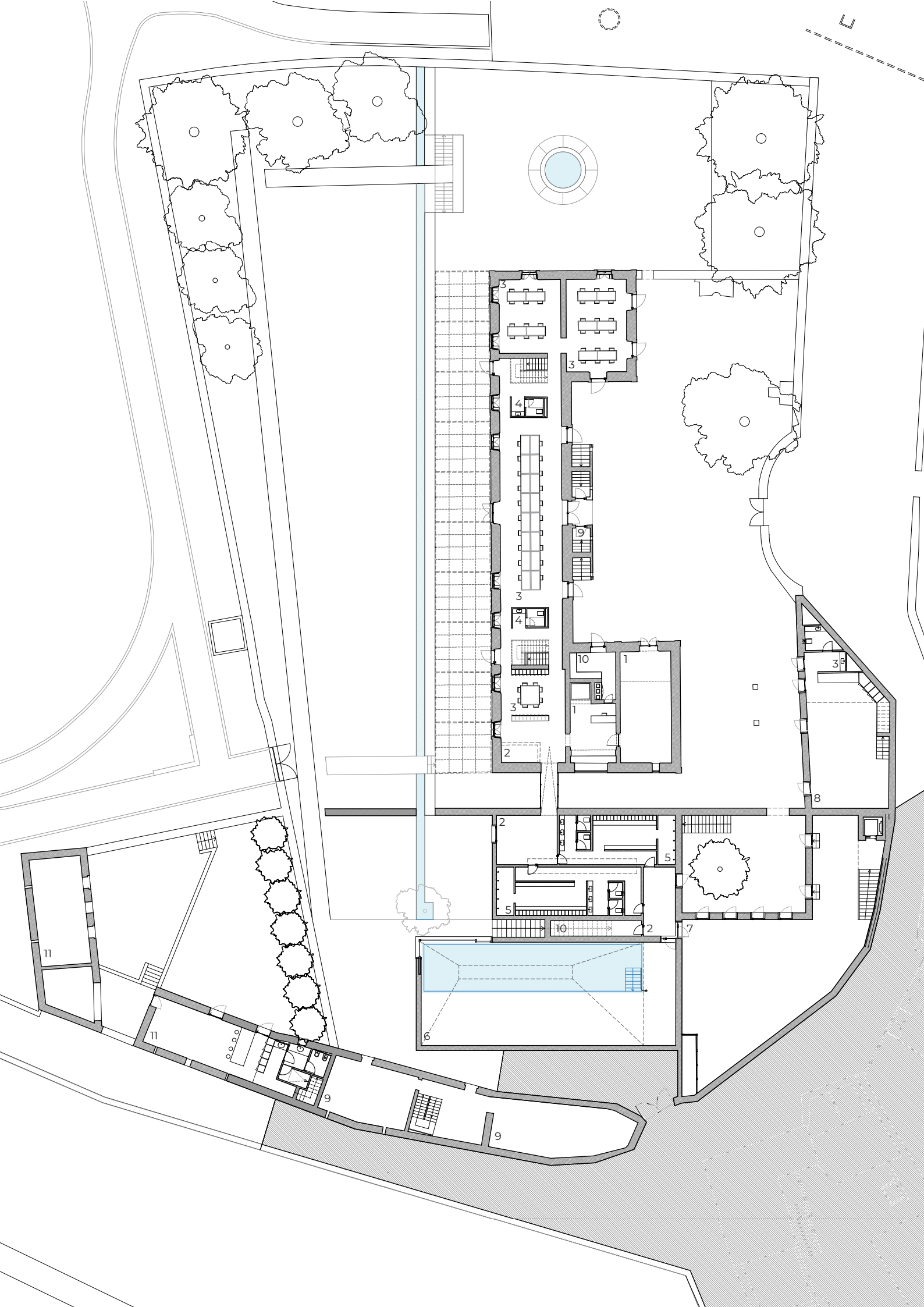
[44] *Pensar a arquitetura*. 1985. Pág. 19.
[45] *Eduardo Souto de Moura*. 2000. Pág. 33.
[46] *"Na produção consciente e refletida dos espaços, como dizia Kahn, procura o que costuma chamar-se de identidade (...)*" *Textos Datados.* 1985. Pág. 142.

PLANTA: **P 0**
Fig. 68

LEGENDA:

1-Entrada
2- Hall de distribuição
3- Sala de estudo
4- Instalações Sanitárias
5- Balneários
6- Piscina
7- Ginásio
8- Zona de Refeições
9- Zona técnica
10- Arrumos
11- Casa do Caseiro

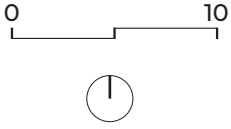


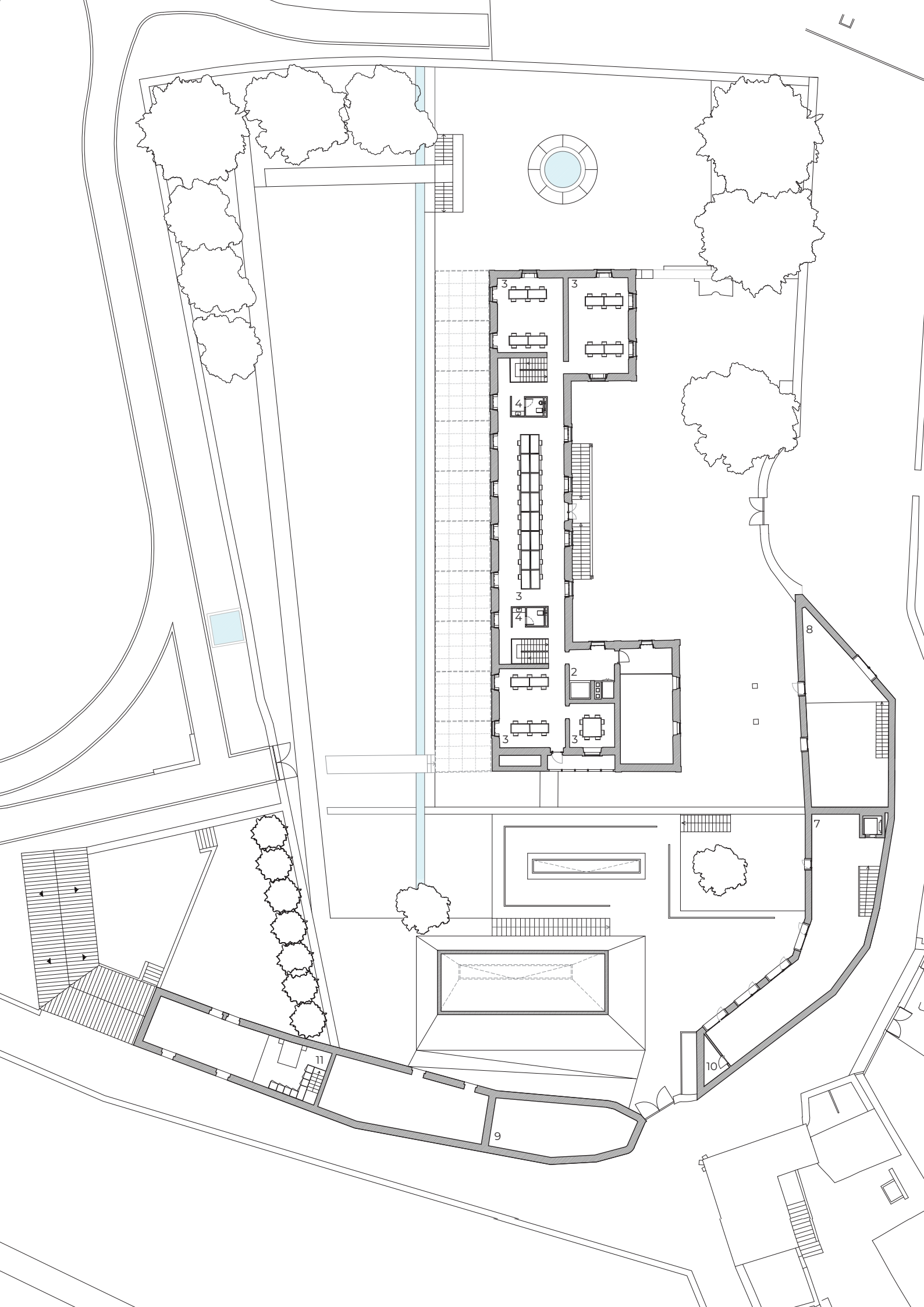

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

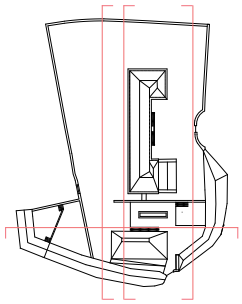
PLANTA: **P 1**
Fig. 69

LEGENDA:

1-Entrada
2- Hall de distribuição
3- Sala de estudo
4- Instalações Sanitárias
5- Balneários
6- Piscina
7- Ginásio
8- Zona de Refeições
9- Zona técnica
10- Arrumos
11- Casa do Caseiro



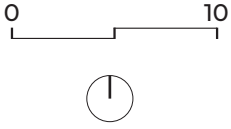

3
3
4
3
4
2
3
3
8
7
11
10
9

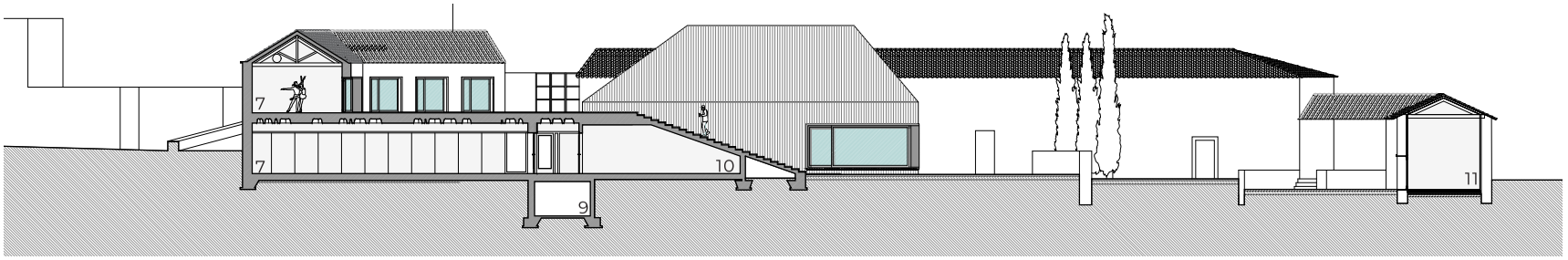


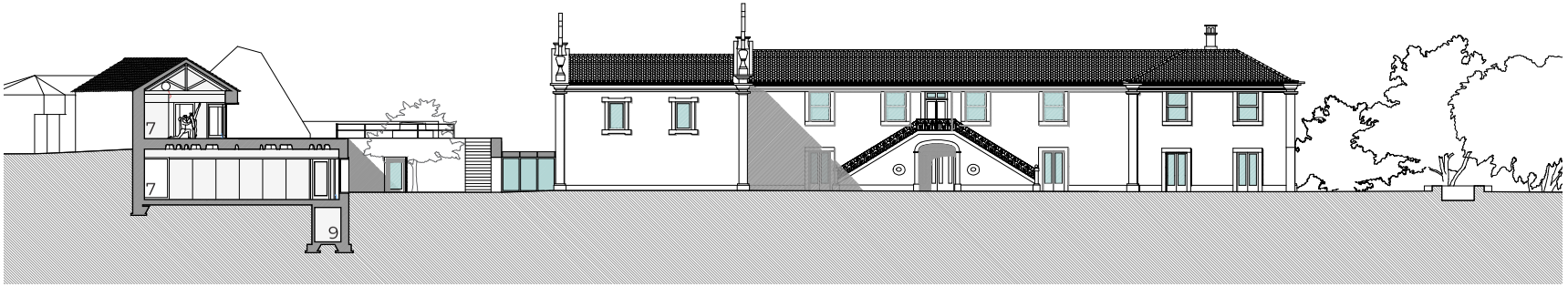
CORTES: **C 1, C 2, C 3, C 4**
Fig. 70, 71, 72 e 73

LEGENDA:

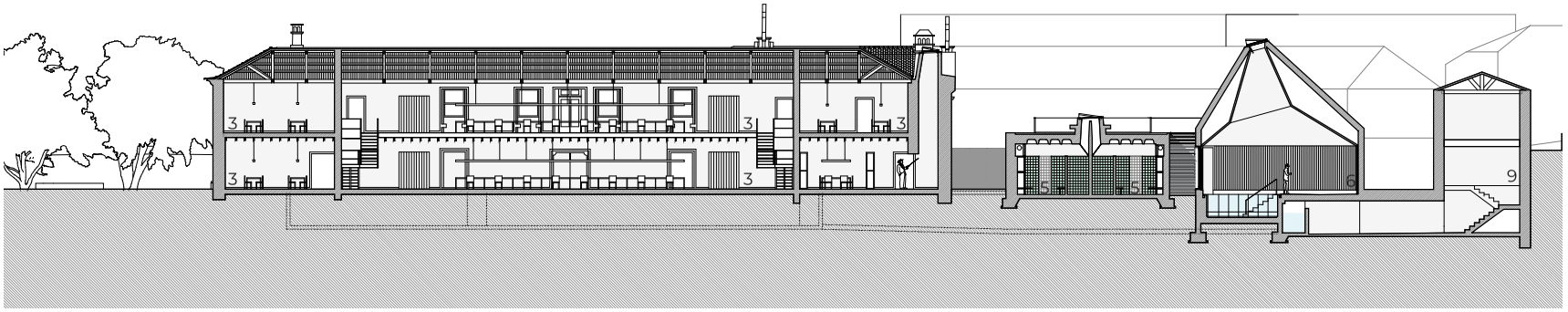
1-Entrada
2- Hall de distribuição
3- Sala de estudo
4- Instalações Sanitárias
5- Balneários
6- Piscina
7- Ginásio
8- Zona de Refeições
9- Zona técnica
10- Arrumos
11- Casa do Caseiro

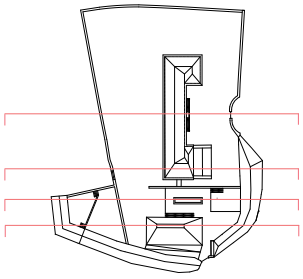



7
7
10
9
11


7
7
9


9


3
3
3
3
3
5
5
9

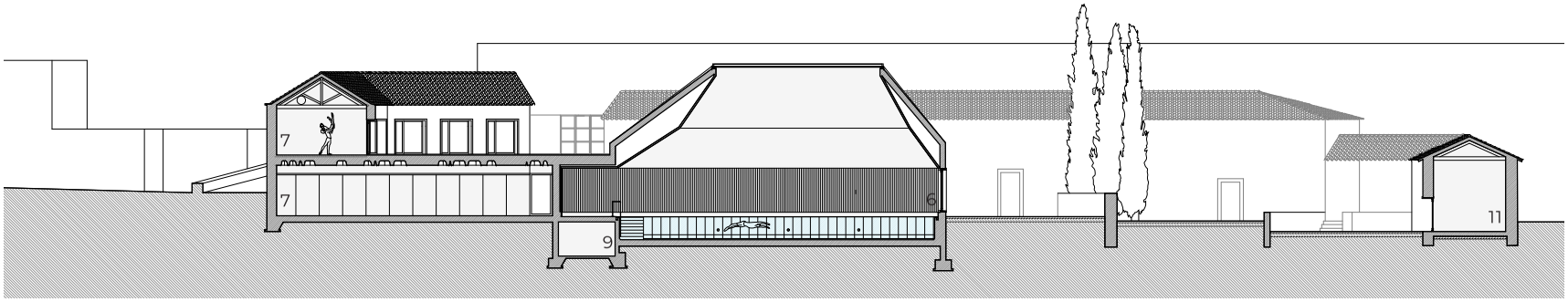


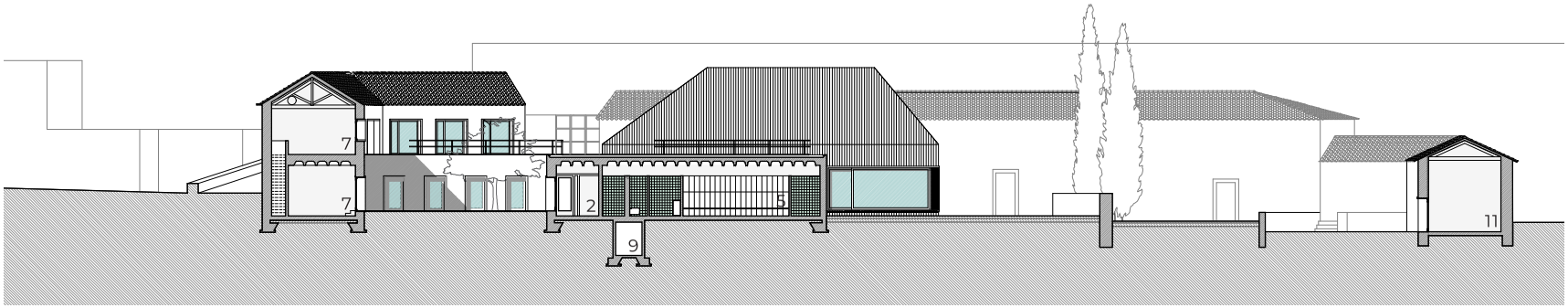
CORTES: **C 5, C 6, C 7, C 8**
Fig. 74, 75, 76 e 77

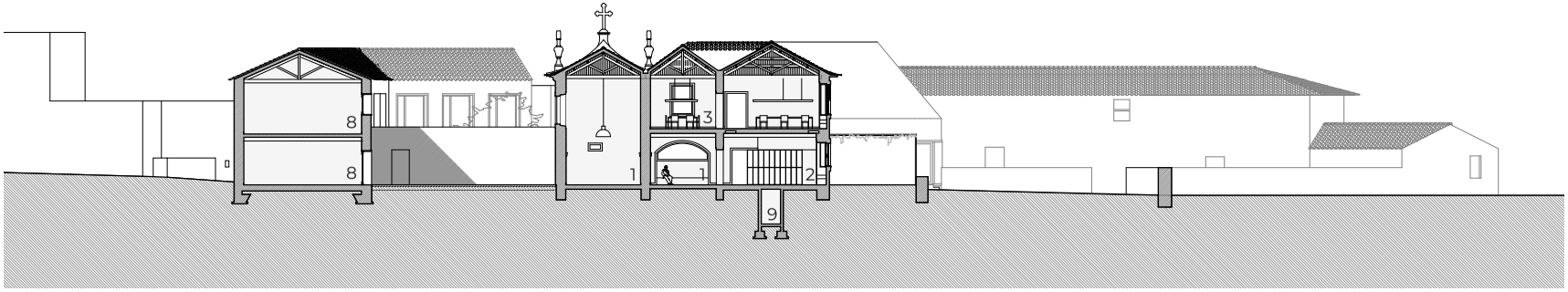
LEGENDA:

1-Entrada
2- Hall de distribuição
3- Sala de estudo
4- Instalações Sanitárias
5- Balneários
6- Piscina
7- Ginásio
8- Zona de Refeições
9- Zona técnica
10- Arrumos
11- Casa do Caseiro

0 10


7
7
6
9
11


7
7
2
5
9
11


8
8
3
1
1
2
9


3
3
9


2
2
1
1
8
8
9

AXONOMETRIA
Fig. 78

LEGENDA:

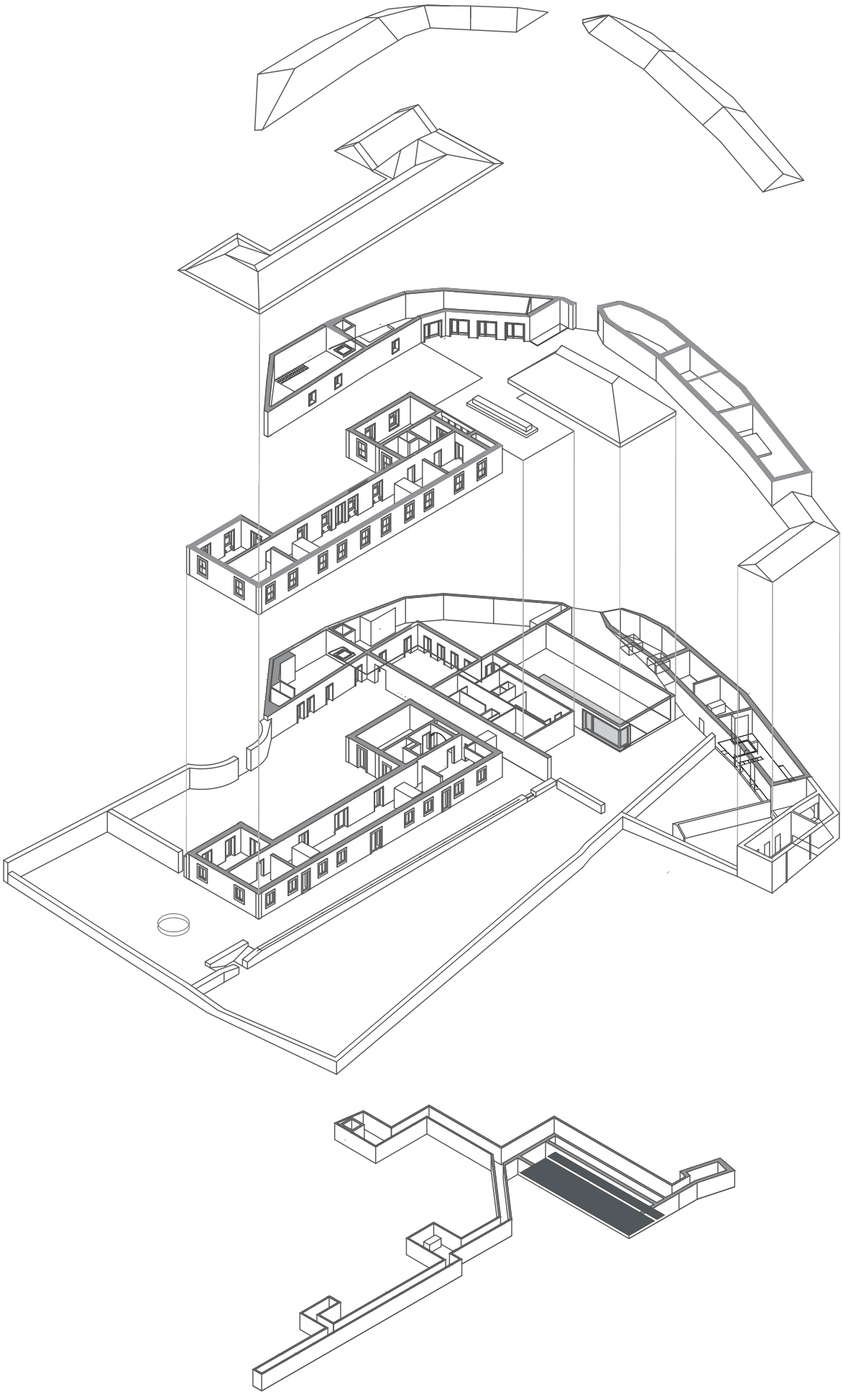
Cobertura

Piso 1

Piso 0

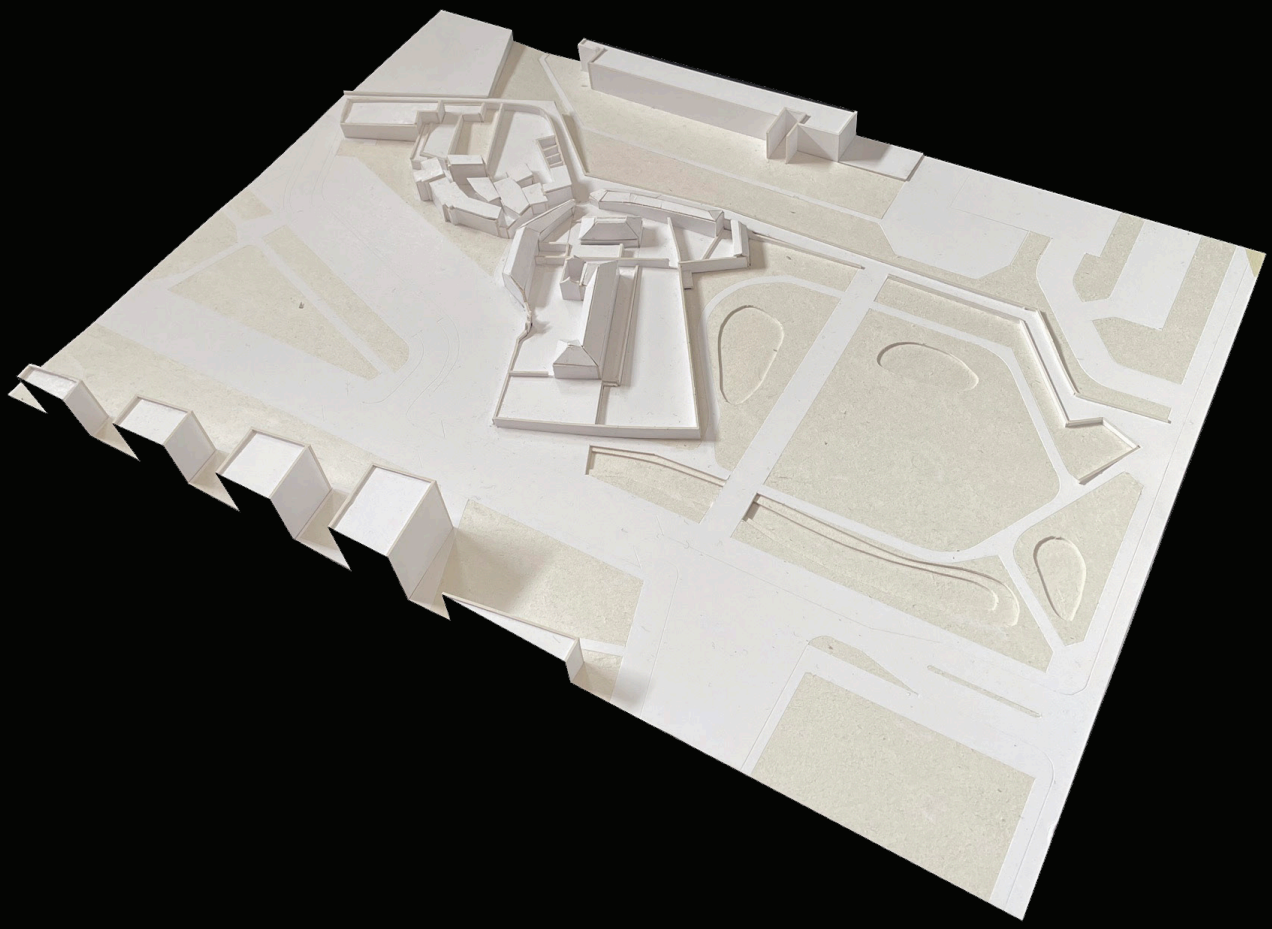
Piso técnico

Desenho sem escala



MAQUETE
Fig. 79 e 80

LEGENDA:
escala 1:500 entrega natal
escala 1:200 entrega final





03. A CONSTRUÇÃO

Percebi com FVC que existe um momento entre a ideia inicial e o confronto com a realidade, onde o projeto se torna híbrido. Uma arquitetura que quer ser unitária, mas aceita o híbrido como processo inevitável para o salto entre a ideia e a realidade. A adega da Quinta do Vallado é um exemplo disso. A ideia de massa, de corpo monolítico é desvendada quando vemos o projeto em corte, e percebemos todos os seus vazios. É desenhar o artifício para reforçar a ideia.

"Já não é necessário, por exemplo, confiar na construção de pedra pesada para denotar permanência. A alusão formal é adequada." [47]

A proposta para os novos volumes pretendem denotar o sentido de permanência. Uma construção de massas, que comunica com a construção franca dos volumes pré-existentes. Mais uma vez como na Quinta do Vallado, os cortes desvendam o artifício usado para reforçar a ideia. O volume da piscina deixa-se conhecer, e mostra o que acontece nos interstícios entre o betão estrutural exterior e o revestimento interior. Um confronto entre a forma do volume exterior e a forma do espaço interior.

No volume da casa senhorial que recebe o programa fitness, apenas as paredes exteriores de pedra e as paredes de meação de pedra se mantinham firmes. Existia por isso uma necessidade de repensar todo o seu interior. A ideia sempre foi o regresso contemporâneo ao desenho inicial, sem pastiches. Construção em madeira entre as paredes de pedra, como existia. O desenho do caixilho, tal como no ACAC, serve de elemento de ligação e união entre o antigo e o novo.

Um dos temas que influência a construção, e o pensamento de todo o projeto, era a necessidade de através de processos naturais garantirmos a ventilação e a regulação da temperatura do ar. Estes processos não pretendiam substituir os equipamentos mecânicos, pois em âmbito académico eram necessários a sua utilização para o aluno perceber como se lidam com eles. Contudo, na realidade poderiam ser deixados os espaços para eles, mas os mesmos só seriam colocados se os processos naturais não resolvessem o controlo térmico e a ventilação do ar. A piscina, por exemplo, é pensada com base nos sistemas de refrigeração que usavam os Persas, onde o ar frio entra por um ponto inferior e o ar quente , que tende a subir, sai por um ponto superior, a clarabóia.

[47] *"It is no longer necessary, for example, to rely on heavy stone construction to denote permanence. The formal allusion is adequate." Studies in tectonic culture.* 1985. Pág. 382.

As infraestruturas não acabam na resolução do seu processo espaço a espaço, tinhamos agora de ligar os diferentes espaços às máquinas. Resolvi as infraestrutura de forma autónoma. As máquinas foram colocadas no muro habitado a Norte e fazem a sua distribuição para toda a Quinta através do piso -1, um piso técnico. Estes canais permitiam que uma pessoa confortavelmente os percorre-se e fizesse a manutenção necessária sem interromper o bom funcionamento do E-learning ou do Fitness. Este piso técnico foi pensado também com uma dimensão ligeiramente superior à necessária, pois na eventualidade de se mudar o programa ou da carga infraestrutural necessária fosse maior, o piso técnico seria capaz de a receber sem grandes intervenções.

Existiu ainda uma procura pela reutilização dos recursos existentes no local: as pedras de grandes dimensões que iam ser desmontadas dos volumes anexos. A ideia passava pela mistura destas pedras com o betão, colocando pedras de maiores dimensões em baixo e à medida que o muro subia o tamanho das pedras diminuía proporcionalmente. Procurei um aspeto semelhante à imagem da casa 1413 dos H Architects, criando um contacto permanente entre os materiais existentes no sítio e os novos volumes.

Ao rever a materialização pensada para a proposta relembro as dúvidas que tive. Percebo agora que é um tema que no contexto académico não é aprofundado, provavelmente, devido à necessidade de amostras: de se ver, tocar e sentir o que queremos; as suas texturas; as mensagens que queremos que o projeto expresse. As maiores certezas que tinha estavam no uso de betão no exterior da piscina, tinha de ser de ser um material que permitisse a execução de arestas rigorosas, como acontece na Casa das histórias de ESM.

As imagens virtuais que se constroem para pré-visualizar o espaço, destroem a imagem turva que o arquiteto procura no seu reportório, defenindo-a desde cedo. Aquela que deveria ser uma fase ainda sem certezas, é desde cedo contaminada com pequenos desejos pictóricos. Dadas estas premissas, na apresentação final não foi considerado, por nenhum momento, a execução de imagens virtuais. Ao invés, procurou-se apresentar uma panóplia das diferentes materialidades pretendidas, através do seu uso noutros projetos. Estas imagens, juntas com as plantas e os cortes, tinham o objetivo de criar a expectativa para quem analisa o projeto, de forma a que este fosse construindo a sua própria imagem mental do objeto arquitetónico.

Corte Casa.

-Toque mínimo e reversibilidade da arquitetura. Casas de banho pousam subtilmente no chão, mostrando a facilidade como se colocam e a aparente facilidade com que se retiram.

-Estrutura em madeira pintada a branco à vista e infraestrutura no piso 1 à vista, tira-se proveito da beleza da estrutura para a expor. O desenho é reduzido ao essencial.

-Corredor técnico. Inicialmente começou por ser um pequeno canal infraestrutural, onde a manutenção seria feita pelo piso 0. Foi aumentando para que uma pessoa pudese andar no seu interior, facilitando a manutenção e garantindo o acesso a todas as áreas infraestruturais. Permite ainda no futuro, se necessário mais infraestrutura, para uma mudança de programa ou para uma mera atualização face aos futuros estandartes de conforto.

-O desenho dos caixilhos e das portadas são a síntese perfeita da intervenção na casa. O existente é reinterpretado segundo um olhar contemporâneo, e atualizados segundo as necessidades de conforto atuais.





Fig. 81 - ***"A imagem que acompanha o processo."*** Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, José Paulo dos Santos.

Fig. 82 - ***"A imagem que acompanha o processo."*** Câmara Municipal de Trofa, NOARQ.

Fig. 83- ***"Corte pela Casa."***


Conduta Extração de Ar
Conduta Extração de Ar
Conduta Insuflação de Ar

Piscina.

-O seu desenvolvimento foi acompanhado de imagens que contagiaram o projeto e que expressavam a minha vontade. David Chipperfield, Private house in Kensington ; Miller e Maranta, kindergarten Riehen.

-A janela de canto foi um tema, a forma como ela se abria, criando uma espécie de paradoxo e expondo o que seria expectável ser o ponto mais frágil: o canto. A ideia é levada ao limite quando o caixilho é desenhado para o canto abrir sobre as duas direções, libertando-o completamente. Mais uma vez, este exercício é acompanhado por uma imagem que expressa um desejo: Souto de Moura, crematório “Uitzitch”.

-Geometria pura do exterior Vs. Geometria complexa no inteiror.

-Piscina de calha finlandesa que compreende uma zona técnica com tanque de compensação, e máquinas na sua proximidade. Relação entre a piscina e a zona técnica.

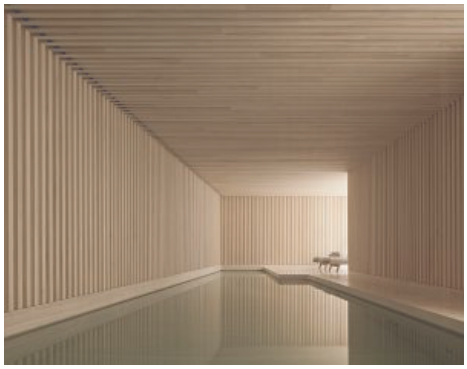


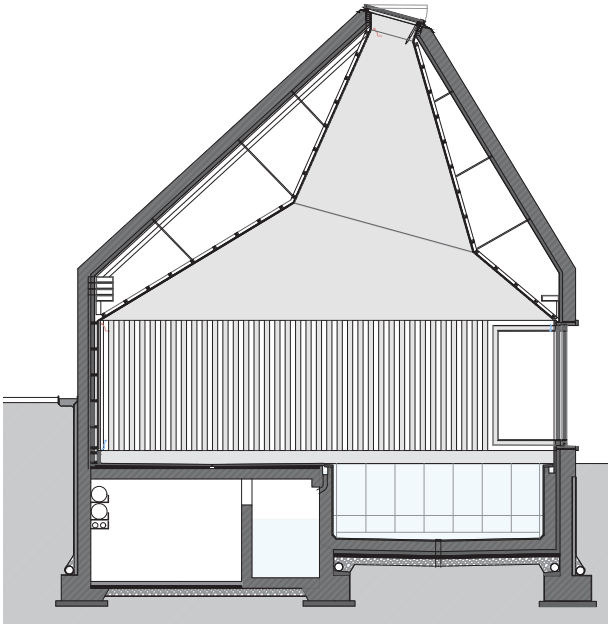




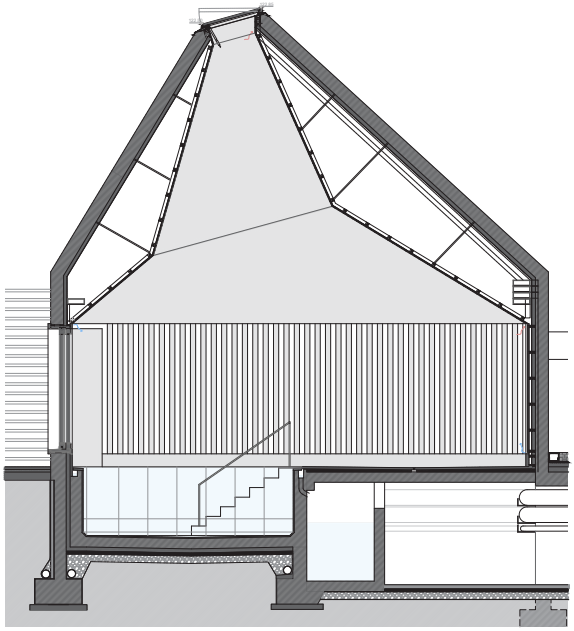
Fig. 84 - *“A imagem que acompanha o processo.”*
Private house in Kensington, David Chipperfield.

Fig. 85 - *“A imagem que acompanha o processo.”*
Kindergarten Riehen, Miller e Maranta.

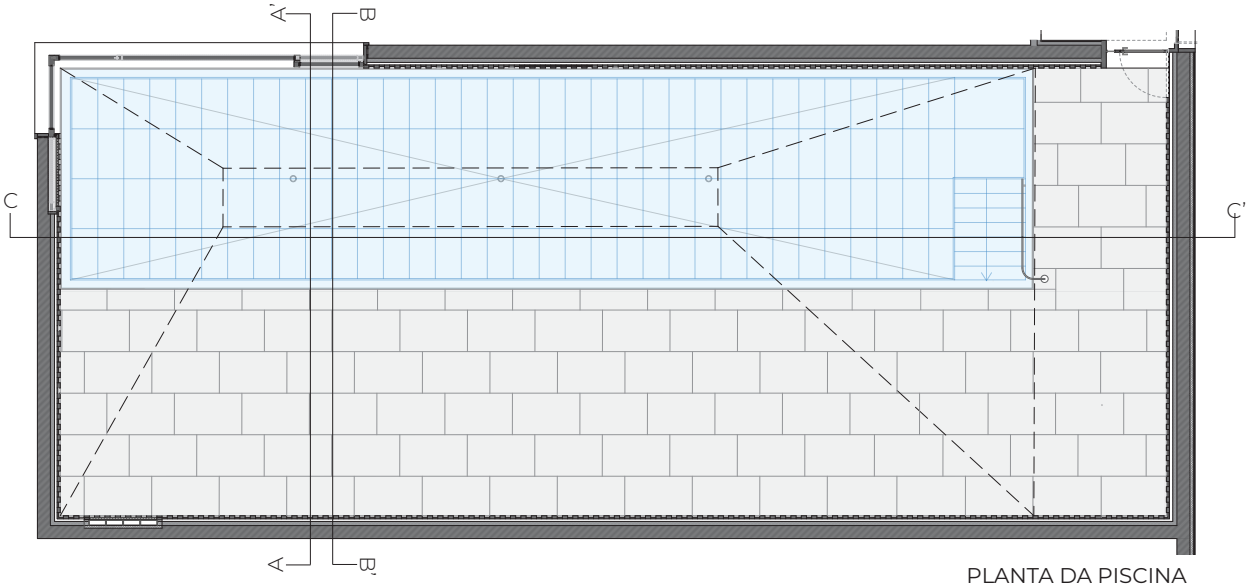
Fig. 86, 87, 88 e 89 - *“Piscina.”*
Planta e alçados interiores.



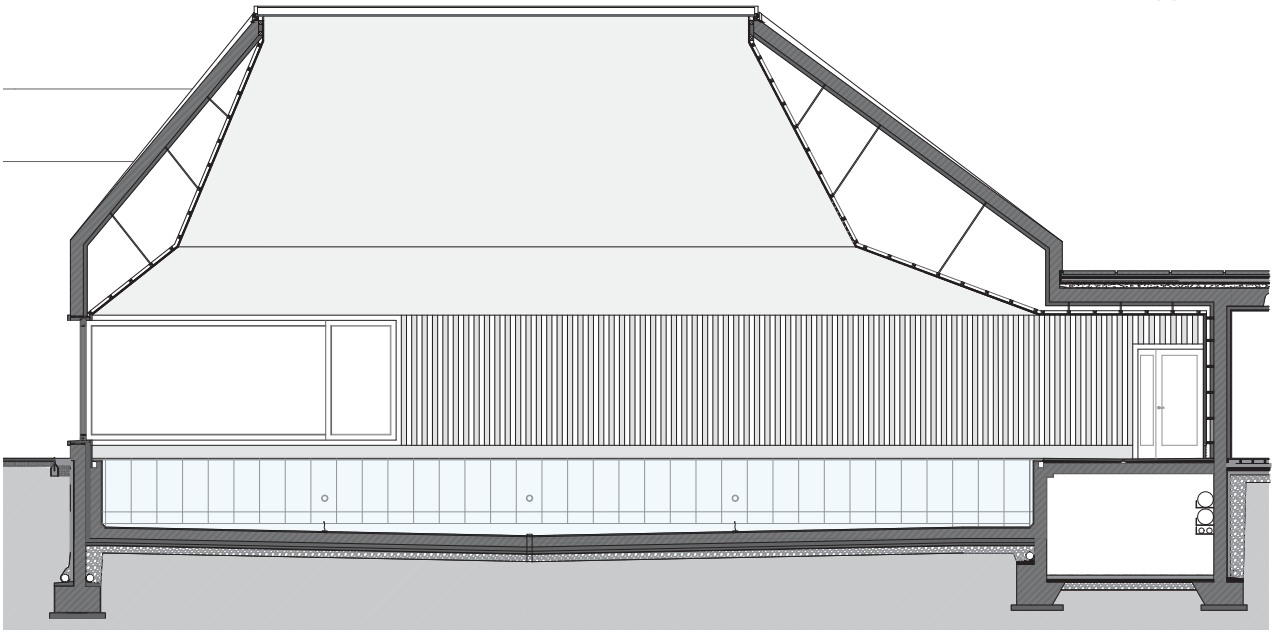
Corte AA’



Corte BB’



PLANTA DA PISCINA



IV. NOTAS FINAIS

00. SÍNTESE DE UMA APRENDIZAGEM

"A aprendizagem- a aquisição da capacidade continua de aprender." [48]

Nesta investigação propus-me enquanto estudante a um salto entre experiências pessoais, a um salto entre a teoria da universidade e a prática do escritório, tendo por base o tema do construir sobre o construído. Estas notas não pretendem concluir, não se pretende chegar a um resultado, até porque o tema de investigação não se propõe a isso. Ao invés, pretende fazer um ponto de situação, e aproveitar o retorno à escola para deixar umas notas finais do percurso enquanto estudante e aprendiz.

É uma mistura de sentimentos o primeiro capítulo ter de ser 'pausado', para a formalização desta entrega. É um capítulo que realmente poderia continuar a ser desenvolvido, não por estar incompleto, mas porque a constante evolução do pensamento humano o torna constantemente desatualizado. Foi um capítulo que funcionou mesmo como uma 'opera aperta' revisitado até ao último momento. Por vezes, só para mudar uma palavra que lia ou que ouvia no escritório, mas que tornava todo o discurso mais coeso.

São retratadas três obras, após o enquadramento teórico-prático, duas correspondentes ao exercício projetual no escritório e uma correspondente ao exercício projetual em ambiente académico. Os seus descritivos espelham aquela que é a minha evolução perante as diferentes fases.

O primeiro projeto apresentado é o loft das sobreiras, corresponde ao primeiro com o qual tive contacto no escritório. Este projeto expõe aquele que é o meu primeiro contacto com o tema. O discurso que o acompanha espelha um grau de maturidade inferior, consequência direta da fase em que estive em contacto com o projeto e do pouco tempo que tive com ele. Surge numa primeira fase onde não havia ainda começado o estudo dos textos externos ou internos do escritório. Resulta um discurso débil e superficial. Batalhei com esta questão até ao final, se este deveria ser um capítulo que teria lugar nesta dissertação, contudo, o capítulo tornou-se importante pois expõem a curva de aprendizagem enquanto estudante.

A segunda obra, a casa da Marechal, é um discurso mais controlado e aprofundado naqueles que são os métodos do escritório. Coincide com o início e acompanha o desenvolvimento do capítulo teórico-prático, onde são introduzidas as leituras. Estas foram fundamentais pois aceleraram o período de adaptação, assim como a capacidade de entender o discurso de FVC. Este processo é, ainda mais,

[48] *Textos 01- Álvaro Siza*. 2006. Pág. 106.

acelerado pelo acompanhamento de obra. É um capítulo onde procuro tocar em todos os pontos e preocupações da prática da reabilitação do escritório.

O regresso a projeto quatro é o momento usado para uma reflexão pessoal sobre o percurso académico e a experiência pré-profissional. É o momento em que volto ao projeto que desenvolvi, após dois anos, e reencontro as minhas ideias. O afastamento face ao projeto permitiu uma atitude de reflexão que infere num olhar crítico sobre o mesmo. Reescrevo--as sob um olhar mais maduro. Percebo que alguns dos conceitos trabalhados pelo escritório estariam lá, ainda que perdidos, sem nome. Sinto uma mudança radical na organização mental do projeto, um completo reinventar do discurso, que o clarifica, que dá ordem. Um projeto que fica mais forte pelas bases teórico-práticas reforçadas. Tornou-se, por isso, impossível desassociar as abordagens pessoais das abordagens do escritório, desde os pontos abordados, ao enredo no discurso que ganhou lógica através da divisão em três partes: o sítio, o programa, a construção. Um discurso do geral para o particular.

Através desta revisita foi interessante perceber e fazer uma analogia entre o desenvolvimento deste trabalho e a curva de aprendizagem pessoal. Não podemos descartar o contacto com o estaleiro como ferramenta fundamental naquele que é o desenvolvimento de um arquiteto. *"Aprendia-se a projetar projetando e construindo, e ainda hoje, no fundo é assim."*[49] O salto entre o estirador e o estaleiro. O saber prático. [50]

Com a proximidade do fim da escrita desta dissertação, fiz um exercício de retornar àquele que foi o relatório de estágio que FVC fizera quando estagiou com ESM. Pareceu-me um resumo sobre o que eu próprio estaria a escrever sobre a metodologia de FVC, evidenciando que os pontos de interesse se mantêm intemporais. FVC diz *"A ideia é o motor de tudo. É o que permite que as sínteses se façam no início. No primeiro esquiço está a solução final."*[51] Numa das viagens que fazíamos à quarta-feira, arrojadamente, apresentei um pensamento que tive, onde se a ideia é a base do projeto e no primeiro desenho está a solução final, podemos fazer uma analogia entre o exercício de projeto e a carreira enquanto arquiteto. Onde se considerarmos o relatório como o primeiro desenho, rapidamente o podemos associar à solução final- no primeiro esquiço está a solução final -percebemos que ali está o esboço daquele que vai ser o seu percurso, com os seus temas de interesse. Terá sido este o meu primeiro esquiço que ditará, também ele, o meu percurso?

[49] *Textos datados.* 1985. Pág. 89.
[50] *"O estaleiro identifica-se, inteiramente, como um dos lugares de aprendizagem e da investigação. Trata-se na essência, de uma ideia de aprendizagem e de procura que se move no trilho loosiano, onde o olhar do arquiteto culto se detém no trabalho do artesão e aprende com o saber prático." Ibidem*.
[51] *ArchiNews 46: Menos É Mais.* 2019. Pág. 31.

Encerro o capítulo académico, da mesma forma que o comecei: **a aprender**.

FONTES CONSULTADAS

BIBLIOGRAFIA:

ÁBALOS, Iñaki. A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade. Editorial Gustavo Gili, 2003;

COSTA, Alexandre Alves. Textos Datados. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2007.

DE CAMPOS, Francisco Vieira. Relatório de estágio / Francisco Vieira de Campos, FAUP, 1992;

FRAMPTON, Kenneth. Studies in tectonic culture. Cambridge: Harvard University Graduate School of Design, 1985;

FURTADO, Isabel; SERÔDIO, João Pedro. Habitar. Caleidoscópio 2006;

GUEDES, Cristina. Seminário de pré-profissionalização, FAUP, 1991;

HERTZBERGER, Herman. Lessons for students in architecture. trad. by Ina Rike. - Rotterdam : 010 Publishers, 1991;

LLORENS, Vicente; MAZA, Ricardo Meri de la. Materia y forma. Valencia : Ediciones Generales de la Construcción, 2003;

MOURA, Eduardo Souto de. Relatório de estágio / Eduardo Souto de Moura. - Porto: Casa da Arquitectura, 2020.- Documento original data de 1980;

PALLASMAA, Juhani. The eyes of the skin: Architecture and the senses. John Wiley & Sons, 2012;

SIZA, Álvaro. Textos 01–Álvaro Siza. Parceria A.M. Pereira, Lisboa, 2006;

SIZA, Álvaro. Textos 02–Álvaro Siza. Parceria A.M. Pereira, Lisboa, 2018;

TRIGUEIROS, Luiz. Eduardo Souto de Moura. Blau, 2000;

TÁVORA, Fernando. Da organização do espaço. Faup, 1999;

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1996;

ZUMTHOR, Peter. Atmósferas. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006;

ZUMTHOR, Peter. Pensar a arquitetura. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2005;

PUBLICAÇÕES EM SÉRIE:

FONSECA, João Carlos. Entrevista: Francisco Vieira de Campos | Cristina Guedes. ArchiNews 46: Menos É Mais. Lisboa: Archi&Book's, 2019;

GRANDE, Nuno. Ingenuity, The Infra-Structural Beauty of the Works of the Team Menos É Mais (Less Is More). TC Cuadernos Serie Dedalo: Menos É Mais Arquitectos, Francisco Vieira de Campos Y Cristina Guedes, Arquitectura 2000-2013. Valência, 2013;

ADRIÃO, José; CARVALHO, Ricardo. Eduardo Souto de Moura, in Jornal dos Arquitetos, Nº225, Outubro-Dezembro de 2006;

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis, Una conversación biográfica, in Av Monografías: Souto de Moura 2012-2018, Nº 208, 2018;

JORDÃO, Pedro; FARIA, Susana. Subversão e Regra, in revista nu #06 imagem, Dezembro 2002;

BAPTISTA, Luís Santiago; GADANHO, Pedro. Médiations Technologiques in Arq./a #70, Junho 2009;

OUTROS:

Arquivo Privado dos Menos é Mais Arquitectos;

GLANCEY, Jonathan, Arquipelado Contemporary Arts Centre, in Architecture Critic, CNN- Cable News Network. 2016;

MENDONÇA, Bernardo; MATEUS, Manuel Aires; Lisboa já não é uma cidade inclusiva e isso é um desastre in Podcast: A beleza das pequenas coisas, Expresso, Março 2022 [consultado a 15/06/2022] disponível em: https://expresso.pt/podcasts/a-beleza-das-pequenas-coisas/2022-03-18-Manuel-Aires-Mateus-Lisboa-ja-nao-e-uma-cidade-inclusiva-e-isso-e-um-desastre.-Mata-a-cidade-7894420d;

MOURA, Eduardo Souto de. Últimos Projectos in Aula aberta da UC Projeto 4. FAUP. 12 de janeiro de 2021

DE CAMPOS, Francisco Vieira. Diários de Projeto: Práticas Construtívas de Madeira in Aula aberta Cíclos de Outono. FAUP. 11 de outubro de 2022.

V. ANEXOS

TRABALHOS EM QUE PARTICIPEI

Os projetos que se seguem fazem parte daqueles que participei enquanto estagiário no escritório. Estarão ordenados por ordem cronológica da minha entrada neles.

Habitação Familiar_Casa Urbana_147_Rua das Sobreiras.
- Projeto de execução 1:50;

Habitação Familiar_Casa Urbana_221_Rua Marechal Saldanha.
- Acompanhamento de obra 1:50, 1:20, 1:5, 1:2, 1:1;

Habitação Familiar_Casa de campo_224_Folgosa.
- Projeto de execução 1:20, 1:5, 1:2;

Habitação Familiar_Casa Urbana_204_Rua Pêro de Alenquer.
- Acompanhamento de obra 1:50, 1:20;

Equipamentos_214_Escola de Ballet do Porto.
- Acompanhamento de obra 1:20, 1:10, 1:1;

Serviços_238_Restaurante no Bolhão.
- Estudo prévio, 1:50;

Habitação Familiar_Casa de campo_239_Casa de Aramalto.
- Estudo prévio, 1:200, maquete 1:100;

Serviços_ 225_Quinta do Xisto.
- Projeto de execução 1:50, 1:20, 1:5;

TEXTOS DATADOS DDMMAAAA

TÍTULO

Estes são textos que fui escrevendo no caderno que me acompanha todos os dias desde casa ao escritório. Neste caderno fiz anotações, pequenos textos de momentos que me marcaram, desenhos, etc. Escolhi alguns dos textos e deixo-os aqui em anexo. Não estão tratados, vêm diretamente do caderno. Pretendem espelhar os pensamentos que me seguiam na cabeça, e representam situações da rotina que me suscitaram reflexões. Sejam elas relacionadas com episódios do escritório ou da rotina extraescritório.

TEXTOS 30032022

TRABALHO DE EQUIPA

Entrega do projeto de execução de Folgosa.

É o meu primeiro contacto com o gabinete em fases de entregas de projetos e com os elementos a entregar num projeto de execução. É montada uma espécie de equipa, ou *task force*, para auxiliar o colaborador responsável pelo projeto. O nosso trabalho é colocado em pausa em prol do trabalho que o escritório necessita de entregar.

Fiquei encarregue de desenvolver a piscina, montar as folhas das instalações sanitárias e legendá-las. Existia um constante questionar de informações a FVC, todas as decisões passam por ele. Existia uma entreajuda palpável no escritório.

O tempo passava e os dias ficavam mais curtos para o trabalho a entregar. Existia a necessidade de prolongar o horário de trabalho para que a entrega fosse feita corretamente. Uma ponte fantástica entre as entregas do escritório e as entregas da faculdade. Entramos todos em piloto automático até à entrega.

Entregámos tudo a tempo. Parabéns à equipa.

Para celebrar fomos todos até à baixa.

TEXTOS 25052022

ALTURA DOS INTERRUPTORES

Numa reunião de obra a fiscalização pede a arquitetura para verificar a altura dos interruptores que estavam marcados nos desenhos a 75cm e achavam baixo. Na reunião seguinte, face ao parecer de arquitetura de manter a altura, o tema foi trazido para discussão outra vez. FVC junta todos os intervenientes na reunião e explica o porquê. Começa por dizer que é um ensinamento de Fernando Távora. Os interruptores a 75cm do chão é uma altura confortável para os utilizar, o utilizador não tem de mexer o braço para o ligar ou desligar, simplesmente passa por eles e com o simples movimento dos dedos liga e desliga. Acrescendo a esta razão ergonómica, a sua baixa posição liberta, aparentemente, a parede desta tralha visual, ainda que necessária, que passam a estar num plano inferior. Ao libertar a parede somos livres de a preencher como quisermos, com quadros, por exemplo, sem condicionantes de interruptores à altura dos mesmos.

Fiquei curioso para experimentar, para saber se realmente era confortável. Na visita à escola de Ballet experimentei-os pela primeira vez, um conforto tremendo não ter de movimentar o braço. E de facto o espaço fica mais *limpo* e desimpedido ao nível do olhar, oferecendo uma liberdade maior às paredes.



Fig. 90 - *"A foz Velha."*
Linguagem da Foz.

TEXTOS 15072022

FOZ VELHA

Ao almoço temos uma hora e meia livres. É bastante tempo, normalmente comemos e de seguida vamos dar um passeio pela bela marginal da Foz Velha. Nos dias em que almoçamos mais rápido aspiramos a chegar à rotunda do Castelo do Queijo. Este momento de passeio é fundamental para libertarmos os olhos do ecrã e respirarmos.

Percorremos a marginal todos os dias, os nossos olhos vão interpretando o sítio, a malha urbana da foz, as suas regras. Está presente a casa burguesa do Porto, com as suas janelas verticais altas, em edifícios estreitos. Percebendo isso torna-se ainda mais espantoso a interpretação que Souto de Moura espelha no seu edifício da Luz. Uma interpretação contemporânea da casa burguesa do Porto. Fui até ao farol e olho ao meu redor, é ainda mais bela a sua integração. Não mimetiza a envolvente, mas faz parte dela. O antigo e o novo encontram-se em equilíbrio. Ao contrário desta interpretação, o arquiteto Álcino Soutinho projeta um edifício com laminas horizontais, um belo edifício que perde a beleza por estar descontextualizado.



Fig. 91 - *"No caminho para o escritório."*
Casa na Foz Velha, Siza Vieira

TEXTOS 28082022

ESPECTATIVA

Esta é escrita neste dia, mas decorre de uma rotina que já se alonga em meses. Meses a passar pelos mesmos sítios e a acompanhar a estagnação dos mesmos, com as pequenas variações.

Duas dessas variações que trago são a torre que está em construção, desenhada pelos ODAA e uma casa que está em construção do arquiteto Álvaro Siza na Foz velha. Todos os dias passo por ambas, pela primeira no autocarro, e pela segunda no percurso a pé até ao escritório. A título de brincadeira, digo que faço acompanhamento de obra a ambas.

Uma das características que um estudante de arquitetura tem de desenvolver e transportar por toda a sua vida é a curiosidade e vontade de saber, só assim continuamos constantemente a desenvolver o nosso reportório pessoal. Quando vi estas obras imediatamente fui pesquisar. A primeira encontrei imagens virtuais de toda a obra, a segunda não encontrei nada. Já sei como vai ser a torre, resta me tomar atenção a como é construída, espanta-me a rapidez e a forma com que é construída, não em termos projetuais, mas de execução por parte das equipas de construção. Na segunda pelo contrário, a cada dia que desço aquela rua tenho um friozinho na barriga para saber como estará hoje a casa. Nunca sei o que diferente posso encontrar. Resta-me a espectativa pelo dia de amanhã, onde volto a passar lá e desvendo mais um capítulo da sua história.

A imagem virtual destrói esta espectativa.

TEXTOS 30092022

RIGOR NO USO DAS PALAVRAS

Tese: *1) Proposição que alguém expõe, propondo-se discuti-la ou defendê-la. 2) Trabalho escrito que um aluno deve elaborar, apresentar e defender perante um júri para a obtenção de um grau académico, em geral de doutor.* [52]

Dissertação: *1) Acto de dissertar. 2) Exposição escrita ou oral sobre algum ponto literário ou científico. 3) Trabalho escrito que um aluno deve elaborar, apresentar e defender perante um júri para a obtenção do grau académico de mestre.* [53]

Durante o desenvolvimento da dissertação vários foram os momentos que empreguei erradamente a palavra tese ao invés de dissertação. FVC sempre advertiu para a sua diferença, fazendo a ponte para o exercício de arquitetura. É fundamental usar as palavras corretas para nos fazermos entender. Dava o exemplo que uma barra chata era diferente de um tubular que era diferente de uma cantoneira, etc.

Percebi a sua importância quando fui encarregue de fazer os descritivos dos mapas de vãos interiores e dos mapas de armários para a entrega do projeto de execução da quinta da Rocha. Era fundamental o uso das palavras certas para a mensagem passar.

O rigor nas palavras é tão importante como o rigor nos desenhos.

[52] "Tese", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/tese [consultado em 04-10-2022].

[53] "Dissertação", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/ disserta%C3%A7%C3%A3o [cosutado em 04-10-2022].

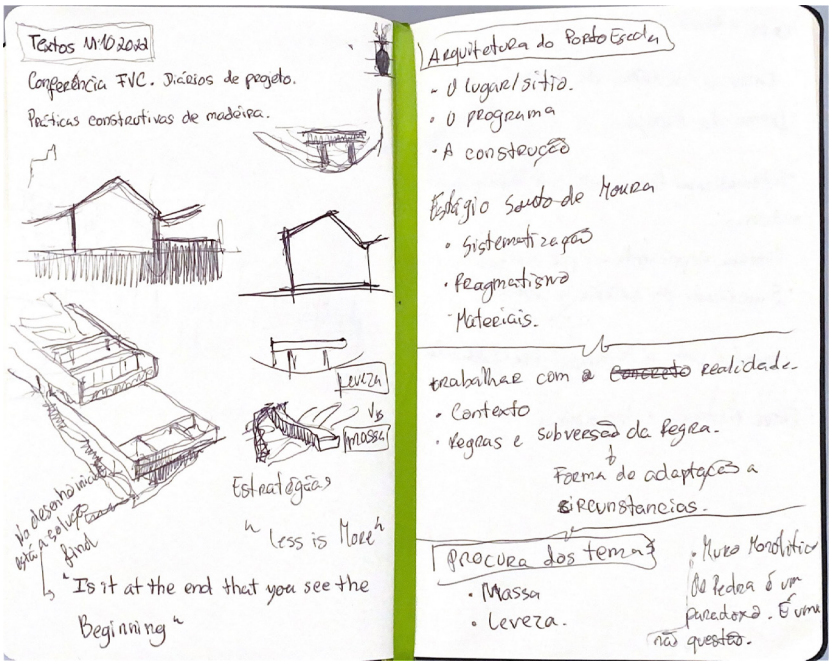


Fig. 92 - *"Caderno."*
Apontamentos sobre a conferência.

TEXTOS 12102022

Conferência FVC. Diários de projeto. Práticas construtivas de madeira.

Arquitetura da Escola do Porto
-O sítio
-O programa
-A construção

Estágio Souto de Moura
-Sistematização
-Pragmatismo
-Materiais.

(Agora)
Trabalhar com a realidade:
-Contexto;
-Regras e a subversão da Regra. (Forma de adaptação às circunstâncias.)

Temas de Trabalho:
-Massa;
-Leveza;

Sistematização tem a ver com espessuras, com matéria. A matéria é representada no desenho por limites.
Entre a nostalgia e a tecnologia.

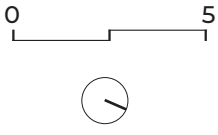
Estas foram as notas que tirei da conferência do FVC. Foi um momento bom porque percebi o impacto que esta dissertação teve no meu desenvolvimento. Percebi o discurso, o que me deu certezas quanto ao conteúdo escrito nesta dissertação.

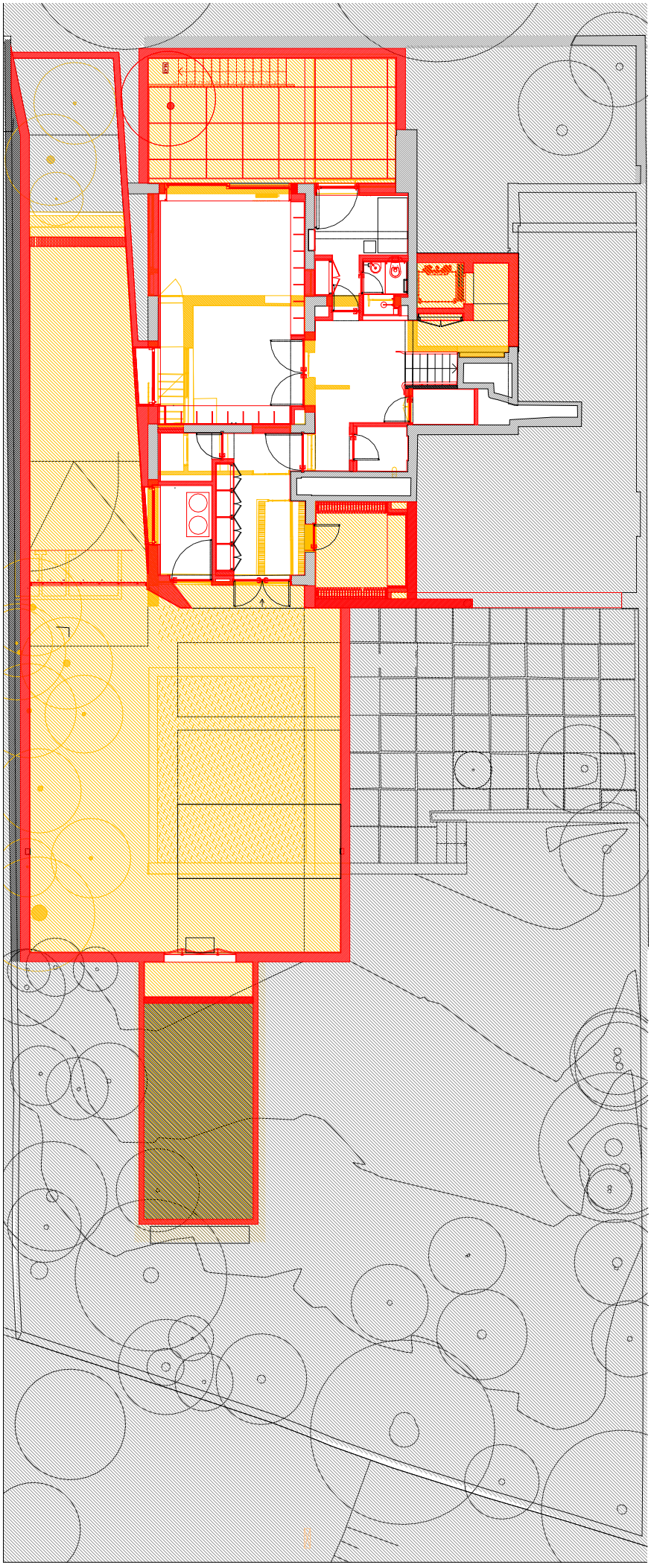
VERMELHOS E AMARELOS

CASA DA MARECHAL SALDANHA

Vermelhos e amarelos - Planta Piso -1

Fig. 93;

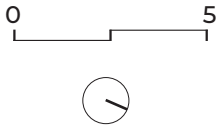


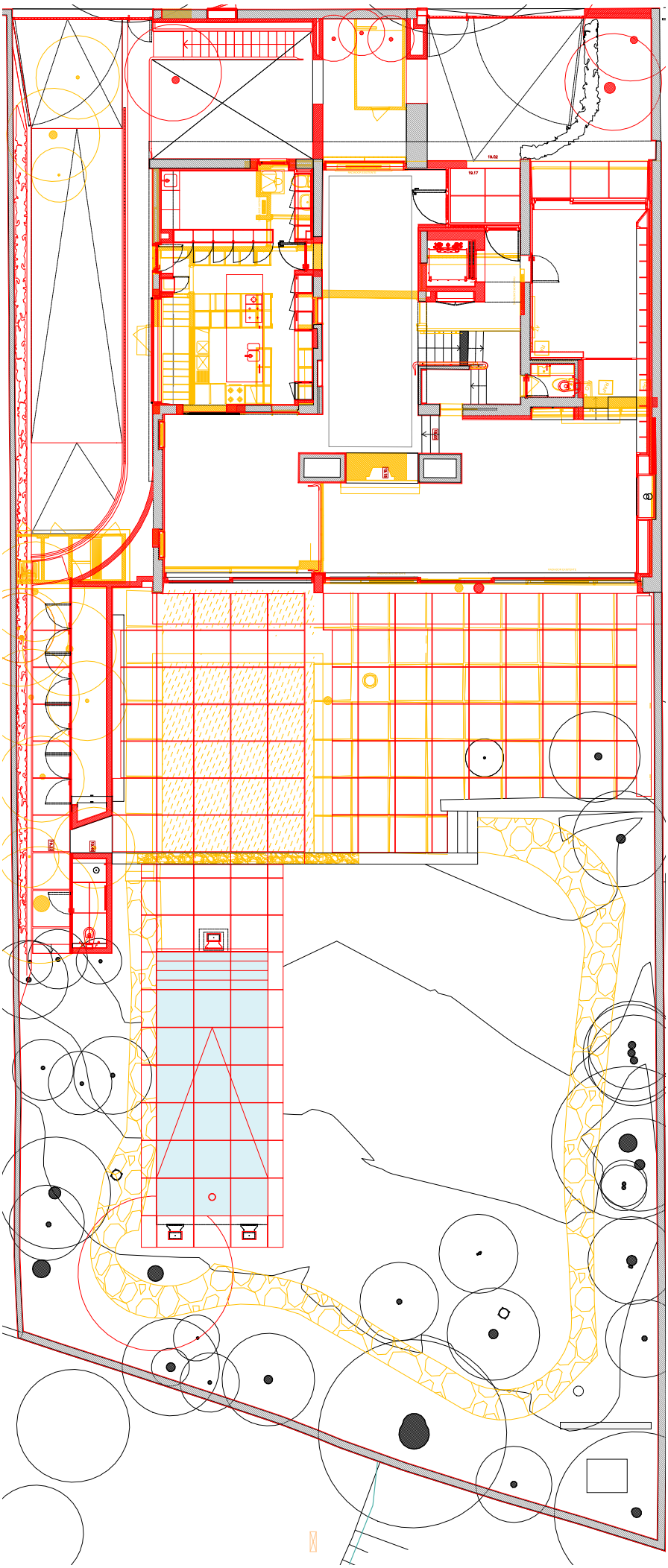


CASA DA MARECHAL SALDANHA

Vermelhos e amarelos - Planta Piso 0

Fig. 94;

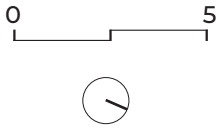


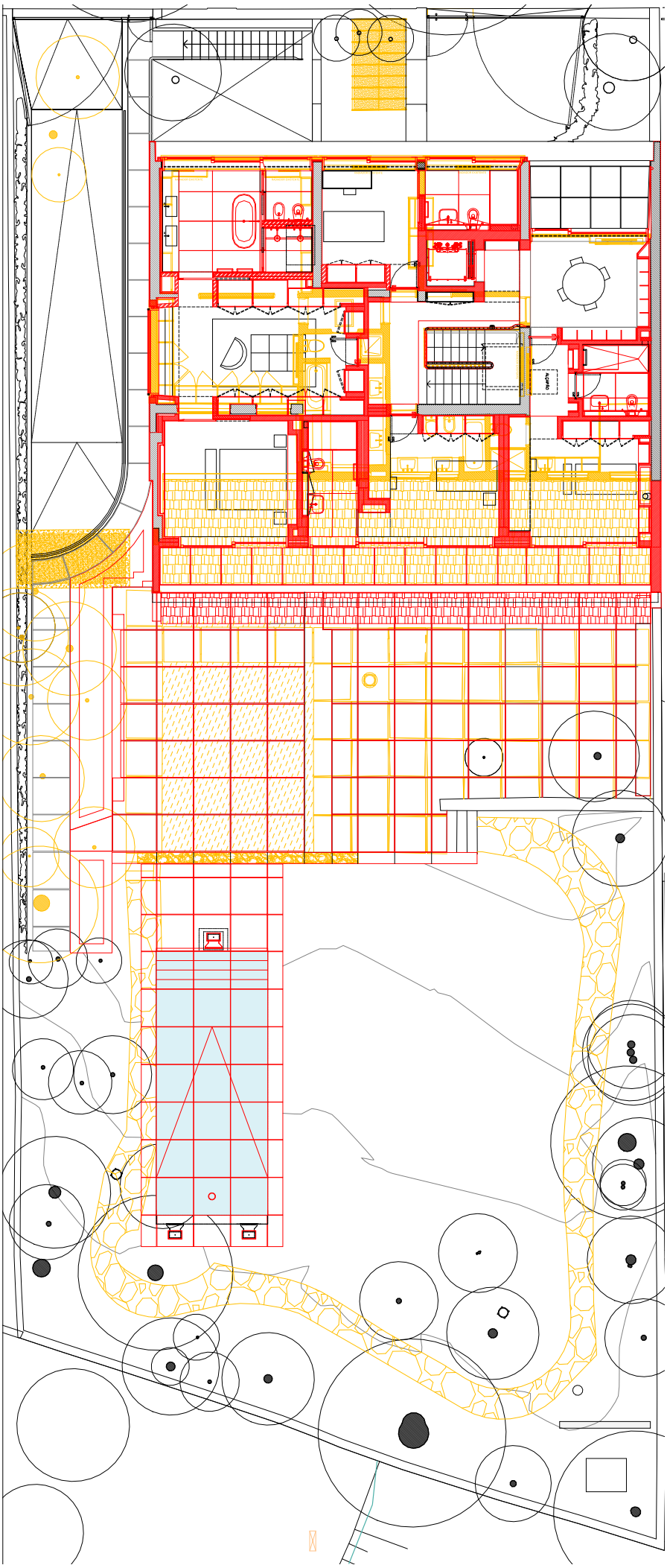


CASA DA MARECHAL SALDANHA

Vermelhos e amarelos - Planta Piso 1

Fig. 95;

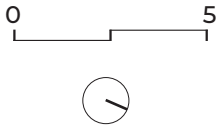


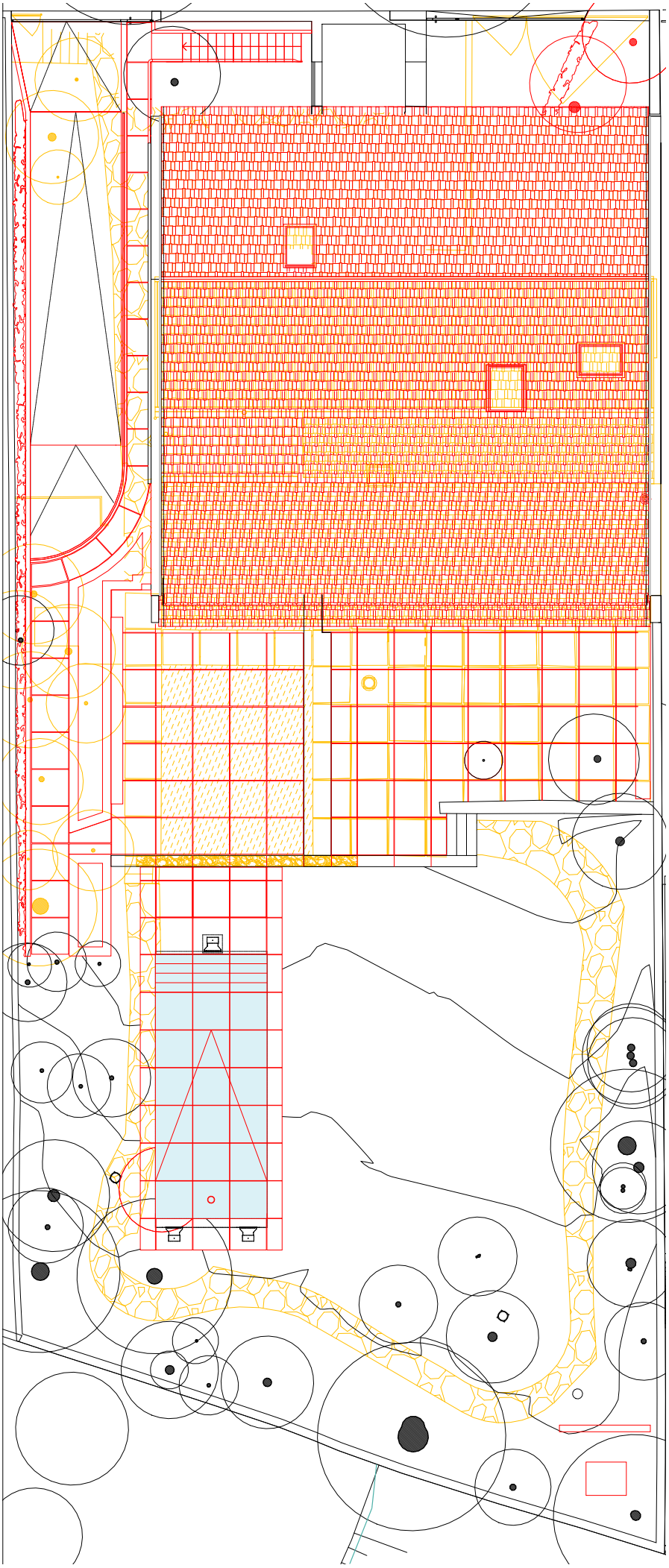


CASA DA MARECHAL SALDANHA

Vermelhos e amarelos - Planta Coberturas

Fig. 96;

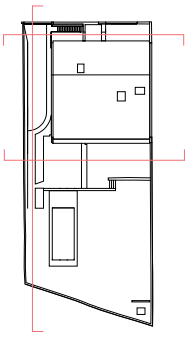


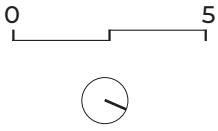


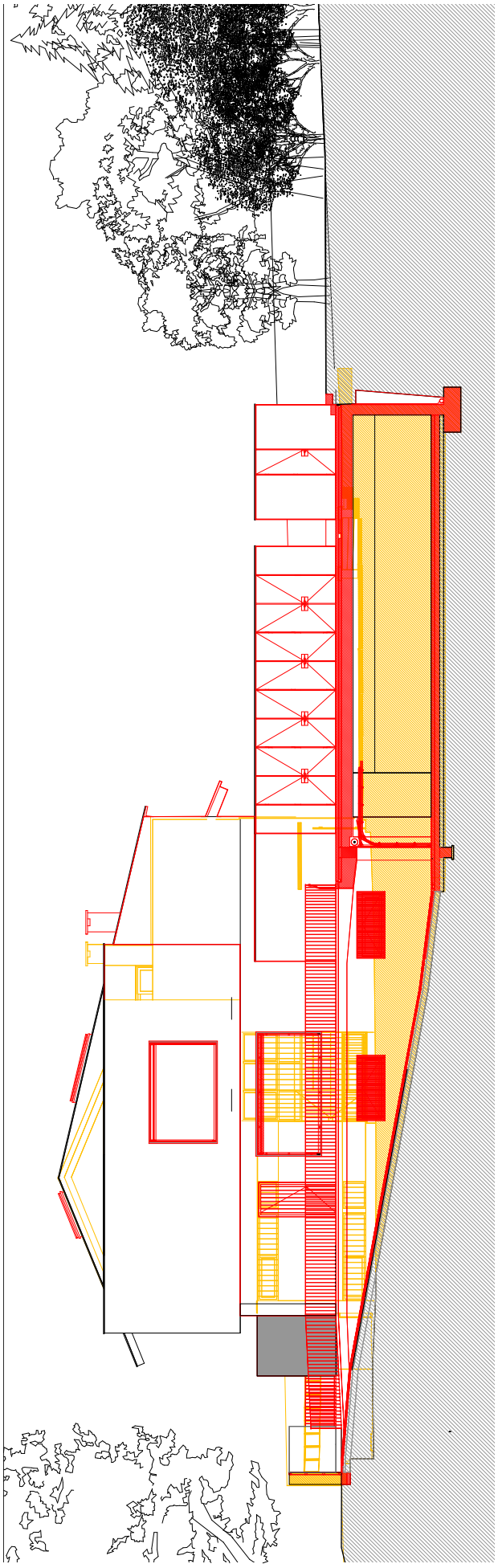
CASA DA MARECHAL SALDANHA

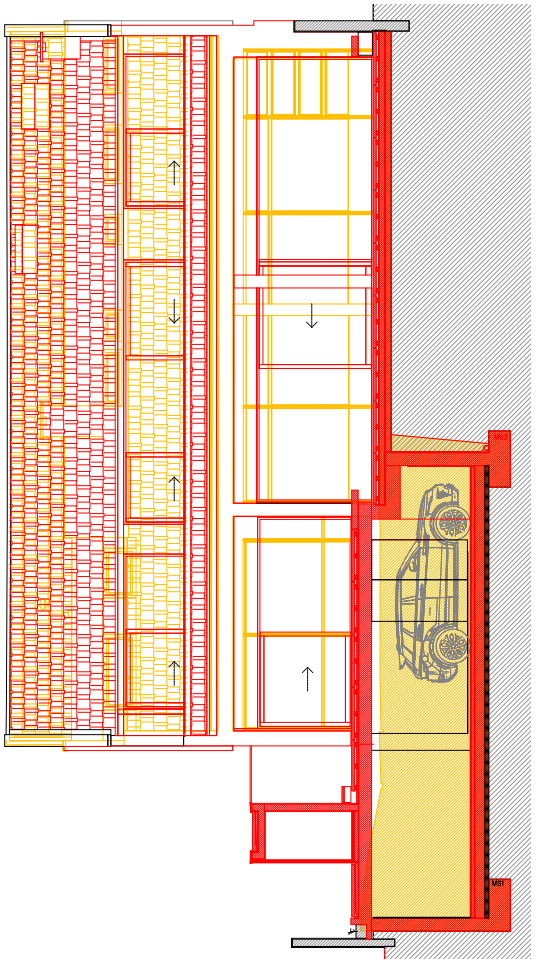
Vermelhos e amarelos - Alçados

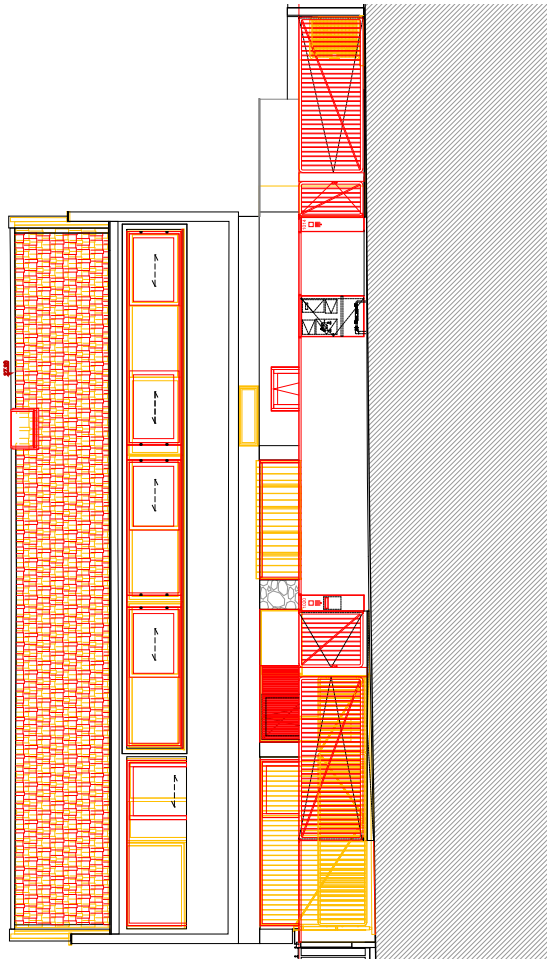
Fig. 97, 98 e 99;







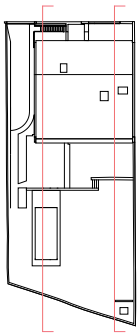


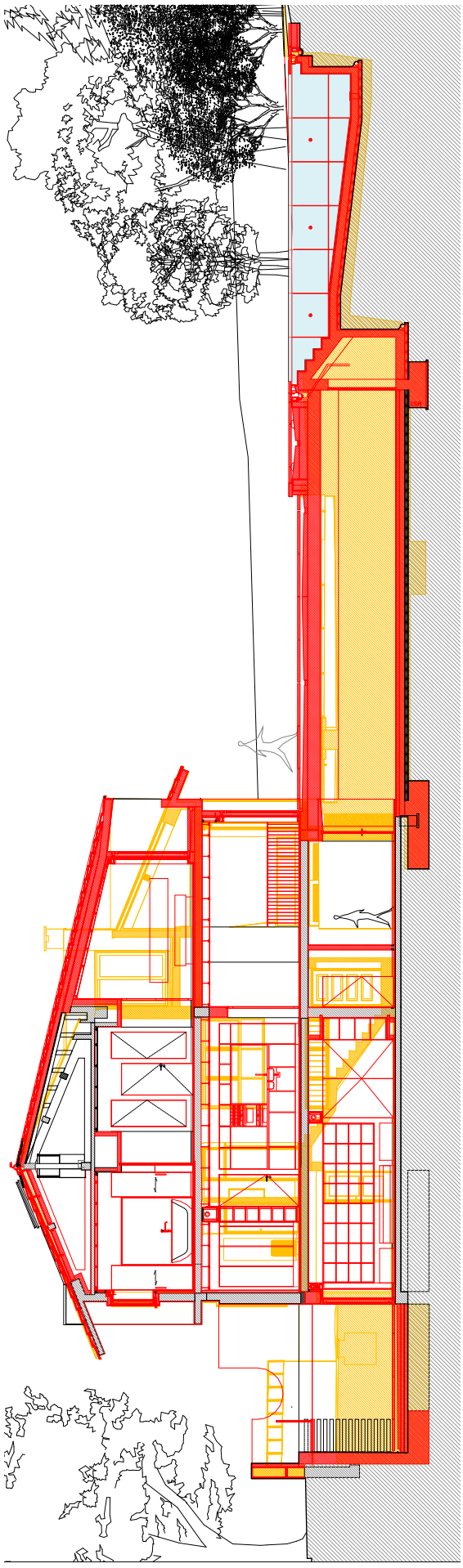


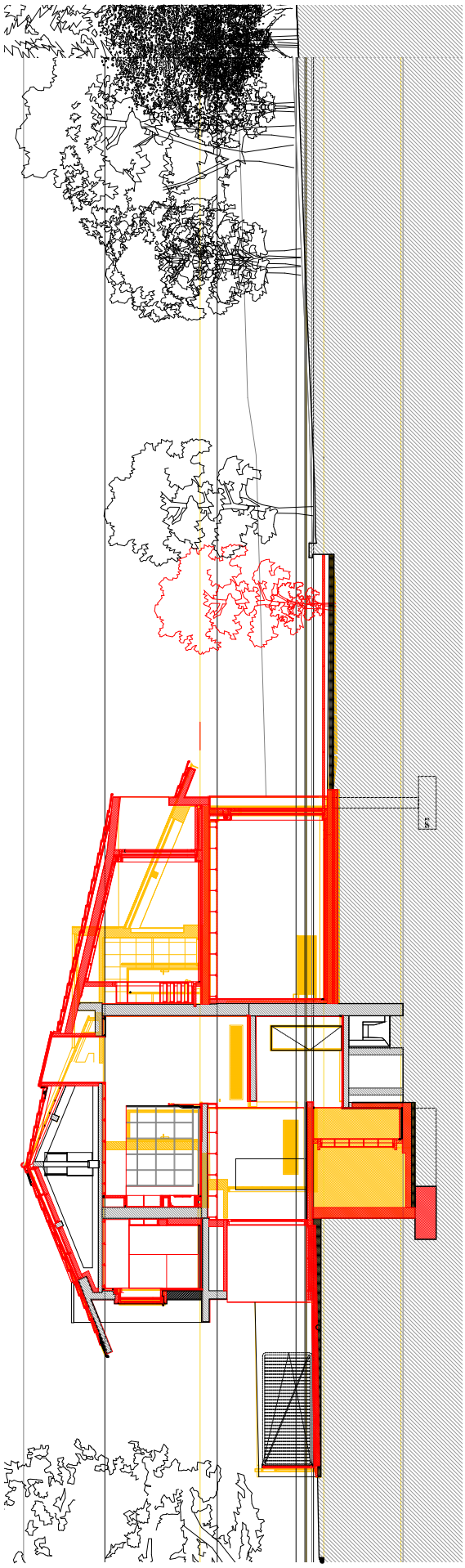
CASA DA MARECHAL SALDANHA

Vermelhos e amarelos - Cortes

Fig. 100 e 101;

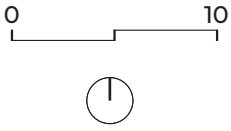


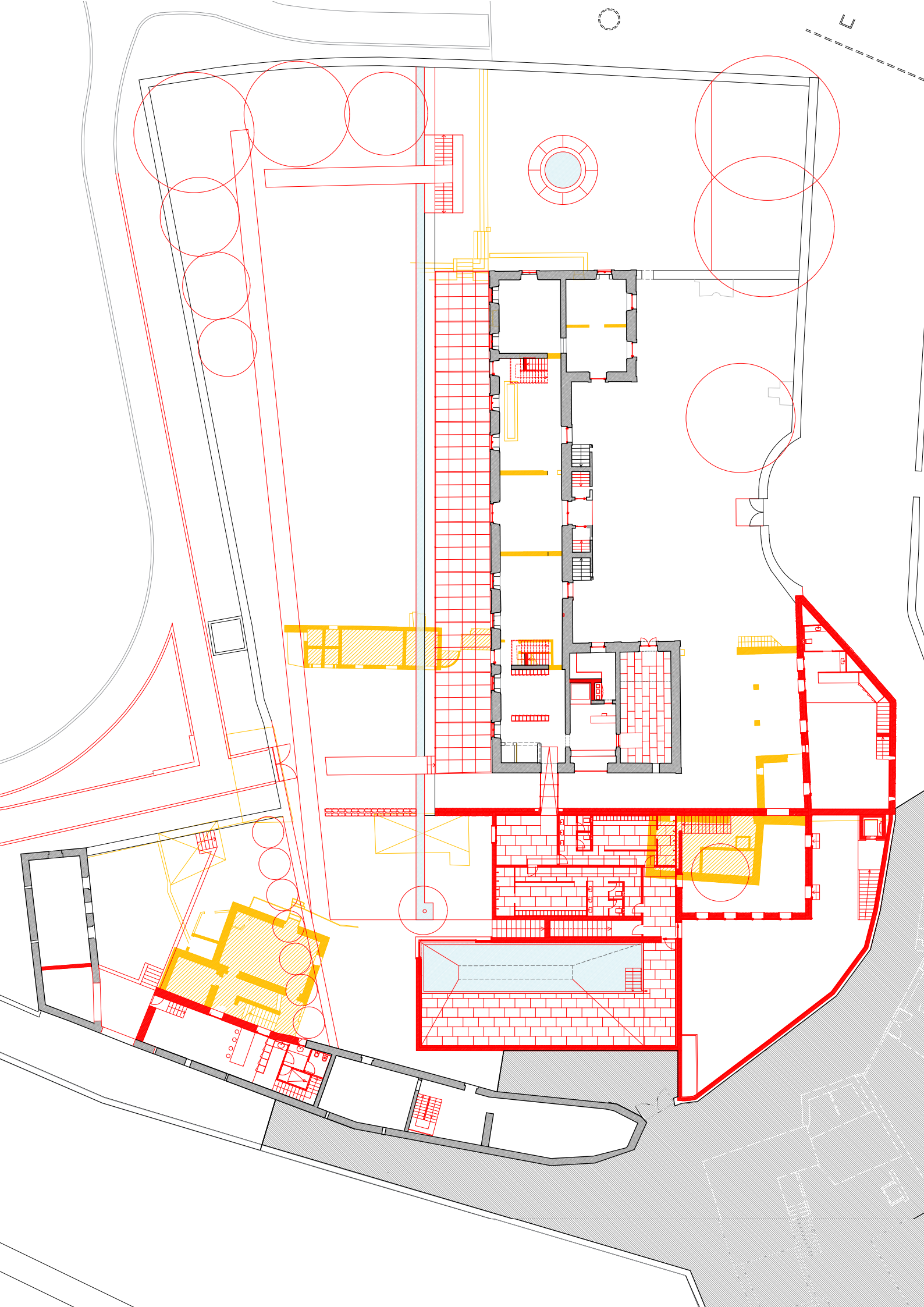




REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DA QUINTA DAS LAMAS.
E-LEARNING E FITNESS, 4º Ano, 2020
Vermelhos e Amarelos Planta Piso 0.

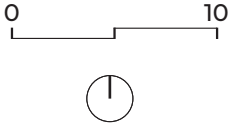
Fig. 102.

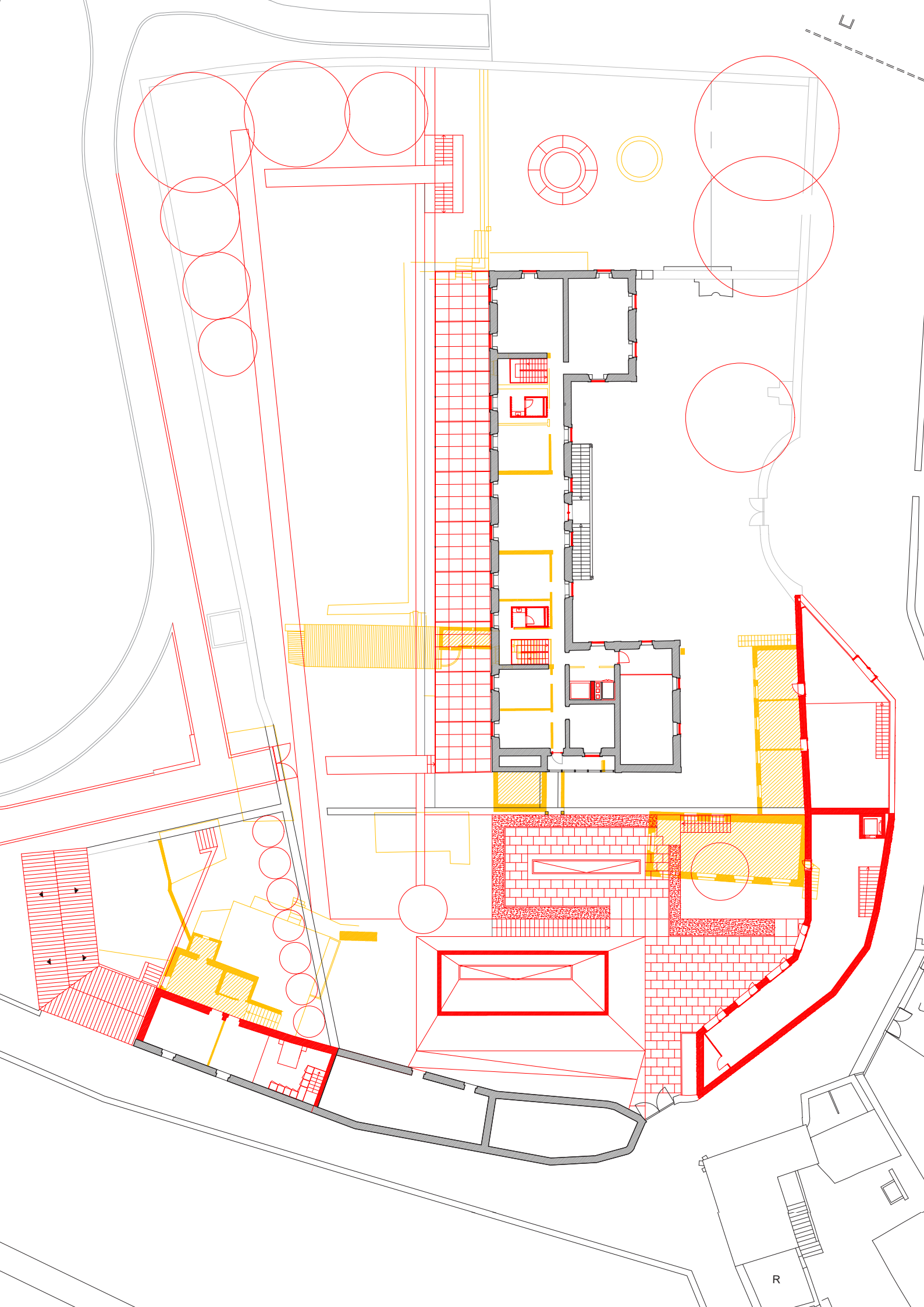




REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DA QUINTA DAS LAMAS.
E-LEARNING E FITNESS, 4º Ano, 2020
Vermelhos e Amarelos Planta Piso 1.

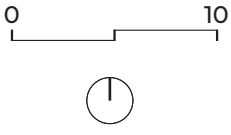
Fig. 103.

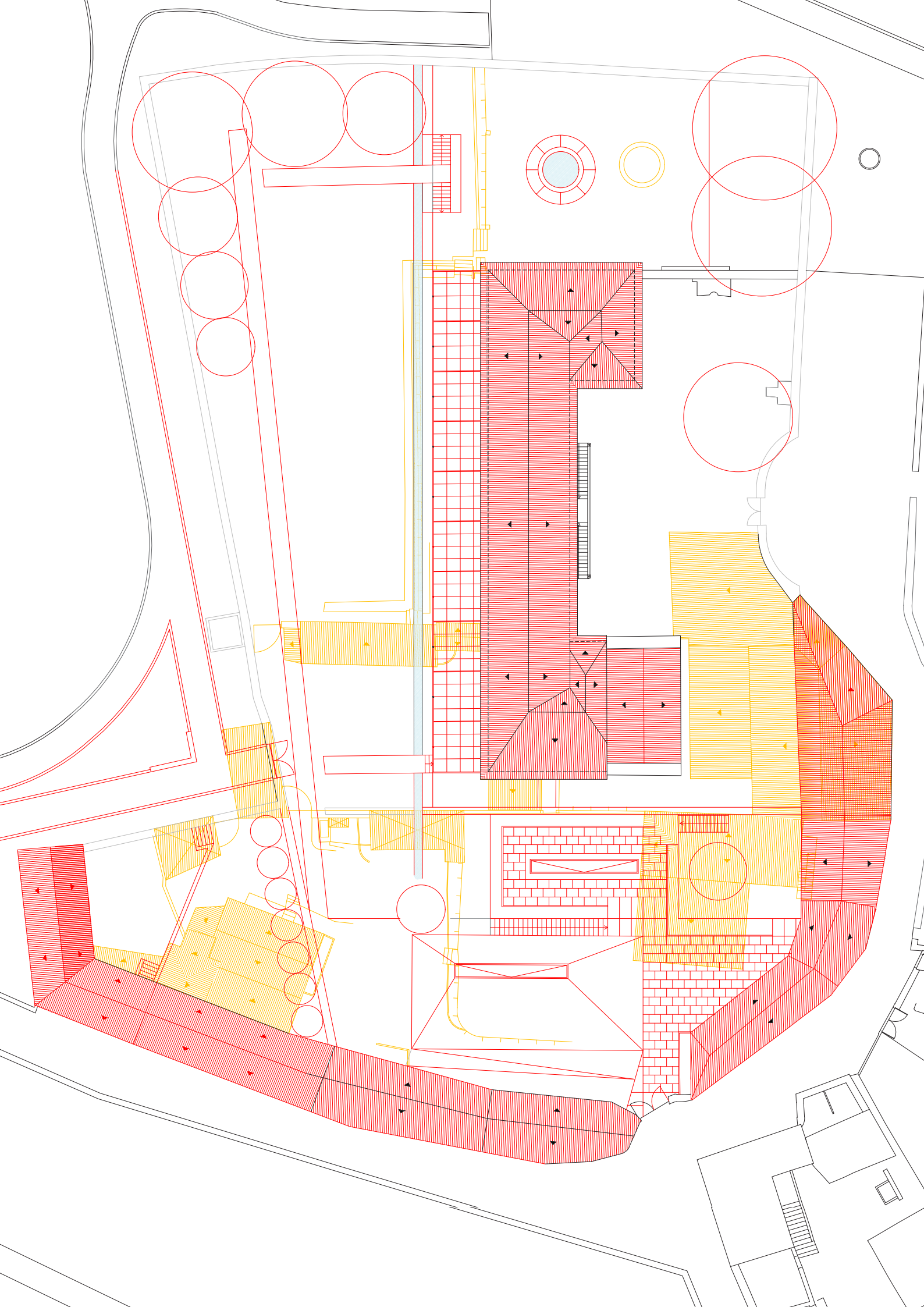



R

REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DA QUINTA DAS LAMAS.
E-LEARNING E FITNESS, 4º Ano, 2020
Vermelhos e Amarelos Planta Cobertura.

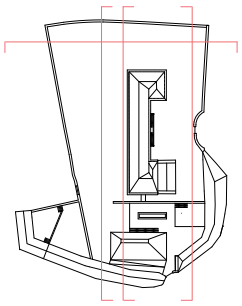
Fig. 104.

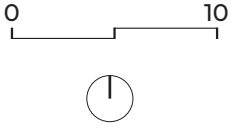


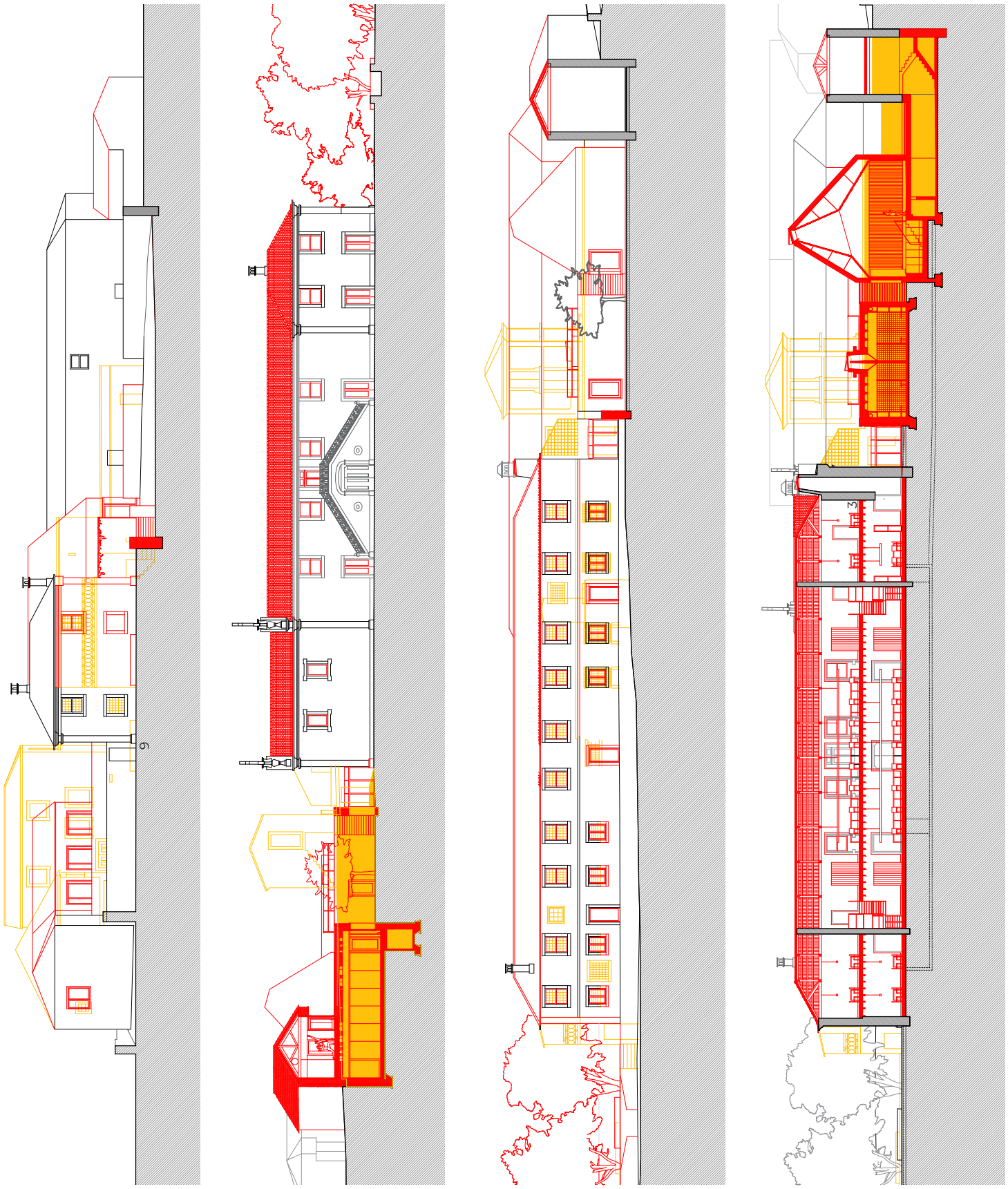


REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DA QUINTA DAS LAMAS.
E-LEARNING E FITNESS, 4º Ano, 2020
Vermelhos e Amarelos Cortes.

Fig. 105, 106, 107 e 108.







REABILITAÇÃO E AMPLIAÇÃO DA QUINTA DAS LAMAS.
E-LEARNING E FITNESS, 4º Ano, 2020
Vermelhos e Amarelos Cortes.
Fig. 109, 110, 111, 112 e 113.

